UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC

ANDRESSA DE FRANÇA MONTENEGRO

CONTAÇÃO E ESCRITA DE HISTÓRIAS INFANTIS: A PEDAGOGIA DA ESCUTA COMO UM CAMINHO PARA A PROTEÇÃO E (TRANS)FORMAÇÃO DA CRIANÇA

MOSSORÓ - RN
2021

ANDRESSA DE FRANÇA MONTENEGRO

CONTAÇÃO E ESCRITA DE HISTÓRIAS INFANTIS: A PEDAGOGIA DA ESCUTA COMO UM CAMINHO PARA A PROTEÇÃO E (TRANS)FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Drª Giovana Carla Cardoso Amorim.

MOSSORÓ - RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

F814c França Montenegro, Andressa de

CONTAÇÃO E ESCRITA DE HISTÓRIAS INFANTIS: A PEDAGOGIA DA ESCUTA COMO UM CAMINHO PARA A PROTEÇÃO E (TRANS)FORMAÇÃO DA CRIANÇA. / Andressa de França Montenegro. - Mossoró, RN, 2021.
150p.

Orientador(a): Profa. Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Contação de História. 2. Educação Infantil. 3. Pedagogia da Escuta. 4. Violência contra criança. I. Carla Cardoso Amorim, Giovana. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ANDRESSA DE FRANÇA MONTENEGRO

CONTAÇÃO E ESCRITA DE HISTÓRIAS INFANTIS: A PEDAGOGIA DA ESCUTA COMO UM CAMINHO PARA A PROTEÇÃO E (TRANS)FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Drª Giovana Carla Cardoso Amorim.

Data da aprovação _____ /_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Giovana Carla Cardoso Amorim - UERN
Orientadora **-** UERN/FE/POSEDUC

_____

Profª. Drª. Patrícia Cristina Aragão
Examinador Externo - UEPB

_____

Profª. Drª. Ana Lúcia Oliveira Aguiar
Examinador Interno **-** UERN/FE/POSEDUC

_____

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Examinador Interno - UFERSA

_____

Profª. Drª. Francisca Maria Gomes Cabral Soares
Examinador Interno UERN/FE/POSEDUC

Dedico esta pesquisa a Deus por ter me capacitado até aqui. Aos meus pais, pelo amor e investimento em minha vida. As minhas irmãs, pelo incentivo. A Wogel e Luquinhas por terem me acompanhado todos os dias com paciência e amor.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Eterno, agradeço por me capacitar e amar incondicionalmente. Aos meus pais agradeço pelo esforço e dedicação em oferecer o melhor estudo e o melhor de vocês para mim e minhas irmãs. Palavras jamais serão suficientes para expressar a gratidão em meu coração. As minhas irmãs agradeço por me ajudarem a sorrir e alegrar meu coração. Amo todos vocês. Ao meu esposo, Wogel, e filho, Luquinhas, agradeço por viveram cada passo dessa pesquisa ao meu lado, seja me tranquilizando, trazendo palavras de motivação e contribuindo de muitas outras formas. Deus os recompense pela paciência e amor a mim dispensados. A minha orientadora, Giovana Amorim, serei sempre grata pelas primeiras palavras de motivação e cada orientação para seguir adiante com muito mais leveza e confiança. A professora Ana Lúcia Aguiar por nos ajudar a realinhar a visão com a chegada da pandemia. Sua disposição em nos orientar e percepção sobre a pesquisa nos trouxe maior clareza sobre os passos a serem trilhados. A professora Francisca Cabral por me despertar para a pedagogia da escuta. A professora Patrícia Aragão, pelo sorriso que nos traz paz, pelas contribuições e leitura desta dissertação. A querida amiga Ana Paula Braga por sempre se fazer presente por meio de palavras e ações, sempre disposta a abençoar com toda alegria. A Leni Andrade e Genesi Carriel pelas palavras que me direcionaram à Luz. Aos Pastores, ministério infantil e amigos da Igreja do Nazareno, no nome do Pr. Claudio Lins, pelas orações e conselhos. Aos profissionais exemplares e prefaciadores dos livros infantis publicados durante a pesquisa: Carla Filomena, Giovana Amorim, Ramon Rebouças, Sasha Alves. A Jéssika Holanda pela revisão ortográfica feita com tanto esmero. A Andressa Arruda pelas belíssimas ilustrações. Aos diagramadores Arimatéia, Amanda e Carol pela paciência e competência. A Daniele Belmont pelas palavras de motivação e toda ajuda oferecida. As edições UERN pela colaboração e orientações no processo de publicação de cada livro. Aos colegas do mestrado por sempre se colocarem a disposição ao longo dessa trajetória de estudos por meio do compartilhar de ideias impulsionando o avanço durante a pesquisa. A Darlly e Pollyana pelas palavras de incentivo e amizade. A Adiza por sua disposição e paciência em escutar, orientar e acolher de modo especial. A cada espaço que abriu as portas para receber uma contação de história, no nome de Marta Priscila, agradeço de todo coração. Ao

conselho tutelar da 33º e 34º Zona, no nome de Umberiana Maniçoba, grata por cooperar com esta pesquisa. A todas as pessoas que um dia me escutaram, ouviram com paciência e amor ajudando-me a trilhar a caminhada com alegria. Deus abençoe a cada um(a)!

“A criança não pensa nem melhor nem pior que o adulto; ela pensa de modo diferente. A nossa maneira de pensar é feita de imagens um pouco apagadas e de sentimentos empoeirados. A criança pensa com seus sentimentos, não com sua inteligência. Isso dificulta a nossa comunicação com ela e não há, provavelmente, arte mais difícil que a de falar com as crianças…” (KORCZAK, 1983, p.304)

RESUMO

A pesquisa apresenta experiências em escolas da rede pública e comunidade rural, associação, praças, unidade de acolhimento de crianças e igrejas na cidade de Mossoró/RN e teve como objetivo compreender as contribuições da contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta, para a proteção e (trans)formação da criança. O referencial teórico utilizado para a construção dessa dissertação se ancorou em autores que tecem sobre a Contação de História, como: Abramovich (1995), Gottman e Claire (1997), Coelho (2008), Zilberman (2003), Alves (2011) e Brenman (2019); Pedagogia da Escuta, com Malaguzzi, L. (2016), além de Gandini, L. (2016), Edwards, C. (2016), e Forman, G. (2016); sobre a Educação Infantil, Kramer, S. (2015) e Campos, M. (2008); e, por último, relacionado sobre a violência contra criança, Faleiros e Faleiros (2008) e Odália (2004). No que se refere a metodologia, utilizamos a abordagem qualitativa sustentando-nos em Bogdan e Biklen (1994) e Minayo (2007); sobre o método autobiográfico, Halbwachs (1990), Alberti (2005), Josso (2010) e Larrosa, (2011). O sujeito da pesquisa é a própria autora, posto ter vivenciado as experiências nos espaços educativos. O lugar deste estudo são as memórias, as histórias contadas, as histórias escutadas e escrita que se fizeram em livros, posto que o que há é o estatuto do outro, do ser, através da contação e da escrita de histórias na educação infantil que traz a promoção da visibilidade à situação de negligência e demais violências contra a criança. Esta dissertação organizou-se em seis etapas: construção do estado da arte; pesquisa do referencial teórico; relato de experiências nos espaços educativos; relato sobre as escritas das histórias infantis; perfil de vulnerabilidade das crianças no município de Mossoró/RN e, por último, as contribuições da pesquisa. Podemos inferir que, a partir das experiências e narrativas da autora, considerando suas reflexões e reconstrução da prática pedagógica no ato de contar história nos diferentes espaços educativos, uma nova visão passou a florescer na perspectiva de levar informação, promover a autoproteção da criança e escuta dos seus dilemas. Por meio das narrativas, é perceptível o processo de autoformação da autora culminando em novas ações possíveis de serem utilizadas como estratégias pedagógicas envolvendo a contação de história e escuta, com vistas às questões referentes ao direito das crianças. O levantamento de dados fornecidos pelo Conselho Tutelar da

33º e 34ª zona de Mossoró/RN confirmam a violência contra a criança e impulsiona reflexões sobre o papel da escola como colaboradora da Rede de Proteção. Para isso, algumas estratégias foram pensadas como possíveis ações potencializadoras no combate à violência contra criança, podendo vir a fortalecer ações já existentes no Sistema de Garantia de Direitos, aperfeiçoar e até repensar políticas públicas que favoreça a prevenção e garantam a proteção das crianças.

Palavras-chave: Contação de História. Educação Infantil. Pedagogia da Escuta. Violência contra criança.

ABSTRACT

The research presents experiences in public schools and rural communities, associations, squares, childcare units and churches in the city of Mossoro/RN and aimed to understand the contributions of telling and writing children's stories, from the perspective of pedagogy of listening, for the protection and (trans)formation of the child. The theoretical background used for the construction of this dissertation was based on authors who weave about storytelling, such as: Abramovich (1995), Gottman and Claire (1997), Coelho (2008), Zilberman (2003), Alves (2011) and Brenman (2019); Pedagogy of Listening, with Malaguzzi, L. (2016), in addition to Gandini, L. (2016), Edwards, C. (2016), and Forman, G. (2016); about early childhood education, Kramer, S. (2015) and Campos, M. (2008); and, finally, related to violence against children, Faleiros and Faleiros (2008) and Odalia (2004). Regarding methodology, we used the qualitative approach, based on Bogdan and Biklen (1994) and Minayo (2007); regarding the autobiographical method, Halbwachs (1990), Alberti (2005), Josso (2010) and Larrosa, (2011). The research subject is the author herself, since she has lived the experiences in educational spaces. The place of this study are the memories, the stories told, the stories heard and written that were made into books, since what exists is the status of the other, of the being, through the telling and writing of stories in childhood education that brings the promotion of visibility to the neglecting situation and other violence against children. This dissertation was organized in six stages: state of the art construction; theoretical background research; experiences in educational spaces report; the writing of children's stories report; profile of children vulnerability in the municipality of Mossoro/RN and, finally, the contributions of the research. We can infer that, from the author's experiences and narratives, considering her reflections and reconstruction of the pedagogical practice in the act of storytelling in different educational spaces, a new vision began to blossom in the perspective of bringing information, promoting the child's self-protection, and listening to their dilemmas. Through the narratives, it is perceptible the process of self-training of the author culminating in new actions possible to be used as pedagogical strategies involving storytelling and listening, with a view to issues concerning the rights of children. The survey of data provided by the

Guardianship Council of the 33rd and 34th zones of Mossoro/RN confirm the violence against children and encourage reflection on the role of the school as a collaborator of the Protection Network. To this end, some strategies were thought as possible potential actions to combat violence against children, which may strengthen existing actions in the System of Rights Assurance, improve and even rethink public policies that favor prevention and ensure the protection of children.

Keywords: Storytelling. Early Childhood Education. Pedagogy of Listening. Violence against children.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentando um dos primeiros 15
Figura 2: Registro ao lado do professor Assis. 15
Figura 3: Exposição de livros confeccionados com a participação das crianças na Escola A. 16
Figura 4: No parque da creche-escola com a turma do infantil 2. 17
Figura 5: Encontro com os pais em uma atividade em sala de aula. 18
Figura 6: Primeira turma de alfabetização. 19
Figura 7: Ao lado da equipe de professoras atuando como coordenadora pedagógica. 19
Figura 8: Momento de música no dia das mães das crianças da Unidade de Acolhimento. 16
Figura 9: Lazer com as crianças e voluntários do Projeto. 16
Figura 10: Etapas da pesquisa 21
Figura 11: Descritor Pedagogia da escuta AND Educação Infantil 32
Figura 12: Descritor Contação de história AND Educação Infantil 32
Figura 13: Descritor contação de história AND Violência contra a criança 33
Figura 14: Linha do tempo – Direito da Criança 46
Figura 15: Perfil das crianças do Brasil 49
Figura 16: Contação de história com recursos diversos. 64
Figura 17: Registro feito pela criança do seu autorretrato. 65
Figura 18: Registro sobre “O que você quer ser quando crescer.” 66
Figura 19: Registro sobre “O que você quer ser quando crescer” 66
Figura 20: Registro sobre “O que você quer ser quando crescer.” 67
Figura 21: Registro sobre “O que você quer ser quando crescer.” 68
Figura 22: Contação de história com o uso do paraquedas cooperativo na Praça Dix-Huit Rosado 69
Figura 23: Contação de história na Praça dos patins. 69
Figura 24: Contação de história na Praça dos carrinhos. 70
Figura 25: A interação por meio da contação 71
Figura 26: Contação no bairro Alto da Pelonha 73
Figura 27: Entrega de chinelos às crianças carentes 73

Figura 28: Contação junto à Associação contra o abuso infantil. 75
Figura 29: Contação junto ao Projeto Palavra Viva. 75
Figura 30: Contação de história e música na UEI Lindalva de Oliveira – Mossoró/RN 76
Figura 31: Contação de história na Escola Municipal Vila Serra do Mel 76
Figura 32: Contação de história com o boneco “Esticadinho” na Unidade de Educação Infantil Maria Dolores – Mossoró/RN. 77
Figura 33: A interação com o personagem. 77
Figura 34: Crianças fazendo fila para abraçar o personagem da história, na pós-contação 78
Figura 35: Primeira visita à UEI Adalgiza Fernandes 79
Figura 36: A atenção das crianças ao ouvir a história O SEGREDO DA TARTARNINA 80
Figura 37: Boneco articulável 81
Figura 38: desenho e corte da silhueta dos bonecos 81
Figura 39: Contação de história com os personagens Verdinando e Amarelina 82
Figura 40: Conversa no momento pós-contação 87
Figura 41: Capa da matéria 88
Figura 42: Reportagem falando sobre a contação de história e aprendizagem 89
Figura 43: Atividades propostas em período de pandemia. 93
Figura 44: Capa do livro *A história de Josefino* 103
Figura 45: Capa do livro Amarelina e Verdinando em: 105
Figura 46: Capa do livro Lala, a menina que voltou a sorrir 106
Figura 47: Capa do livro O mundo animal e seus filhotinhos. 107
Figura 48: Uma conversa antes da história 112
Figura 49: Interação da criança e personagem durante a história. 113
Figura 50: Interação das crianças com o personagem Esticadinho. 115
Figura 51: A menina “A” fazendo pose, após relatar seu dilema. 115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das pesquisas encontradas na plataforma da BDTD conforme descritores..... 33
Quadro 2 - Contação e escrita de histórias infantis: A pedagogia da escuta como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança 34
Quadro 3 - A gente tem que falar para crescer: possibilidades e desafios do trabalho pedagógico mediante a escuta das narrativas infantis. (SALOMÃO, S. 2008). 35
Quadro 4 - “Agora eu...”. Um estudo de caso sobre as vozes das crianças como foco da pedagogia da Infância. (OLIVEIRA, R. 2011).. 37
Quadro 5 - O olhar docente sobre escuta, autoria e protagonismo das crianças em uma escola municipal de educação infantil na cidade de São Paulo – Conquistas e desafios. (ALBOZ, V. 2016)..... 37
Quadro 6 - Estudo das vivências infantis por meio da contação de história.... 38
Quadro 7 - O pensar bem na Educação Infantil. (OLIVEIRA, E. 2016) 39
Quadro 8 - Leitura e contação de histórias na educação infantil: um estudo sob a perspectiva da teoria histórico-cultural. (Sampaio, M. 2016).. 39
Quadro 9 - Contação de histórias e dialogia na Educação Infantil: uma experiência educativa. (SODRÉ, L.2017) 40
Quadro 10 - Contação de história como estratégia para a prevenção do abuso sexual infantil. (SOMA, S. 2014) 41
Quadro 11 - Diálogo com as crianças no momento antes da contação..... 83
Quadro 12 -: Momento da contação de história.. 85
Quadro 13 - Diálogo com as crianças no momento pós-contação. 87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição geral dos casos de violação, no período de 2015-2020, Mossoró-RN 120
Gráfico 2 – Distribuição Geográfica dos casos de Violação, no período de 2015-2020, Mossoró-RN 121
Gráfico 3 – Distribuição geral dos casos de violação, por zona, no período de 2015-2020, Mossoró-RN 122
Gráfico 4 – Distribuição dos casos de violação, por faixa etária, no período de 2015-2020, Mossoró-RN 123

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEUB	Centro Universitário de Brasília
CF	Constituição Federal
EBC	Empresa Brasil de Comunicação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LACRI	Laboratório de Estudos da Criança
MEC	Ministério da Educação
NCPI	Núcleo Ciência pela Infância
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
POSEDUC	Programa de Pós-graduação em Educação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RN	Rio Grande do Norte
UEI	Unidade de Educação Infantil
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância
UNINOVE	Universidade Nove De Julho
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 15

1 POR ENTRE TRILHAS, ROTAS, VEREDAS: O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA 22

1.1 Uma rota de descobertas..... 22

1.2 Um caminhar como a argila nas mãos do oleiro 17

1.3 Na arte de contar histórias, o que dizer? 23

1.4 O que o outro conta, nos reconstrói..... 30

2 UMA NOVA ESCUTA, UM NOVO OLHAR..... 44

2.1 Criança da vida real – um ser pensante, um ser em desenvolvimento, um ser de direitos..... 44

2.2 Pela pedagogia da escuta: o reconstruir a escola e a criança..... 54

2.3 Experiências que revelam a ação da contação à pedagogia da escuta 62

2.3.1 A unidade de acolhimento..... 64

2.3.2 Praças..... 68

2.3.3 Igrejas e associação..... 71

2.3.4 A escola 76

2.4 A criança, a escuta e o adulto – uma tríade inseparável.....89

3. A ARTE DO FAZER E O DESEJO EM COLABORAR..... 102

3.1 Do eu autora ao eu pesquisadora: histórias criadas no social para alertar e proteger os ouvintes..... 102

3.2 Estratégias que contribuam para a promoção dos direitos da criança e proteção no exercício da contação de história e escuta..... 110

3.3 Panorama sobre a violência contra a criança e adolescentes na cidade de Mossoró/RN..... 118

3.4 A escola como colaboradora da rede de proteção à criança 125

4 A PRÁTICA MUDOU, A VISÃO AMPLIOU E AS EXPECTATIVAS CONTINUAM 136

REFERÊNCIAS 140

APÊNDICE 150

INTRODUÇÃO[1]

A contação de história para crianças é uma realidade bem presente nos espaços escolares. São muitas as percepções acerca da sua importância para os processos educativos infantis. Será que ela também pode ser usada para promover transformação de atitudes e se tornar um instrumento de prevenção na vida das crianças que tem sofrido com a violação dos seus direitos? Ao falarmos em "atitudes" devemos compreendê-las na visão de Davidoff (2001, p.647) quando diz que atitudes "[...] estão associadas a comportamentos, crenças e sentimentos". Diante dessas reflexões, surge o seguinte questionamento: Quais as contribuições da Contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta, como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança? Na perspectiva de responder tal questionamento, tivemos como objetivo compreender as contribuições de histórias infantis contadas/produzidas, sob a ótica da pedagogia da escuta para a proteção e transformação da criança.

Delimitando a pesquisa, consideramos como objetivos específicos: descrever o contexto do pesquisador, o objeto de estudo e as pistas metodológicas; identificar as possibilidades pedagógicas no ato de contar e ouvir histórias e presentar, a partir das histórias escritas, possibilidades para futuros projetos que busquem a transformação e proteção da criança.

Este estudo nasceu a partir das minhas experiências e inquietações vivenciadas em escolas da rede pública e comunidade rural, associação, unidade de acolhimento de crianças, praças e igrejas frequentadas no Município de Mossoró/RN. Esses locais foram palcos de muitas alegrias e, também, de preocupações, pois ao sair de cada ambiente, a sensação era de ter deixado uma lacuna para trás, e ao final de cada história, as crianças demonstravam a necessidade de conversarem e de serem ouvidas, mas não havia tempo para isso.

Em cada ambiente, eram levadas histórias com temáticas variadas, considerando a realidade local. Algumas sugeridas pelos órgãos (escolas, unidade de acolhimento, associação e igrejas) no momento do convite. No decorrer das

[1] O texto contém partes escritas em primeira pessoa, por trata-se de uma pesquisa (auto)biográfica em que as experiências da autora compõem a construção do objeto de estudo.

histórias contadas, era percebido nas crianças certa identificação, muitas expressões em seus rostos como, por exemplo, alegria, raiva ou tristeza (algumas crianças chegando até às lágrimas durante a contação). Ao finalizar o momento, ficava o questionamento: como eu poderia ajudar as crianças, já que sentia com expressividade a necessidade de falar sobre a realidade que estavam vivenciando? Algumas delas me procuravam para abrir o coração, ou tirar dúvidas, uma vez que se identificavam com as histórias. Choravam e abraçavam, sem dizer uma palavra, mas com uma afetividade indicativa de suas dores. No entanto, percebia em algumas, de início, atenção fixa na história contada e comportamentos diferentes, ao término: leves, felizes e sobretudo, desejosas de falar sobre seus dilemas. Visualizei nas expressões de seus rostos suas carências e necessidades. Então, a sensação era de que era preciso incluir a escuta das crianças nessa ação que estava em minha narração, era preciso incluir seus anseios, seus relatos, ter um tempo pós-contação, um tempo para ouvir o que as crianças tinham a dizer sobre a história, as suas reflexões e posicionamentos diante do que foi dito.

São muitos os questionamentos, e sem dúvidas, muitas reflexões a serem feitas. Passar por algumas experiências com crianças até aqui, foi passar a refletir novas práticas, pensar nos sujeitos e abraçar um novo mundo. O mundo das descobertas. Todos descobrem algo para se cobrir não só de informações, mas de novas habilidades que os tornam mais resilientes, seguros e autônomos. Quem descobre? Descobrem as crianças, descobrem os adultos que passam a enxergar práticas e ações com um novo olhar e passam a observar a criança de modo diferente sabendo que ela tem algo a contar.

Fui percebendo que não bastava contar a história e ir embora. Era preciso algo a mais! Então, o que fazer diante da realidade percebida? Como a contação de história poderia atuar como instrumento protetor e (trans)formador trazendo alento aos corações das crianças que tem sofrido com seus dilemas? Será que ela pode ser usada para gerar transformação promovendo a reflexão, a livre expressão, a escuta, a resiliência às crianças e ainda, propiciar proteção às suas vidas? Com isso, veio a seguinte pergunta: Quais as contribuições da Contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta, como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança?

Ao falarmos sobre criança logo nos remetemos a palavras como brincadeiras,

alegria, lazer, e tantos outros termos que trazem, em seu conceito, ideias desprovidas de sentimentos de solidão, angústia e preocupação.

Contudo, dados alarmantes vêm crescendo ao redor do mundo de crianças que tem tido a sua infância roubada pela violação dos seus direitos. De acordo com o site de comunicação, Agência Brasil[2], o disque 100 fez o levantamento de 86,8 mil denúncias de violações de direitos de crianças ou adolescentes ao longo de 2019, um aumento de quase 14% em relação a 2018. As consequências encontradas nesses dados terminam se refletindo no comportamento das crianças que externalizam em suas ações atitudes de tristeza, agressividade, ansiedade, angústia, entre outras e que terminam afetando diretamente na aprendizagem escolar. Segundo Rossini (2008, p.15) “A falta de afetividade leva a rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à ausência de vontade de crescer.”

É preciso ajudar as crianças em seus espaços escolares, já que muitas vezes em casa elas não conseguem ser ouvidas por aqueles que deveriam ajudá-las. Então, com quem as crianças compartilham seus dilemas? Para onde e para quem estão levando suas reflexões, dúvidas e medos? A escola pode vir a ser esse lugar, desde que seja um lugar acolhedor, afetivo, dialógico e que, de fato, respeite os direitos das crianças. Se queremos ver crianças mais felizes, ver crianças com atitudes transformadas, que as beneficiem e favoreçam o bem-estar comum à sociedade, precisamos ajudá-las a encontrar isso, não de maneira imposta, mas reflexiva. Dohme (2017, p.23) entende que:

> É preciso que as pessoas tenham olhos para ver a realidade da sociedade que as cerca, identificando as atitudes que levam a prosperidade, para incentivar estas e reprimir as danosas, e saber manejar as suas opiniões, para que em conjunto com o pensamento dos demais, possam ter uma vida útil e feliz.

Os professores têm muitos papéis e compromissos, e um deles sem dúvidas, é manter-se conectado com a realidade local para que sua proposta pedagógica

---

[2]A Agência Brasil é um veículo de comunicação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) que tem seus conteúdos reproduzidos por sites e veículos impressos no Brasil e exterior. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/denuncias-de-violacoes-contra-criancas-e-adolescentes-aumentam-14

alcance a realidade de todos os alunos. Incentivar atitudes positivas e, acima de tudo, fazê-los refletir sobre as questões que os rodeiam poderia ser um dos primeiros objetivos almejados pelos educadores.

A escola do passado tinha o seu foco nas aprendizagens formais, pautadas num currículo rígido, sem levar em consideração as individualidades dos alunos, ler e escrever era a prioridade, além de somar, dividir e multiplicar. Sabemos que para os dias atuais, isso não basta. Segundo Assman (1998, p. 33):

> É preciso substituir a pedagogia das certezas e dos saberes pré-fixados por uma pedagogia da pergunta, do melhoramento das perguntas e do "acessamento" das informações. Em suma, por uma pedagogia da complexidade, que saiba trabalhar com conceitos transversáteis, abertos para a surpresa e o imprevisto.

Para fazer a diferença na vida das crianças precisamos, primeiramente, conhecer o contexto em que vivem, como citou Dohme (2017) anteriormente, isso trará maior sensibilidade ao educador, que as enxergará com mais amor, por conhecer a sua realidade. A pedagogia das certezas, como cita Assman (1998), não cabe mais em nosso mundo educacional, e as surpresas e imprevistos podem vir a ser encontrados na história de vida de cada criança.

É preciso que venhamos a oferecer espaços para os saberes dos alunos, para suas dúvidas e questionamentos que podem ir além do currículo. Concomitante, oferecer espaço para a escuta, momento esse que o aluno vai poder falar sem pré-julgamentos, sentindo-se acolhido pelos ouvintes e, ao mesmo tempo, amado, por ter tido seu espaço respeitado. Pacheco (2018) diz que "o mundo precisa de amor. É o amor que mais ensina, e com ele se aprende. Onde está o amor no atribulado cotidiano das salas de aula e nas agendas lotadas dos professores?" Talvez precisemos rever nossos currículos, nossas práticas, nossa forma de olhar o outro, nossa visão de educação de crianças.

As histórias de vida de cada criança falam cada vez mais alto em suas ações e expressões, e isso muitas vezes, as impedem de ouvir os professores conteudistas em sala de aula. Alguns professores sonham em lecionar a alunos silenciosos, contudo precisamos ter cuidado, pois, alguns podem estar em silêncio, mas o seu interior, gritando por socorro para serem ouvidas. Outras crianças literalmente gritam, batem e extrapolam, mas na verdade, estão clamando por serem silenciadas em seus lares e em suas escolas. As crianças precisam ser

ouvidas, as crianças precisam se expressar. Se as suas bocas não abrem e gritam, suas almas clamam dizendo que querem falar. Mas quem as escutarão? Precisamos preparar as crianças, não para que caminhem só, mas para que, nessa dinâmica social, tenham melhor qualidade de vida. Acreditamos que a contação de história pode ser uma boa alternativa para isso, mas não ela só, a visão da pedagogia da escuta precisa estar atrelada a ela, dando oportunidade de todos poderem falar, expressando-se de variadas formas, construindo novos conceitos ou reforçando àqueles que já trazem consigo.

Segundo ROSSINI (2008, p.15), “As crianças devem ter a oportunidade de desenvolver sua afetividade. É preciso dar-lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço”. Isso não pode ser um jogo de “empurra” entre família e escola, conforme expressa a autora supracitada, mas deve contar com o compromisso de todos. A pedagogia da escuta deixa claro, que no processo educacional o centro não será apenas o aluno, mas também a família e os professores. A visão sobre o compromisso que todos devem ter em relação às crianças nos remete a Constituição de 1988. Para isso, destaquei o que está escrito no artigo 227 da Constituição

> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Constituição Federal,1988 art. 227)

A Constituição de 1988 tornou-se um marco para crianças e adolescentes que passaram a ser vistas como cidadãos de direitos (e responsabilidades), garantidos em lei, servindo de base para o Estatuto da criança e do Adolescente publicado em 1990.

As crianças do Brasil têm sofrido com a violação dos seus direitos. É preciso conhecer as leis para fazer valer o que está escrito, mas também é preciso atuar na prevenção ajudando-as a caminhar em segurança por meio da informação, ajudando-as a refletir sobre os perigos que as rodeiam e, com isso, preparando-as também para como agir em meio às situações.

A contação de história pode ser um dos caminhos que leve a proteção das crianças por meio das informações, podendo ser esse um momento de identificação

com os personagens que as ajudarão em suas próprias questões, descobertas de informações e troca de ideias com as demais crianças e contador de história.

Empenhados na relevância da contação de história, da escuta à criança e violência que as tem atingido, a dissertação está estruturada em três capítulos.

O primeiro capítulo, *Por entre trilhas, rotas, veredas: o começo de uma história* trará quatro tópicos referentes ao início da minha trajetória na área educacional; metodologia da pesquisa; teóricos que abordam a contação de história; finalizarei com o estado da arte quando apresentarei os oito trabalhos que mais se aproximaram desta pesquisa resultando em reflexões acerca da criança, contação de história, escuta, educação infantil e violência contra criança.

No segundo capítulo, *Uma nova escuta, um novo olhar*, falarei sobre as crianças enquanto cidadãs de direitos, inseridas num meio social, que ao mesmo tempo que garante proteção por meio de leis e políticas públicas, na prática, deixa a desejar. Também abordaremos a escola e a criança na visão da pedagogia da escuta, assim como as dificuldades encontradas para que a escuta aconteça e a criança seja vista como protagonista, ativa em seu processo de construção e reconstrução de saberes e experiências. Descreverei minhas vivências contando histórias em escolas, comunidades rurais, praças, associação e igrejas enunciando por meio de fotos e relatos que se intensificarão ao citar uma Unidade de Educação Infantil da cidade de Mossoró/RN. E por último, uma reflexão sobre o mundo da criança e o do adulto permeado pela necessidade da escuta sensível.

No terceiro capítulo, *A arte do fazer, o desejo em colaborar*, assim como os demais capítulos anteriores abarcará quatro tópicos. Aqui serão abordadas as histórias escritas por mim a partir das experiências enquanto contadora de história; a pesquisa realizada junto aos conselhos tutelares de Mossoró apontando a realidade vivenciada pelas crianças no que se refere à violação dos seus direitos; estratégias que contribuam para a promoção dos direitos da criança e proteção no exercício da contação história e escuta; e finalizando, o último ponto desta dissertação, discutirei sobre o papel da escola como colaboradora da Rede de Proteção à criança.

Capítulo 1

POR ENTRE TRILHAS, ROTAS, VEREDAS:
O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA

Fonte: Arquivo pessoal (2003)

(O primeiro espaço infantil vivenciado pela autora, creche-escola, na cidade de Natal/RN)

Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.

Provérbios 16:3

1. POR ENTRE TRILHAS, ROTAS, VEREDAS: O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA[3]

Neste capítulo, explanarei sobre o início da minha trajetória no mundo da contação de história, deixando aberto aos leitores a minha história para melhor compreenderem a relação com a presente pesquisa.

Descreverei a estrutura basilar do que me propus a investigar descrevendo a metodologia e cada etapa do processo de pesquisa, esclarecendo desde a etapa anterior à pesquisa até sua chegada, deixando claro todo processo de construção até onde queremos chegar.

Posteriormente, trarei a fundamentação teórica sobre a contação de história, apresentando a sua importância com citações de autores e reflexões primordiais para a construção das nossas ideias aliadas ao exercício da pedagogia da escuta. Buscando conhecer outros trabalhos relacionados ao tema desta dissertação, apresentarei a pesquisa realizada, denominada “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, baseado na teoria de Ferreira (2002), de caráter bibliográfico. Iremos nos concentrar em 8 estudos que tem relação com a presente pesquisa.

1.1 Uma rota de descobertas

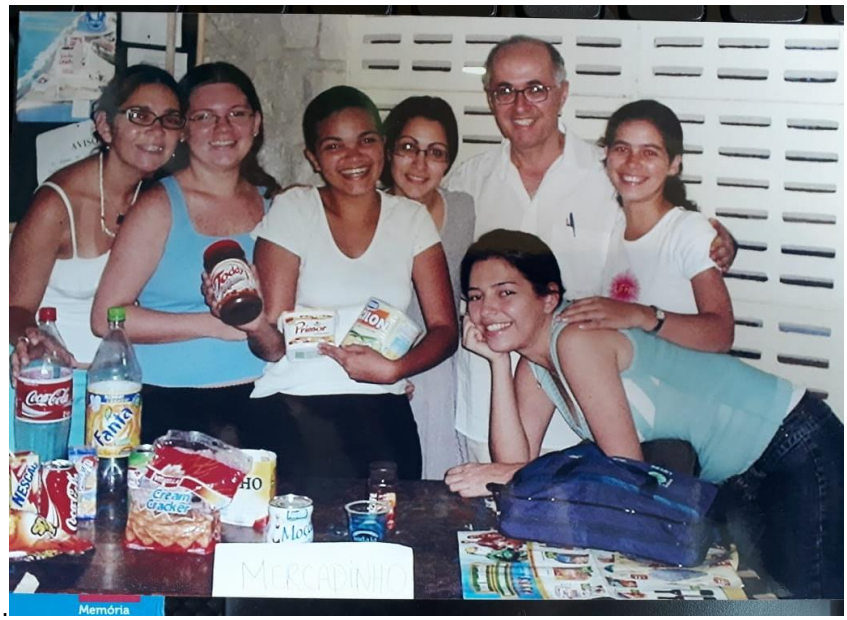
Em 2002 a Pedagogia passou a fazer parte do meu processo de construção e desconstrução nos modos de fazer e viver uma nova história. Numa etapa anterior, havia cursado, numa Universidade privada, um ano do curso de letras, mas parei por não me identificar e fui para jornalismo, cursando um semestre. Logo em seguida, obtive êxito no edital do vestibular em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal.

[3] Para fins de esclarecimento optamos por escrever o texto na primeira pessoa do singular quando se referir as experiências da aluna. Em outros momentos, o texto virá na primeira pessoa do plural.

Figura 1: Apresentando um dos primeiros trabalhos na UFRN

Fonte: Arquivo pessoal, 2002.

Figura 2: Registro ao lado do professor Assis



Fonte: Arquivo pessoal, 2002.

Agora, eu passava a enveredar por uma nova rota, o caminho à educação de crianças, e mais especificamente fui seguindo em direção à Educação Infantil e o mundo da contação de história. O que antes parecia ser um futuro de indecisão acerca do curso que deveria concluir, passou a ser o início de uma nova história a ser descoberta. O descobrimento do mundo infantil.

A UFRN/Natal foi um espaço que me apresentou teorias e práticas, passando a fazer muito mais sentido quando exercitadas dentro de uma creche-escola da rede privada, que denominaremos de Escola A, com uma proposta pedagógica que tinha como referência a Pedagogia de Projetos.

Figura 3**:** Exposição de livros confeccionados com a participação das crianças na Escola A.

Fonte: Arquivo pessoal, 2003.

Na Escola A, todos os dias havia contação de história em sala de aula. As crianças amavam esse momento. A figura três mostra a minha primeira participação numa exposição de livros infantis proposto pela referida escola e, no colo, o aluno com necessidades educacionais especiais - síndrome de down. Como todas as crianças, [4]Eduardo gostava de manusear os livros e ouvir as histórias. Livros que continham cenas de animais eram seus favoritos.

[4] Nome fictício da criança.

Figura 4: No parque da creche-escola com a turma do infantil 2.

Fonte: Arquivo pessoal, 2003.

Essa foi a primeira escola que vivenciei na área educacional infantil, na cidade de Natal. Esse ambiente foi uma escola de vida, pois me ensinou a ter um olhar mais sensível às crianças da primeira infância, além de trazer riquezas de experiências compartilhadas nos planejamentos pedagógicos e capacitações oferecidas, gerando aprendizagens e superações de desafios, uma vez que a minha inexperiência era um obstáculo a ser vencido.

As crianças e profissionais que lá trabalhavam levaram-me a refletir e a resolver situações que a teoria por si só não daria conta de me direcionar, como, por exemplo, as orientações que precisávamos oferecer às famílias em relação aos filhos, relatórios detalhados da evolução das crianças, orientação às auxiliares de sala, cuidado com a higiene e alimentação das crianças considerando suas individualidades.

Figura 5: Encontro com os pais em uma atividade em sala de aula.

Fonte: Arquivo pessoal, 2004.

As paredes das salas de aula e demais espaços da Escola A eram repletas de atividades desenvolvidas pelas crianças. Enquanto passavam para deixar e pegar seus filhos, os familiares contemplavam as artes e primeiros rabiscos realizados pelas crianças. As crianças também apreciavam suas obras demonstrando alegria, apontando com o dedo o que havia feito. Foi aqui que a contação de história começou a fazer parte da minha história como professora de crianças de um ano e dois meses e crianças de dois anos.

No momento da história, eu entendia que o propósito era estimular que as crianças desenvolvessem a oralidade, percebessem as cores e formas contidas nas imagens, a quantidade de objetos que percebiam, além de todo o encantamento que o enredo trazia. Então, minhas expectativas estavam voltadas muito mais para o aspecto cognitivo, sem considerar as relações sociais e os contextos que as envolviam.

Em 2005 mudei de cidade por questões familiares, seguimos em direção à Mossoró/RN. Nessa cidade, mergulhamos em um novo espaço acadêmico para dar continuidade ao curso de pedagogia, mas agora na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, dando continuidade ao curso de Pedagogia. Ao saber que seria transferida, enviei meu currículo para uma escola de Mossoró, indicação de amigos que relataram ser uma escola com boa qualidade de ensino. Abre-se a

oportunidade de iniciar como professora, como vemos na figura seis, lecionando por um período de quatro anos, dando
continuidade como coordenadora pedagógica da Educação Infantil pelo mesmo período, na figura sete.

Figura 6: Primeira turma de alfabetização.

Fonte: Arquivo pessoal, 2005.

Figura 7: Ao lado da equipe de professoras atuando como coordenadora pedagógica.

Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

Com isso, não demorou muito tempo para eu ser convidada a ministrar uma aula, logo ao chegar à Mossoró, e começar a trabalhar em uma escola da rede privada da referida cidade como professora de uma turma de Educação Infantil e, outra, de alfabetização, espaços que podíamos promover, dentre tantas atividades, a contação de história. Essa era uma escola com uma proposta sociointeracionista. A partir desse instante, o intuito era, além de promover o gosto pela leitura aos pequenos, no turno matutino, também, como professora alfabetizadora, no turno vespertino, fazer com que os alunos aprendessem a ler e escrever por meio de todo estímulo à leitura de livros infantis. Além disso, os momentos que eu separava para a contação de história, em sua maioria, aconteciam próximo ao término da aula, tempo em que eu aproveitava para acalmar as crianças, enquanto aguardavam seus pais para pegá-las na escola. A visão de uma prática transformadora, de escuta e conversa, no momento da contação, não existia, pois o que me movia era angústia para ver todas as crianças lendo e escrevendo, além do intuito de vê-las relaxadas de modo silencioso enquanto seus pais chegavam. Contar histórias passou a ser, além do momento para estimular a prática da leitura, também, um subterfúgio para acalmar crianças inquietas e preencher o tempo, de forma pedagógica, nos horários finais da aula.

Figura 8: Momento de música no Dia das Mães das crianças da Unidade de Acolhimento.

Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 9: Lazer com as crianças e voluntários do Projeto.

Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

No decorrer do tempo, a visão foi se ampliando acerca da contação de história. Em 2013 iniciei, junto a Igreja do Nazareno, um projeto chamado “Criança Andando como Jesus”. Esse projeto funcionou numa Unidade de Acolhimento de crianças, por um período de quase seis anos, visitado quinzenalmente levando alimentos, atividades pedagógicas, músicas, muito abraço, além de contação de histórias bíblicas ou histórias de vida de pessoas convidadas, que tinham passado por situações parecidas com as das crianças para relatar suas vivências.

Nesse momento minha visão em relação a contação de história mudou, pois eu passava a conhecer uma nova realidade, as histórias levadas não eram mais numa perspectiva de fazer com que crianças aprendessem conteúdos, tivessem o gosto pela leitura ou fazer o tempo passar enquanto crianças esperavam seus pais, até mesmo porque não iriam chegar para buscá-las já que se tratava de crianças abrigadas. Fazer parte desse projeto com crianças em situação de risco mudou minha forma de contar histórias. Tudo que era contado tinha um propósito muito mais social e afetivo, considerando a realidade daqueles que iriam ouvir, tanto com objetivo de levar-lhes esperança, acalentar seus corações, como trazer ensinamentos básicos para um melhor convívio social entre criança-criança, criança-cuidadores da unidade de acolhimento, além de levar a mensagem do amor de Deus para elas, porém respeitando suas crenças. A descoberta dessa unidade de

acolhimento e a nova visão que recebi ao adentrar nesse espaço fez-me refletir melhor sobre as histórias que eu passaria a contar em outros lugares.

Pouco a pouco, além da história, passei a inserir a música no momento da contação. Percebi que a música ajudava as crianças a fixar a história contada, além de envolvê-las com maior ludicidade, gerando melhor concentração. Passei a trilhar pelo universo da música e contação de história na prática pedagógica. Como a unidade de acolhimento, as escolas públicas também foram muito importantes em meu processo de aprendizagem para compreender melhor e ser mais sensível à realidade de muitas crianças no movimento de aproximação no ato da contação.

Em relação à música, tive a oportunidade de gravar dois CDs para crianças, “Criança Andando como Jesus” e “Palavra Viva”, também escrevi algumas canções pedagógicas que proporcionaram um alinhamento do ponto de vista lúdico para meu trabalho de contação de histórias, considerando que o corpo e a música contam uma história.

Em cada espaço e caminho percorrido, a visão se ampliava acerca da contação de história, em relação àqueles que, para mim eram apenas ouvintes, mas aos poucos foram sendo sujeitos ativos, participantes do processo da contação.

De que forma a prática mecânica de contar histórias mudou? Uma prática só muda, quando muda a visão de quem a produz. Uma variedade de estratégias é utilizada no ato de contar história, mas ela só fará sentido se houver objetivo bem definido acerca do que se quer alcançar. Vamos lembrar de um trecho bem conhecido do livro En el país de las maravillas, de Lewis Carroll (2001)...

> […]¿Podrías decirme, por favor, qué camino he de tomar para salir de aquí?
> —Depende mucho del punto adonde quieras ir —contestó el Gato.
> —Me da casi igual adónde —dijo Alicia.
> —Entonces no importa qué camino sigas —dijo el Gato. (p.65-66)

Esse diálogo de Alice com o gato nos deixa uma grande lição: precisamos saber aonde queremos chegar com àquilo que fazemos, caso contrário, qualquer resultado ascenderá. No ato pedagógico não é diferente, também precisamos saber aonde queremos chegar porque, nele, “qualquer caminho” não serve, e, sendo assim, na contação de história também não.

O que todas essas reflexões têm a ver com a temática desse projeto? Percebi que variantes importantes nesse processo da entrada ao mundo acadêmico, como a

escolha do curso, até às práticas em escolas e unidade de acolhimento de crianças, como conhecer a realidade dos espaços, das crianças e o exercício da escuta, tiveram seus méritos e forte influência para que até aqui eu pudesse chegar com a pesquisa em questão.

1.2 Um caminhar como a argila nas mãos do oleiro

O oleiro, ao manusear a argila, a vê sem forma, sem expressão, contudo sabe que àquilo que está em suas mãos não é o resultado do que ele terá, mas o início de uma trajetória de cuidado, amor e intenção que moldará a argila no mais lindo projeto que lhe seja possível esculpir. Quando o que está sendo projetado não sai como planejou, faz tudo de novo, e, com paciência, ora retira o que pode prejudicar sua obra, ora acrescenta dando-lhe nova vida. Assim caminhei na construção da metodologia.

Com objetivo de compreender quais as contribuições da contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta como caminho para proteção e (trans)formação da criança, utilizamos a abordagem qualitativa sustentando-nos em Bogdan e Biklen (1994) quando percebem que a referida abordagem nos permite investida em várias formas e é conduzida em múltiplos contextos. Do ponto de vista dos aspectos desses contextos destacamos sobre a subjetividade dos sujeitos, com centralidade nas experiências marcadas nas histórias de vida, suas trajetórias, suas memórias, seus escritos, seus dizeres, sentires e saberes seus significados e significações. Por esse caminho da subjetividade entendo como subjetivo e social por sentir que é vivido a partir do atravessamento do sujeito social e pela experiência particular (LARROSA, 2011). O saber da experiência é, ao mesmo tempo, subjetivo e social. Subjetivo porque é particular da pessoa e do grupo.

Acresce nos referidos autores a relevância das discussões sobre os eventos sociais do ponto de vista de toda a sua pluralidade, multiplicidade de dimensões individuais e coletivas. Esses aspectos me leva à aproximação, da mesma forma, do pensamento de Minayo (2007) que entende a pesquisa como atividade cotidiana de questionamento sistemático, crítico e criativo e um diálogo permanente com a realidade em sentido teórico e prático. Percebemos que nas histórias contadas e escritas com mote na educação infantil implica em uma busca permanente,

inacabada, inconclusa.

Esta pesquisa ao ter como dimensão central a escrita e a contação de histórias realizadas no espaço escolar da educação infantil para a proteção e transformação soma-se aos aspectos da realidade da escola, das crianças, das memórias no contar e escrever. Por essa rota de entendimento o cerne desta pesquisa, intitulada “Contação e escrita de histórias infantis: a pedagogia da escuta como um caminho para proteção e (trans)formação da criança”, mira percepções, interpretações, opiniões, sentimentos, desejos, aflições, dores, tristezas como espaços e lugares cotidianos de reflexões que os sujeitos sociais dizem do outro e de si mesmo, expressam suas vivências e as vivências do outro. Por essa abordagem qualitativa é possível perceber os detalhes na escuta, no olhar, na mirada apreciativa sobre os sujeitos que contam, que escrevem, que narram.

Uma vez apresentado o caminho deste estudo saliento o diálogo com o método autobiográfico e histórias de vida (JOSSO, 2010) posto que se entende como um caminho que leva à subjetividade e à memória como aspectos constitutivos para aproximação à realidade das experiências de vida dos sujeitos em permanente formação. Salientamos a (auto) biografia, marcada na escrita de si e das narrativas (auto) biográficas reflexivas como alternativas da construção da contação das quais emergem os escritos. Certa da compreensão sobre a relevância proporcionada pela perspectiva qualitativa, seu alcance junto à memória como dimensões do chegar à contação, à escrita das histórias na educação infantil, sem dúvida potencializará para a proteção e transformação das vidas de quem conta, de quem escreve e de quem credita nessas histórias uma escuta sensível. Acrescentamos a dimensão voltada para atingir objetivo central deste estudo, cabe repisar, qual seja, compreender quais as contribuições da contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta como um caminho para proteção e (trans)formação da criança.

Por esse caminho de entendimento cabe que o sujeito da pesquisa sou eu, pedagoga pesquisadora deste estudo, formada em Pedagogia que conta, escuta, escreve, reflete, a partir do aprender, do conviver, do conhecer, que tem em mãos um diário de memórias onde as minhas memórias é um ponto de vista das memórias coletivas de acordo com Halbwachs (1990). As memórias coletivas estão nas

histórias por mim contadas e escutadas, e das crianças. Esse percurso tem um endereço, por assim dizer, espaços educacionais infantis. A pesquisa estimula reflexões, com as crianças, com os sujeitos escolares, com as famílias sobre as dimensões já anunciadas, com vistas a fomentar o exercício de reflexão das famílias, dos sujeitos escolares, da sociedade para a proteção e transformação das crianças.

A partir do trabalho realizado por mim nas escolas públicas de Mossoró e, bem antes, na cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, desde 2003 quando, nessa cidade, iniciei a vocação, de professora/contadora de histórias, em uma creche com crianças de um a dois anos. A percepção do escutar sensível, no entanto, ocorreu no início de 2013 ao traçar meu percurso em uma unidade de acolhimento de crianças na cidade de Mossoró, no mesmo Estado, com o projeto “Criança andando como Jesus”. O referido projeto ficou em execução por um período de quase seis anos que embalaram as crianças em um vai e vem de participação entusiasmada.

Ao iniciar o mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em 2019, fui instigada pelos estímulos e sensibilização feitos pela professora Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim a registrar em papel, tinta e desenhos, o que estava em minha memória, qual seja, as histórias inspiradas pelos lugares da memória, lugares onde estive e vivenciei as vozes das crianças, as vozes da escola. Com isso, produzi alguns escritos em livros com imagens que, por sua vez, dialogam com os textos, conversam com o que as crianças narram, dizem, sentem, choram, sorriem durante os momentos de contação de história. As histórias contadas na dimensão da pedagogia da escuta, da escuta sensível ganham o estatuto da alteridade, do que se colocar no lugar do outro, para sentir o outro.

O fato de eu me colocar como sujeito da pesquisa ampara-se no que Alberti (2005) ensina, a saber, a escolha do sujeito da pesquisa deve ser guiada pelo sentido da sensibilidade propostos pelo estudo e seus objetivos, sobretudo, pelo significado da experiência do sujeito da pesquisa, aqueles que viveram, presenciaram e se interessaram, ou seja, pelas experiências significativas vivenciadas. Dito isso, cabe trazer o alcance sensível para a escuta que os objetivos deste estudo conduzirão uma vez norteadores, quais sejam, os de descrever o meu

contexto, o objeto de estudo e as pistas metodológicas, o de identificar as possibilidades pedagógicas no ato de contar e ouvir histórias e, sem dúvida, o de apresentar, a partir das histórias escritas, possibilidades para futuros projetos que busquem a transformação e proteção da criança.

O lugar deste estudo, utilizado por mim, sujeito da pesquisa, são as memórias, as histórias contadas, as histórias escutadas e escrita que se fizeram em livros, posto que o que há é o estatuto do outro, do ser, através da contação e da escrita de histórias na educação infantil que traz nas histórias contadas e escritas a promoção da visibilidade à situação de negligência e vulnerabilidade da criança.

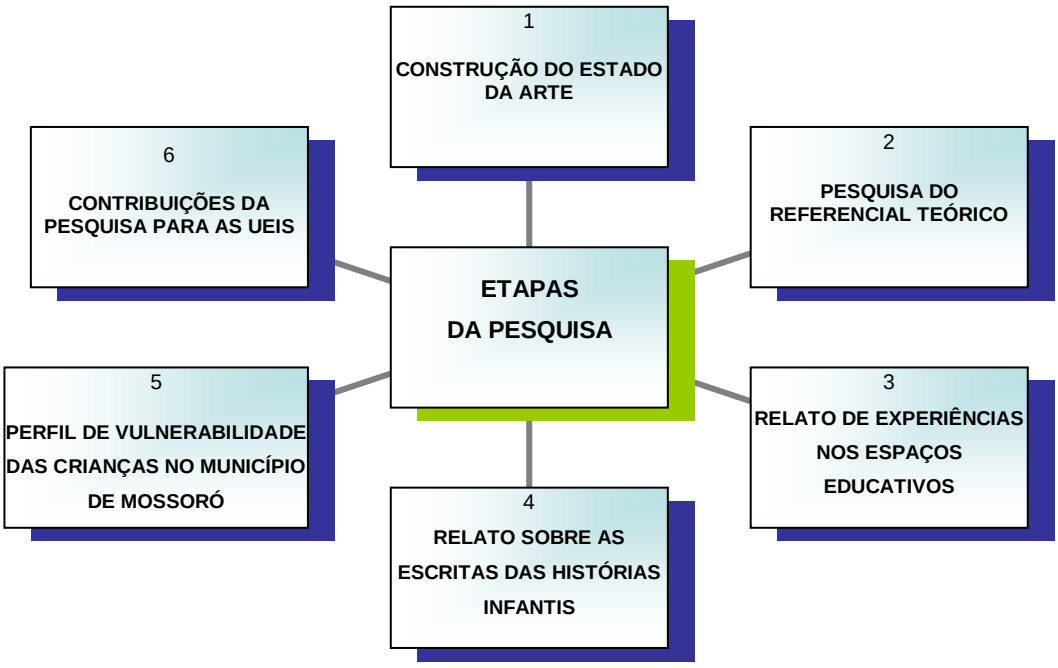
Este estudo está imbricado nas trajetórias das crianças, quando atentas às histórias contadas, se sentem com vontade de dizer ou mesmo silenciar. Assim, cabe reforçar que a abordagem metodológica e o desenho da pesquisa foram baseados no problema que levantamos: quais as contribuições da contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta, como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança? Para essa pesquisa, me coloco como autora, sujeito da pesquisa, posto que vivenciei as experiências nos espaços educativos. Narramos todo o meu percurso, um percurso da minha (auto)formação até chegar à pensar a produção de livros que desembocassem das histórias narradas pelas crianças percebendo o significativo trabalho da memória em que Halbbwachs (1990) ensina sobre o evocar o passado momento em que a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras. Chegamos ao sentido da vivência pessoal da própria pessoa ou a do seu grupo mais imediato. A pessoa sou eu e o grupo imediato é cada criança que experenciou os momentos de contação de histórias. Enquanto sujeito da pesquisa, emprestei as memórias do contado, do escutado, do escrito para chegar às contribuições na busca da proteção e transformação na educação infantil para o que nos toca os ditos pelas crianças que repercutem dos estímulos da contação realizado por mim, sujeito da pesquisa.

O desejo em pesquisar a contação de história, a partir da pedagogia da escuta, que tem como seu precursor Loris Malaguzzi (2016), nasceu ao observar diferentes atitudes nas crianças, ao longo das experiências vivenciadas, à medida que passei a abrir espaço para que as crianças pudessem participar da contação de história com seus questionamentos e posicionamentos, dando-lhes oportunidade para se expressar antes, durante e após a contação.

A observação presencial e escuta sensível foram essenciais para que eu pudesse contemplar a contação de história com um olhar diferenciado, ressignificando a sua importância. A descoberta da Pedagogia da Escuta, durante o mestrado, confirmou sua relevância no fazer pedagógico em todo o processo, mas para mim especialmente, no apoio à contação de história. Nesse processo de contação e, ao mesmo tempo, escuta (dos professores/gestores e crianças) histórias foram sendo criadas para podermos contar nas instituições que nos convidava. Os temas eram sugeridos, de acordo com a necessidade percebida pelas instituições que nos convidava ou pela própria pedagoga. Das cinco histórias elaboradas, três delas foram elaboradas a partir de temas sugeridos pelas instituições e as outras duas pelo que vivenciei, observei e senti nos espaços com crianças. Mesmo tendo sido contadas repetidas vezes em diversas escolas públicas da cidade de Mossoró, todas as histórias estavam apenas na memória da pedagoga. Um diário de memórias. Após entrar no mestrado, a professora Dra. Giovana Amorim nos desafiou a escrevê-las, e essa orientação gerou a produção de cinco livros, quatro finalizados e um em construção, que foram enviados às Edições da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte para publicação em e-book.

A pesquisa será desenvolvida em cinco momentos, conforme o organograma abaixo:

Figura 10: Etapas da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Em primeiro lugar, realizei uma incursão com meta a construir o estado da arte, na busca de teses e dissertações relacionadas ao nosso tema. Caminhei de forma sistemática pelo acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), no período de setembro a outubro de 2019, utilizando o recurso boleano AND com os seguintes descritores: pedagogia da escuta AND Educação Infantil; contação de história AND Educação Infantil; contação de história AND violência contra a criança; pedagogia da escuta AND contação de história.

Em segundo, pesquisei livros de autores, em livrarias e biblioteca do Campus Central da UERN que abordassem as temáticas relacionadas à contação de história, educação infantil, pedagogia da escuta e violência contra criança. Resultou em treze autores que estavam mais direcionados ao problema desta pesquisa, além do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que trouxe respaldo para falar sobre os direitos da criança.

No terceiro momento, trouxe a minha narrativa sobre a escuta das crianças contando sobre minhas experiências enquanto pedagoga através da contação de histórias realizadas em diferentes espaços, a partir do ano de 2003. Darei destaque a uma história relacionada ao abuso sexual infantil, para crianças entre dois e cinco anos de idade, na Unidade de Educação Infantil Adalgiza Fernandes Moreira, de porte dois, da cidade de Mossoró, em maio de 2019. Das inúmeras contações vivenciadas, na referida instituição, essa foi a experiência objeto de trazer a memória deste estudo, pelo fato do tema da aludida contação ser uma solicitação recorrente na referida escola e ter sido motivo da escrita da história *Verdinando e Amarelina em: Corre dessa amiiiiga da família*. Saliento ter abordado, referida história, uma questão social relevante que tem atingido as crianças da cidade de Mossoró e do Brasil.

No quarto momento, relatarei sobre as cinco histórias infantis escritas, de minha autoria. No quinto passo, destacarei a pesquisa, junto ao Conselho Tutelar da 33º e 34º zona, da cidade de Mossoró, dados que mostram a situação das crianças da cidade citada o que me confirmou a necessidade de enveredar, persistente, nessa questão social. Por fim, trarei contribuições que poderão ser implementadas nas escolas, junto à rede de apoio, para a promoção da proteção e transformação das crianças, por intermédio da contação de história, e com o apoio da pedagogia da

escuta, utilizando as histórias produzidas como instrumentos pedagógicos, para acessar suas estruturas cognitivas e afetivas, auxiliando, também, no desenvolvimento da resiliência em suas vidas.

A interpretação das histórias contadas, escutadas e registradas no Diário de Memória compreendida como sentido de formação, permeadas pelas vozes das crianças, e refletidas nas histórias contadas assumem como porta vozes dos desafios enfrentados pelas crianças no seu cotidiano familiar e escolar. Serão realizadas com uma incursão nos significados e sua articulação presente na contação e escrita das histórias. Estabelecerei uma compreensão, confirmação e alinhamento com a questão levantada para esta pesquisa, a saber, compreender quais as contribuições da contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta como caminho para proteção e (trans)formação da criança.

1.3 Na arte de contar histórias, o que dizer?

A arte de contar história envolve todos os públicos, independente de classe social, raça, sexo, idade e religião, todos são abraçados pelo encanto da contação, variando apenas o tempo de concentração de quem ouve e a forma como a história será abordada pelo contador. Perrow (2013, p.17) comenta que:

> Em muitas culturas tradicionais da história humana, os velhos sábios usaram naturalmente metáforas e histórias em seu papel de mentores e guias para as crianças de suas tribos e comunidades. Usando contos de sabedoria para guiar e estimular comportamento, eles atingiram a realidade imaginativa das crianças e as alcançaram de forma positiva e afirmativa.

A autora ressalta que a contação de história vem de tempos antigos com fins de guiar as crianças com ensinamentos dos seus mentores que se utilizavam dessa arte de contar para influenciar comportamentos desejados. Ainda que uma prática tão longínqua, sua ação ainda floresce em alguns lares e, especialmente, dentro dos espaços escolares, ainda que não tenha o propósito de mudar comportamentos, as histórias estão sempre presentes na rotina educacional infantil.

No entanto, em relação às crianças dos dias atuais que vem sofrendo com tantos bombardeios de informações, negligências e outros tipos de violência, como contar história de modo que as envolva, transmita emoção, faça sentido e as leve à reflexão? Como desenvolver novas ideias, ajudar no desenvolvimento de novas

atitudes e contribuir para que a resiliência seja aflorada e permeie seu ser com o desenrolar de novas ações? Segundo Abramovich (1995, p.17)

> Ler histórias para crianças... é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões.... é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história....É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas ...

Com isso, podemos afirmar que há um mundo de possibilidades nesse encantamento de contar história. Enquanto as crianças as ouvem, ao mesmo tempo, vai se abrindo um horizonte para suas reflexões acerca da temática falada, acerca dos personagens, acerca das suas próprias dores e conflitos que, de algum modo, todos passam. Abramovich (1995, p.16) continua essa ideia, percebendo a importância para a formação da criança a escuta de várias histórias...

> (...) considerando, isso, o caminho da aprendizagem para ser um leitor, ***(mas não só isso),*** **para uma melhor compreensão de mundo**. E esse primeiro contato com as narrativas começa com os adultos ao seu redor que vão contando histórias inventadas, contos de fada, trechos da bíblia, poemas etc. (***grifo meu)***

Assim como no passado, quando os mentores utilizavam histórias para estimular comportamentos, como afirmou Perrow (2013), atualmente também se vê a importância do ato de contar histórias de formas variadas para alcançar os ouvintes. A própria Perrow em seu livro “Histórias curativas para comportamentos desafiadores” utiliza várias histórias, modernas, tradicionais e pessoais, apropriadas a faixa etária entre três e oito anos, contudo podendo alcançar outras idades, adolescentes e adultos, como exemplifica em seu livro. A autora afirma que suas histórias não são como pílulas mágicas que irá transformar de repente o comportamento de uma pessoa, pois esclarece que o comportamento é contextual e relacional, devendo considerar as questões em seu entorno, por isso que a pessoa ideal para criar histórias é àquela que está próxima à realidade das crianças que se deseja atingir para alcançar transformação.

Coelho (2008, p. 14) destaca preocupação na escolha da história, pois diz que ela “é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua

estrutura cerebral". Ou seja, precisamos ter o cuidado de escolher bem a história ao público que se quer alcançar, pois pode ser um momento enriquecedor e prazeroso, ou vir a ser um tempo de incompreensão e angústia, devido à falta de maturidade do público. Sendo assim, os contadores de histórias, deverão considerar inúmeros elementos no ato de escolher (social, familiar, emocional etc.) para que não venha a ser desinteressante ou ferir o público escolhido.

Ainda sobre a escolha da história, Coelho (2008) nos faz refletir que uma coisa também é primordial ao escolhê-la: àquele(a) que vai contar precisa, acima de tudo, se identificar com o texto selecionado, pois "Se a história não nos desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso". (p.14). Já Abramovich (1995, p.20) diz que podemos contar qualquer história às crianças:

> Desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa...ou porque dê margem pra alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição...O critério de seleção é do narrador... e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças...

Escolher a história requer critérios bem definidos para que o objetivo seja alcançado com êxito. Na arte de contar história, ninguém conta por contar, assim como, a história não deve ser qualquer uma, pois corre o risco de levar a um lugar distante e desconhecido do público, sem transformar, já que a informação chegou sem sentido.

Ao pensar nesse processo transforma(dor) que as histórias podem vir a gerar na vida das crianças a ponto de ajudá-las a vencer seus medos, tristezas, angústias e muitos outros sentimentos que são externalizados em atitudes. É importante termos em mente que a ação de contar história deverá ser precedido sempre de uma intenção, caso contrário, por qual motivo contar? No entanto, ainda que aja um propósito específico, não devemos vislumbrar que as expectativas almejadas venham como um toque de mágica, que de repente mudará a realidade encontrada. Nesse sentido, comenta Wadsworth (1997), em seu livro, baseado na teoria de Piaget, que "quando as crianças se encontram em situações em que seu pensamento conflita com o pensamento de outras crianças (ou adultos), o conflito pode ser um instrumento para levá-las a questionar seu próprio pensamento (desequilíbrio)" (p.35). Ou seja, as crianças pensam e repensam a partir do que está

sendo apresentado e refletido, a partir daí acontecem as mudanças, ainda que de forma não imediata.

É preciso pensar a contação de história como um instrumento educacional, algo que deve está entranhado à escola, mesmo que o destaque dos dias atuais seja para as tecnologias, pois a literatura infantil ainda continua perpetuando os seus encantos, e isso é maravilhoso! Contudo, as histórias também devem estar dentro dos lares, Zilberman (2003, p. 64) atribui “uma tarefa educativa à literatura infantil. Complementar à atividade pedagógica exercida no lar e/ou na escola, o que garante sua necessidade e importância no seio da vida social.”

Alves (2011) comenta que certa vez um pai comprou para o filho uma de suas literaturas, “O patinho que não sabia voar”, mas no outro dia retornou à livraria furioso porque o livro que era para ser infantil, fez o seu filho chorar. A reflexão de Alves (2011) sobre o pai foi a seguinte: “Ele não percebeu que o filho estava se identificando com o destino do patinho que não aprendeu a voar. Se não descobrirmos um jeito de envolver a emoção, não haverá a experiência da transformação”. (p.19) Isso é verdade, precisamos nos envolver com a história para envolver os ouvintes e, com isso, haver transformação, a perspectiva de novas atitudes sendo formadas.

Antunes (2011) faz uma crítica aos educadores, coordenadores e diretores de escola ao responderem que os valores nesses espaços são trabalhados a todo o momento. Para ele, assim como acontece com o ensino dos conteúdos escolares “ensinar valores envolve momentos explícitos e espaços definidos” a mesma coisa ocorre com o ensino da honestidade, da bondade da solidariedade, entre tantos outros valores” (p.17). É claro que o autor não espera que isso aconteça de modo convencional, mas está certo de que essa aprendizagem não acontecerá por osmose, pelo simples fato de estar ao lado de pessoas boas ou honestas. Então, podemos acreditar e dizer que esse ensino poderá vir por meio da contação de história, com a escolha de bons livros infantis.

Cada vez mais as crianças estão imersas em situações de conflitos, e precisamos prepará-las para enfrentar questões que permeiam seu dia a dia que precisam ser solucionadas, mesmo que não inteiramente resolvidas, mas ajudá-las, ainda que em sua condição limitada de autonomia e independência, para que possam decidir, em seu interior, como vivenciar os conflitos que lhes aparecem

como desconfortantes e desafiadores. Gottman e Claire (1997) diz que “As histórias podem ajudar a criança a desenvolver um vocabulário para falar sobre os sentimentos e ilustrar as várias formas como as pessoas lidam com a raiva, o medo e a tristeza” (p127.), sendo assim, precisamos aproveitar ao máximo para extrair das histórias ricas reflexões com a intenção não apenas de contar, mas de escutar o que o outro tem a dizer da história contada ou da sua própria história. Abramovich (1995) diz que...

> É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente, tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve... (p.17)

É inevitável que as emoções sejam afloradas quando ouvimos uma boa história. Na ação-reflexão da escuta das histórias contadas, nem sempre os conflitos interiores são anulados, mas a dor que eles causam podem ser amenizados ou transformados em aprendizado social, contribuindo para que a criança continue a se relacionar socialmente e a vivenciar suas experiências próprias da infância com maior alegria e determinação. O sujeito em conflito aprende a desenvolver as suas próprias estratégias, consequentemente, novas atitudes, baseando suas ações naquilo que ele entende como algo bom ou que vai lhe trazer paz, de acordo com as suas próprias reflexões, a partir da história ouvida/sentida e do diálogo vivenciado. A expectativa é que a história não finalize depois de ser contada, mas que permaneça na mente e coração das crianças, trazendo-lhes ou devolvendo-lhes a esperança de dias melhores. O pensamento de Coelho (2008) coaduna com o nosso quando diz que “a história não acaba quando chega ao fim. Ela permanece na mente da criança que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora”. (p.59)

Alves (2011), após refletir sobre uma história ocorrida na Escola da Ponte, contada por Pacheco, sobre uma menininha que foi pega chorando num cantinho da escola, sem disposição para entrar em sala devido a briga dos seus pais na noite anterior, disse que:

> Uma criança que está sofrendo, não tem como aprender...Talvez uma força de remediar isso é recorrendo à literatura. A literatura é um remédio maravilhoso. A pessoa entra no mundo da literatura – é outro mundo – e passa a viver experiências que nunca teve... Ela se identifica com o personagem, vive a experiência dele. Então, ela pode conseguir superar a

> dor e a perda vivendo a superação da dor e da perda numa outra pessoa. (p.45)

Por trás do choro de uma criança, da não-aprendizagem ou de comportamentos não desejados, pode haver histórias surpreendentes, por isso, antes de inferir algo sobre a criança, devemos refletir o que se passa, se tem vivenciado algum tipo de sofrimento. Se considerarmos o contexto escolar, iremos nos deparar com inúmeras situações, muitas vezes, os educadores poderão não saber resolver as questões, inclusive a própria criança pode não saber explicar o motivo ou ter vergonha de falar, mas poderá se sentir mais aliviado e motivado a falar, caso ouça algumas histórias que se enquadrem com a sua.

De fato, são muitas as circunstâncias que as crianças estão expostas, seja fora ou dentro de casa. As crianças têm passado por muitas negligências que ameaçam a sua segurança. O [5]site do Governo Federal informa que, só em 2018, o Disque 100 (Disque Direitos Humanos) recebeu 76.216 denúncias envolvendo crianças e adolescentes. Temos vivido tempos difíceis no que se refere as violações de direitos infantis. Ao mesmo tempo em que elas têm sido esquecidas, são exploradas, embora se mostrem inocentes em suas atitudes, já apresentam em seus corpos, expressões ou relatos, marcas duras da vida. Apesar da triste situação o Estatuto da Criança e do Adolescente os resguarda ao dizer no artigo 5º que:

> Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Será que o ECA (1990) tem sido observado e cumprido para resguardar os direitos das crianças garantindo sua segurança? No capítulo três falaremos mais sobre o ECA e mostraremos alguns dados de violação dos direitos da criança na cidade de Mossoró/RN. Perceberemos que os números são expressivos, considerando, também, que há subnotificações. Então, diante dessa realidade, como anunciar uma história com final feliz para as crianças diante de dados tão

---

[5] Governo Federal (Brasil). **Crianças e adolescentes são vítimas em mais de 76 mil denúncias recebidas pelo Disque 100.** Disponível em: *https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/maio/criancas-e-adolescentes-sao-vitimas-em-mais-de-76-mil-denuncias-recebidas-pelo-disque-100. Acesso em:* Acesso em 30 de junho de 2020.

alarmantes? De que maneira a contação de história poderia contribuir para essa questão social, entrecruzando com as histórias de vida dos sujeitos?

Considerando a abrangência de oportunidades que a história possibilita, além de estimular a criticidade, a imaginação, o gosto pela leitura etc., ainda alcança os alunos afetivamente entrelaçando-os com suas histórias. Abramovich (1995, p.24) diz que a história:

> (...) é (ou pode ser) inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca ... (desde que seja boa).

Abramovich (1995) aponta a proporção provocada por uma história. Não são apenas palavras lançadas ao ar, mas narrativas produzidas de modo alcançar àqueles que ouvem cada cena apresentada, de modo a desvelar suas próprias histórias, podendo perceber para si um novo rumo a seguir.

Que a história provoca tantas sensações e desenvolvimento de habilidades já percebemos nas falas dos autores, mas será que a contação de história pode vir a ser um instrumento transforma(dor) na vida das crianças a ponto de percebermos mudanças em suas atitudes? Segundo Brenman (2019, p.71):

> Uma boa história pode falar de coisas muito importantes de forma segura, acolhedora e que não conseguiríamos dizer de outra forma. A história é a linguagem da primeira infância. Tao importante quanto respirar é ouvir histórias desde a infância.

Se concordamos com o autor acreditando que a história é a linguagem da primeira infância, precisamos explorar mais esse instrumento para alcançar muitos fins, sejam eles eminentemente pedagógicos, sejam sociais. Como já vimos até aqui, na fala dos autores anteriores, uma boa história gera interesse, estimula a imaginação, provoca reflexões, suscita emoções e ajuda a criança a se colocar no lugar do outro, como, também, se vê nos personagens, ajudando-as a resolver seus próprios conflitos.

Acreditamos no poder que há nas histórias contadas, nos escritos que há nos livros e nas verdades que eles trazem, de modo particular, a cada pessoa que as recebe. Por isso, entendemos que a literatura pode gerar encantamento, descobertas, mas, também, transformação.

1.4 O que o outro conta, nos reconstrói

Debruçar-se em estudos que envolvam o objeto a ser pesquisado, no nosso caso a contação de história, é obrigação de todo pesquisador, fazer com esmero. Trilhar uma caminhada de buscas, descobertas, concordâncias e discordâncias faz parte do universo que rodeia o cientista/educador, pois o ir além na pesquisa é marchar paralelo às questões, não apenas específicas ao projeto explorado, mas, inerentes, a tudo àquilo que está relacionado a ele. Quando algo é investigado é porque num determinado tempo, espaço e contexto esse estudo iniciou, a partir de um sujeito/pesquisador, que, com suas experiências e curiosidades, se colocou à disposição a descobrir, redescobrir e desvelar o valor intrínseco ao seu objeto de pesquisa.

Pensar num objeto de estudo e iniciar uma pesquisa traz muitas expectativas, mas como saber se o que estudamos já foi dito por alguém, se tem relação com outros objetos de investigação, o que falam sobre, em que tempo e de que modo foi organizada a pesquisa. Com o intuito de mapear estudos relacionados a presente pesquisa, foi construído o estado da arte. Segundo Ferreira (2002, p.258)

> Nos últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

Nesse sentido, nos propusemos ao desafio de mapear pesquisas que se aproximassem ou trouxessem contribuições ao que intencionamos fazer na dissertação em construção que é compreender as contribuições da contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta, como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança.

Para isso, foi realizada uma busca sistemática no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), de setembro a outubro de 2019, utilizando

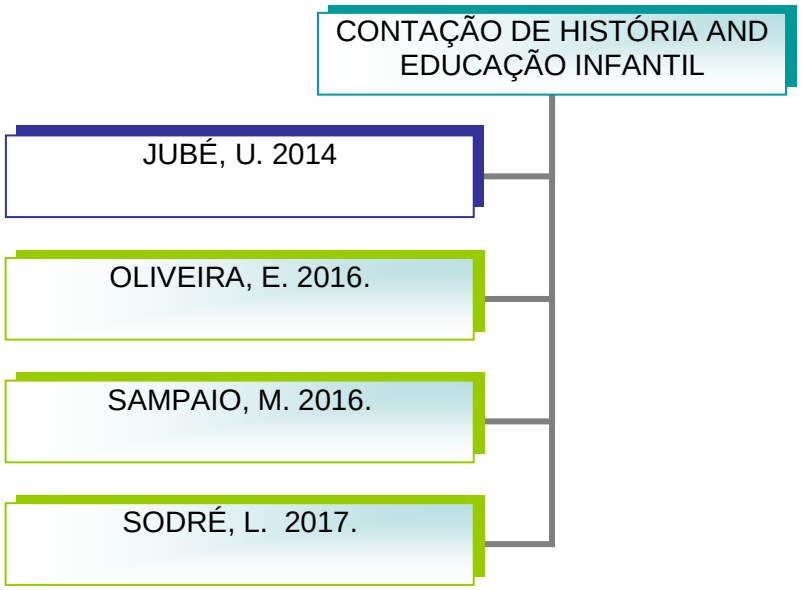
o recurso boleano AND com os seguintes descritores: pedagogia da escuta AND Educação Infantil; contação de história AND Educação Infantil; contação de história AND violência contra a criança; pedagogia da escuta AND contação de história.

Ao utilizarmos o descritor **Pedagogia da escuta AND Educação Infantil** na BDTD, encontramos oitenta e sete estudos, mas apenas seis traziam a prática da escuta pedagógica. Ao final ficamos com seis materiais para ler e definir os selecionados. Após as leituras finalizamos com três pesquisas dos anos de 2008, 2011 e 2016. Usando o mesmo descritor na CAPES, encontramos oitenta e seis materiais, porém muitos repetitivos e outros não condizentes com os objetivos da pesquisa em tela. Já, ao utilizarmos o descritor **Contação de história AND Educação Infantil** pela BDTD, foram encontrados cinquenta trabalhos, entre teses e dissertações. Foram escolhidos 8 projetos (sete dissertações e uma tese), mas afunilamos para quatro por estarem mais voltados para o nosso objeto de estudo. Uma dessas pesquisas se deu em 2014, duas delas em 2016 e uma no ano de 2017. Já na CAPES encontramos vinte e oito materiais, porém os que mais se aproximavam dos nossos estudos foram seis artigos, que, por critério de afunilamento do estudo, decidimos não utilizar, nos dedicando apenas a teses e dissertações, por se aproximar mais da configuração do que desejamos para nossas reflexões. Com os descritores **contação de história AND violência contra a criança**, no banco de dados da CAPES, encontramos três livros que distanciavam da nossa pesquisa por estarem ligadas as áreas de educação física, outro voltado para formação de professores e um terceiro para questões voltadas para relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade, por esse motivo ficamos apenas com uma dissertação encontrada na BDTD. Em relação ao descritor **pedagogia da escuta AND contação de história**, ao pesquisarmos no banco de dados da CAPES, não encontramos nenhuma dissertação e tese, apenas um artigo que focava o contexto universitário e um livro que levantava questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade. Na BDTD encontramos apenas uma tese relacionada ao estudo sobre os estados afetivos em crianças com TEA e uma dissertação que falava acerca das interações dos bebês, mas nenhuma relacionada à pesquisa em questão. Sendo assim, esse último descritor não participou da composição do quadro 1[6] que

[6] Síntese das pesquisas encontradas na plataforma da BDTD conforme descritores, elaborada pela autora.

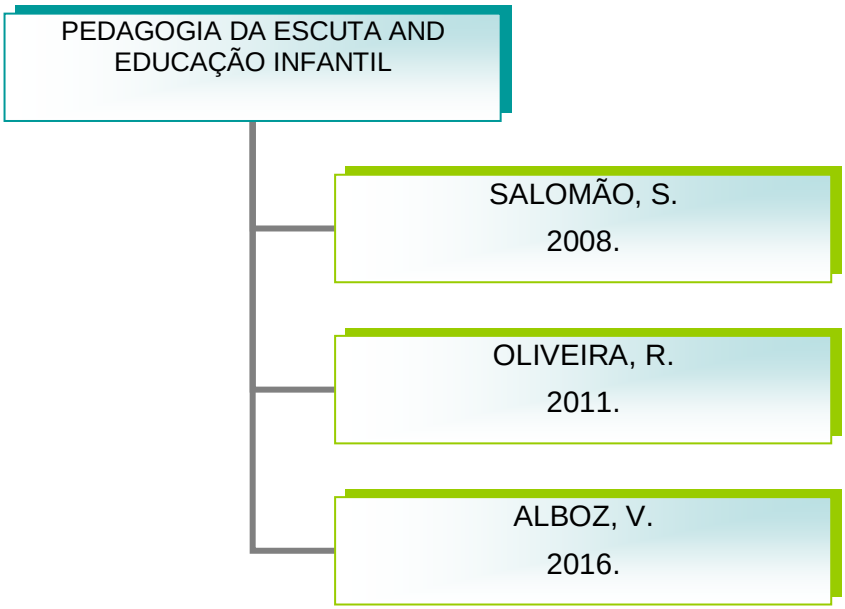
veremos mais à frente. Finalizamos a pesquisa com oito trabalhos. No organograma a seguir, veremos os descritores da pesquisa com os respectivos autores que encontramos:

Figura 11: Descritor Pedagogia da escuta AND Educação Infantil



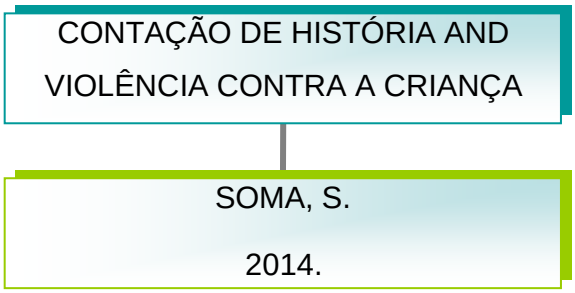
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Figura 12: Descritor Contação de história AND Educação Infantil



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Figura 13: Descritor contação de história AND Violência contra a criança



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quadro 1 - Síntese das pesquisas encontradas na plataforma da BDTD conforme descritores

Descritor	Instituição	Título	Autor/Publicação
PEDAGOGIA DA ESCUTA AND EDUCAÇÃO INFANTIL	PUC/Campinas	A gente tem que falar para crescer: possibilidades e desafios do trabalho pedagógico mediante a escuta das narrativas infantis.	SALOMÃO, S. 2008.
	USP/ SP	"Agora eu...". Um estudo de caso sobre as vozes das crianças como foco da pedagogia da Infância.	OLIVEIRA, R.2011.
	PUC/Campinas	O olhar docente sobre escuta, autoria e protagonismo das crianças em uma escola municipal de educação infantil na cidade de São Paulo – Conquistas e desafios.	ALBOZ, V. 2016.
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA AND EDUCAÇÃO INFANTIL	CEUB/Brasília	Estudo das vivências infantis por meio da contação de história.	JUBÉ, U. 2014.
	UNINOVE/SP	O pensar bem na Educação Infantil.	OLIVEIRA, E. 2016
	UNESP/SP	Leitura e contação de histórias na educação infantil: um estudo sob a perspectiva da teoria histórico-cultural	SAMPAIO, M. 2016.
	USP/SP	Contação de histórias e dialogia na Educação Infantil: uma experiência educativa.	SODRÉ, L. 2017.
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA AND VIOLÊNCIA CONTRA A CRIANÇA	UFSCar/SP	Contação de história como estratégia para a prevenção do abuso sexual infantil.	SOMA, S. 2014.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

O objetivo desta revisão de literatura foi o de verificar estudos que contemplassem temáticas referentes a Educação Infantil, Contação de História, Pedagogia da Escuta e violência contra criança. Para a escolha dos trabalhos a serem analisados, utilizamos como critério de inclusão palavras-chave relacionadas a nossa pesquisa, como as citadas anteriormente. Para melhor visualizar a pesquisa, construímos acima o quadro 1.

Com a intenção de visualizar as diferenças e semelhanças encontradas entre a pesquisa que apresentamos, intitulada Contação de história e pedagogia da escuta: Um caminho para proteger e transformar, e a dos demais pesquisadores, construímos o próximo quadro com as informações, de modo sucinto, para que os leitores tenham um panorama geral do nosso estudo. Os demais quadros apresentados serão referentes as pesquisas dos oito autores selecionados, seguindo o mesmo modelo abaixo para uma melhor comparação:

Quadro 2 - Contação e escrita de histórias infantis: A pedagogia da escuta como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
Compreender as contribuições da Contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta, como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança.	Unidade de Educação Infantil	A autora e as crianças.	Abordagem qualitativa; Estudo desenvolvido com os referenciais da autobiografia; Instrumentos de análise: vídeos e fotos.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Como já anunciamos, os próximos quadros referentes a revisão apresentada de literatura seguirão o mesmo padrão do Quadro 2 *Contação e escrita de histórias*

infantis: A pedagogia da escuta como um caminho para a proteção e (trans)formação da criança, apresentando logo abaixo algumas semelhanças e diferenças acerca das produções dos autores e a pesquisa proposta para essa dissertação.

Iniciaremos a apresentação das pesquisas encontradas de acordo com a ordem expressa no Quadro 1 *Síntese das pesquisas encontradas na plataforma da BDTD conforme descritores*.

A primeira autora que abrirá a explanação das discussões será Silvia Salomão (2008) que, mesmo não contemplando todas as palavras-chave do nosso estudo, trouxe valiosas contribuições. Veja abaixo:

Quadro 3 - A gente tem que falar para crescer: possibilidades e desafios do trabalho pedagógico mediante a escuta das narrativas infantis. (SALOMÃO, S. 2008)

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
Analisar os registros produzidos a partir da escuta das vozes das crianças e de que modo participam da direção da prática pedagógica.	Escola municipal de Educação infantil, em um bairro periférico.	18 alunos com idades que variam entre 4 a 6 anos incompletos.	Pesquisa de abordagem qualitativa; Roda de conversa; Instrumento de análise: utilizou-se do "Livro da Vida" para anotar as narrativas infantis (livro de registro das vozes das crianças);

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A pesquisa trazida por Silvia Salomão (2008) contribui de modo significativo para os nossos estudos. Apesar de não tratar acerca da contação de história e violência contra a criança, o trabalho ressalta a importância das vozes dos sujeitos. A autora destaca a criança como sujeito de direitos e protagonistas, considerando a escuta e o diálogo como prática fundamental no processo educativo. Salomão (2008, p. 68) utiliza o desenho associado as vozes das crianças, com o intuito de "[...] enriquecer e ilustrar as temáticas e a experiência vivida [...]". Além disso traz uma discussão relevante no que se refere a formação docente, o que também pode ser encontrada em nossa pesquisa. Em relação a metodologia, a pesquisa é de cunho qualitativo e traz como ferramenta a roda de conversa, com o objetivo de possibilitar a expressão das vozes infantis e sua percepção. Esse trabalho nos deixou muito entusiasmadas por saber que temos outros pesquisadores

preocupados em dar destaque às vozes dos sujeitos que, muitas vezes, são silenciados ou simplesmente ignorados pelo fato de serem crianças.

Na leitura da dissertação de Silvia Salomão (2008) percebemos que ela observa as narrativas infantis numa perspectiva benjaminiana, percebendo a narrativa como indissociável da experiência, o que contribui de modo significativo para o fortalecimento da importância das vozes infantis. Já para esta dissertação, trouxemos a perspectiva malaguzziana,[7] que nos ajudou a entender mais claramente acerca da pedagogia da escuta, prática corriqueira na cidade de Reggio Emilia, na Itália, nos fazendo enxergar e valorizar as linguagens das crianças em suas diferentes expressões.

Outra diferença que poderíamos destacar é que a pesquisa proposta para esta dissertação traz a contação de história como instrumento catalisador, aproximando criança-criança, criança-adulto, fortalecendo os laços afetivos e abrindo portas para a exteriorização dos pensamentos e diferentes expressões de comunicação. Esse é um ponto que se destaca nesta pesquisa, tendo em vista que, será por meio da contação e escuta que conheceremos o quanto a criança já conhece sobre a história, sobre os dilemas que nela serão abordados, também será uma oportunidade de percebermos o quanto as crianças já conhecem e tem clareza sobre como se prevenir e se defender de determinadas situações. A pesquisa de Silvia Salomão (2008) se preocupa centralmente com a construção de um novo espaço educativo, o que consideramos de suma importância. Contudo, ressalto os estudos da dissertação proposta ao Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC por trazer como núcleo de relevância a escuta e o trabalho de prevenção infantil.

[7] Loris Malaguzzi foi o fundador do sistema público de educação infantil em Reggio Emilia, norte da Itália. Sua abordagem tem como centralidade a criança, o professor e a família.

Quadro 4 - “Agora eu...”. Um estudo de caso sobre as vozes das crianças como foco da pedagogia da Infância. (OLIVEIRA, R. 2011).

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
Compreender a articulação existente entre a “voz infantil” e os contextos da educação da infância. Buscou-se também, problematizar a discussão sobre o protagonismo compartilhado das crianças com as professoras.	Centro de Educação Infantil da cidade de São Paulo.	24 crianças de 2 a 3 anos de idade; 2 docentes.	Pesquisa etnográfica; Estudo de caso; Instrumentos de análise: Caderno de campo; Fotos; Vídeos; Análise do diário de bordo das professoras e portfólios das crianças.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A pesquisa de Renata Oliveira (2011) diferencia-se da nossa por ser etnográfica, ela traz em sua metodologia semelhanças por ser uma pesquisa de cunho qualitativo e utilizar-se de alguns instrumentos de observação e análise como fotos e vídeos. Outro ponto que se junta ao nosso é a abordagem escolhida para as reflexões sobre a escuta, pois traz algumas reflexões malaguzzianas. Em sua pesquisa, a autora investigou como as vozes das crianças estão presentes no cotidiano dos espaços coletivos de educação infantil e em que medida são impulsionadoras da construção de contextos educativos. As análises e reflexões sobre a escuta infantil que Renata Oliveira (2011) nos traz foram baseadas em contextos diversos do cotidiano escolar.

Quadro 5 - O olhar docente sobre escuta, autoria e protagonismo das crianças em uma escola municipal de educação infantil na cidade de São Paulo – Conquistas e desafios. (ALBOZ, V. 2016).

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
Compreender como as educadoras da escola “Ciranda” escutam as crianças e transformam sua prática educativa, visando garantir a participação e a autoria infantil	Escola pública de Educação Infantil do município de São Paulo	Professoras e crianças da Educação Infantil.	Pesquisa de abordagem qualitativa; Entrevista semiestruturada; Roda de conversa; Análise documental do Projeto Político Pedagógico da escola.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A pesquisa de Vivian Alboz (2016) nasceu de algumas inquietações que tinha como foco a escuta. Consideramos pertinente um debruçar nesse estudo, uma vez

que temos a escuta como fator primordial para a amplificação da livre expressão e expansão do conhecimento. A autora trouxe, em seus escritos, questionamentos sobre como os professores promoviam a escuta das crianças nos espaços educativos; como o diálogo contribuiu para a construção de novas aprendizagens; como o planejamento era realizado, tendo em vista as vozes das crianças e, por último, como os professores promoviam a autoria e o protagonismo das crianças na educação infantil. Todos esses questionamentos são relevantes para a divulgação e o despertar de educadores/ pesquisadores para o dilatar de estudos sobre a escuta.

Destacamos na pesquisa de Vivian Alboz (2016) alguns resultados, pois nos foi revelado que para acontecer a consolidação do diálogo criança-adulto, na escola pesquisada, algumas metodologias foram utilizadas, dentre elas, a escuta, revelando que a nossa caminhada coaduna com outros trabalhos que veem nesses dois pontos valores inestimáveis. Em relação à escuta, diferente de Vivian Alboz (2016) trataremos de forma mais aprofundada historiando um pouco acerca da pedagogia da escuta e sua importância baseada na abordagem de Loris Malaguzzi (2016), proposta vivenciada em Reggio Emilia.

O estudo de Vivian Alboz (2016), assim como os anteriores não se remete a contação de história e nem trazem preocupações acerca dos tipos de violências que tem acometido às crianças, como o nosso se propõe a fazer, contudo todos tem contribuído para a expansão do nosso conhecimento, contribuindo para reafirmar as convicções por nós apresentadas.

Quadro 6 - Estudo das vivências infantis por meio da contação de história.

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
Analisar aspectos das vivências infantis por meio da contação de histórias.	Casa dos contadores.	Na primeira análise: 4 crianças, sendo duas com idades de 4 anos, e as demais com 3 e 4 anos. Na segunda análise: além das crianças acima, participou mais uma criança de 7 anos de idade.	Pesquisa de abordagem qualitativa; Pesquisa de campo; Instrumentos de análise:

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A pesquisa de Úrsula Jubé (2014), que envolve as áreas de psicologia e educação, se distancia do estudo que trazemos pela metodologia e objetivo.

Contudo, veio nos confirmar a importância do contador de história, se mostrando na pesquisa como agente inibidor das expressões das crianças ou estimulador de vivências.

Quadro 7 - O pensar bem na Educação Infantil. (OLIVEIRA, E. 2016)

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
Elucidar a respeito da atividade pensante das crianças.	Educação Infantil.	Crianças com a idade de 5 anos.	Quanto à abordagem a pesquisa é qualitativa e quantitativa; Pesquisa-ação; Instrumentos de análise: Registros audiovisuais.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A pesquisa de Eduardo de Oliveira (2016) buscou subsídios que apontassem e definissem práticas educativas voltadas ao desenvolvimento inicial do pensar bem. O resultado da pesquisa apontou que as práticas pedagógicas usuais, em sua maioria, não demonstram perceber a criança como um ser capaz de pensar de modo crítico e reflexivo. E, com isso, o autor ressalta a importância do ambiente de Educação Infantil enquanto propiciador do cultivo do pensamento, como, também, o papel do educador na vida da criança como estimulador da aprendizagem, do pensar bem. O autor destaca recursos que podem nos ajudar nesse processo do pensar bem, como a contação de história. A pesquisa de Eduardo de Oliveira (2016) trouxe considerações que contribuíram e fortaleceram a importância da contação de história.

Quadro 8 - Leitura e contação de histórias na educação infantil: um estudo sob a perspectiva da teoria histórico-cultural. (Sampaio, M. 2016).

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
Compreender se há indícios de que os momentos de leitura e de contação de história se constituem como atividades capazes de motivar aprendizagens promotoras de desenvolvimento humano, em turmas de crianças da Educação Infantil, a partir de princípios e teses da Teoria Histórico-Cultural.	Quatro escolas públicas de Educação Infantil, uma de cada região de um município do interior paulista.	A pesquisa envolveu 4 (quatro) professoras de 4 (quatro) EMEIS (Escola Municipal de Educação Infantil), da Rede Municipal de Marília, interior do Estado de São Paulo, distribuídas em regiões distintas.	Pesquisa de abordagem qualitativa; Pesquisa de campo; Análise documental; Entrevista semiestruturada.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Em seus estudos, Mariana Sampaio (2016) se assemelha em relação ao estudo que apresentamos no que se refere ao campo, por se tratar de uma escola pública no segmento da Educação Infantil. O sujeito da pesquisa são professoras e o objetivo de estudo também se diferencia do nosso, porém, deixa margem para boas reflexões, já que visa compreender se a contação de história pode ser atividade capaz de motivar aprendizagens promotoras do desenvolvimento humano. Na dissertação, que ora apresentamos ao POSEDUC, da mestranda Andressa Montenegro o objetivo é compreender as contribuições da Contação e escrita de histórias infantis, sob a ótica da pedagogia da escuta, como um caminho para a proteção e (trans)formação.

Não deixa de se assemelhar de forma leve da ideia de Mariana Sampaio (2016), já que para que aja transformação é preciso novas aprendizagens.

Ainda que tenha se dedicado a questões relacionadas à leitura, a autora nos traz boas considerações acerca da contação de história que vale a pena pensar. O resultado da pesquisa de Mariana Sampaio (2016) constatou falta de planejamento e organização em relação a leitura e contação de história, concluindo que a prática utilizada em sala de aula estava, muito mais, formando ouvintes do que leitores. Mesmo que a pesquisa que trouxemos ao POSEDUC não trate acerca da leitura, foi interessante analisarmos e reafirmarmos a importância da postura e papel do professor em sala, pois seu posicionamento poderá levar alunos a silenciarem ou expressarem àquilo que gostariam de dizer.

Quadro 9 - Contação de histórias e dialogia na Educação Infantil: uma experiência educativa. (SODRÉ, L.2017)

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
De que modo a contação de histórias, aliada ao exercício dialógico, poderia servir às crianças como uma experiência educativa.	Escola particular, localizada na zona sul da cidade de São Paulo que atende crianças da educação infantil (a partir de 3 anos de idade) até o 3º ano do ensino médio.	Crianças de quatro anos e meio a cinco anos e meio de idade.	Pesquisa de abordagem qualitativa; Estudo de caso com observação participante; Registros realizados por meio de áudios e vídeos

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Letícia Sodré (2017) utilizou contos tradicionais com a finalidade de compreender o modo que as crianças estruturavam suas falas e sobre que temas problematizavam, na ocasião. Apesar do objetivo do estudo de Sodré (2017) se

diferenciar do nosso, posso afirmar, sem dúvidas, que a forma como a pesquisadora se posicionou sobre cada temática proposta para a dissertação, trouxe bastante clareza para a continuidade e construção da pesquisa que apresentamos. Podemos observar também que, apesar da pesquisa tratar do universo educacional infantil, o campo da pesquisa referencia a rede particular. No entanto, no estudo que apresentamos tem o foco crianças da rede pública de ensino.

Quadro 10 - Contação de história como estratégia para a prevenção do abuso sexual infantil. (SOMA, S. 2014)

OBJETIVO DO ESTUDO	CAMPO DA PESQUISA	SUJEITOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
Compreender como os livros de abordagem preventiva podem auxiliar as crianças a se protegerem do abuso sexual infantil.	Escola pública de Ribeirão Preto.	33 crianças do 2º ano do ensino fundamental.	Revisão de literatura e estudo empírico.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A dissertação de Sheila Soma (2014), da área da psicologia, nos revela uma proposta interessante, e que se aproxima fortemente do objetivo que delineamos, ao trazer, para sala de aula, por meio de histórias infantis, uma temática sobre violência contra a criança. De modo mais específico, trata sobre o abuso infantil. Apesar do objetivo do estudo que trazemos não focar na análise dos livros de literaturas infantis de abordagem preventiva e nem de focar em um único tipo de violação, utilizaremos histórias que abordem temáticas relacionadas a violência contra a criança, sendo uma delas o abuso sexual infantil. Ficamos satisfeitos ao encontrar essa pesquisa de Sheila Soma (2014), contudo, pesquisadores precisam despertar ainda mais para essa temática, pois as pesquisas na área da educação ainda são carentes. As nossas crianças estão em sala de aula, muitas vezes, sem saber como agir diante de determinados dilemas que precisam enfrentar em seu cotidiano.

Afirmamos que as pesquisas elencadas contribuíram para nossa reflexão acerca dos principais pontos a serem destacados no estudo que trazemos como: educação infantil, contação de história, pedagogia da escuta e violência contra a criança. As pesquisas de Silvia Salomão (2008), Renata Oliveira (2011), Vivian Alboz (2016) e Úrsula Jubé (2014), embora não tenha como mote a contação de história, trouxeram questões importantes acerca da escuta para o desenvolvimento

da criança em vários aspectos, como afetivo e cognitivo. Salientamos a preocupação dos pesquisadores com o quesito escuta, trazendo para nós argumentos concludentes da sua importância para o protagonismo infantil, sua livre expressão e construção de novas aprendizagens, inclusive, alguns autores como Renata Oliveira (2011), Vivian Alboz (2016) e Letícia Sodré (2017) trouxeram citações de Loris Malaguzzi (2016), autor que destacamos em nossa pesquisa como àquele que nos despertou para a pedagogia da escuta.

Outras pertinentes contribuições vieram dos autores: Eduardo Oliveira (2016), Mariana Sampaio (2016), Letícia Sodré (2017), Sheila Soma (2014). Por meio das experiências com a contação de história, das reflexões apresentadas, das referências bibliográficas identificadas, tivemos o privilégio de ampliar a nossa compreensão acerca da temática em questão, como, também, de enriquecer o nosso acervo bibliográfico.

CAPÍTULO 2

UMA NOVA ESCUTA, UM NOVO OLHAR

Fonte: arquivo pessoal (2019)

(Momento pós-contação de história numa Unidade de Educação Infantil)

> (...) a pedagogia da escuta não é apenas uma pedagogia para a escola, mas também uma atitude para a vida. Pode ser uma ferramenta, mas também pode ser algo mais. Significa assumir responsabilidade pelo que é compartilhado. Se precisamos ser ouvidos, então escutar é uma das atitudes mais importantes para a identidade do ser humano, começando no momento do nascimento. (RINALDI 2016, p. 236-237).

2. UMA NOVA ESCUTA, UM NOVO OLHAR

Os sentidos nos permitem perceber as características de tudo o que nos rodeia, sejam coisas ou pessoas. Quando nos referimos à criança, precisamos usar além da visão e audição para compreender o seu universo, se faz necessário uma nova escuta, um novo olhar, indo além das sensações, é preciso intenção na ação, interação que promova abertura para a comunicação e com isso, naturalmente, a possibilidade de transformação em suas atitudes com o intuito de fazê-las avançar em conhecimento, prevenindo-as de situações indesejadas.

Considerando a importância da escuta, falarei neste capítulo sobre as crianças enquanto cidadãs de direitos, inseridas num meio social que ao mesmo tempo que garante proteção por meio de leis e políticas públicas, na prática, deixa a desejar. Também abordaremos a escola e a criança na visão da pedagogia da escuta, assim como as dificuldades encontradas para que a escuta aconteça e a criança seja vista como protagonista, ativa em seu processo de construção e reconstrução de saberes e experiências. Descreverei minhas vivências contando histórias em escolas, comunidades rurais, associação e igrejas enunciando por meio de fotos e relatos que se intensificarão ao citar uma Unidade de Educação Infantil da cidade de Mossoró/RN. E por último, uma reflexão sobre o mundo da criança e o do adulto permeado pela necessidade da escuta sensível.

2.1 Criança da vida real – um ser pensante, um ser em desenvolvimento, um ser de direitos

Ao falarmos de criança é inevitável associarmos à dimensão lúdica. A percepção apreendida é de que essa é uma fase da vida livre de preocupações. Entretanto, nem tudo que parece factual de fato é. Criança sem imbróglio não retrata a realidade do passado, não representa o que presenciamos no presente, mas nos estimula a prospectar um futuro de esperança com possibilidades tangíveis para seu pleno desenvolvimento e direitos garantidos.

As crianças dos tempos de hoje mostram-se implicadas com a sociedade do presente século à medida que leis foram garantindo a sua proteção e participação em discussões, antes não pensadas.

No que se refere a sua garantia de direitos, uma história foi sendo construída ao longo dos séculos, proporcionando melhor qualidade de vida não só as crianças, mas às famílias que foram contempladas ao ver seus filhos na escola dando condição aos pais de trabalhar para garantir o sustento do lar.

Em 1959 percebemos um avanço no cuidado e atenção às crianças ao ser adotada a Declaração dos Direitos da Criança pela Assembleia Geral das Nações Unidas, reconhecendo a criança como sujeito de direitos contemplando o direito a educação, saúde, lazer entre outros fundamentais ao seu pleno desenvolvimento. Em 1988 o artigo 227 é incluso na Constituição, focando o direito da criança. Em 1989 a Convenção Sobre os Direitos da Criança é adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas e ratificada pelo Brasil em 1990, mesmo ano em que é aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente, entrando em vigor em 12 de outubro.

A criança dos tempos de hoje é reconhecida como sujeito de direito de acordo com a lei 8069/90, artigo 10, do Estatuto da Criança e do Adolescente, ao dizer que "[...] da condição da criança e do adolescente como sujeito de direitos: crianças e adolescentes são titulares dos direitos previstos nesta e em outras leis, bem como na constituição federal." (BRASIL, 1990).

A Constituição Federal (CF) de 1988, no artigo 227, diz que é dever da família, da sociedade e do Estado,

> assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à saúde, à vida, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão

O artigo 4 do Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8069/90, ratifica a constituição do CF/1988, ampliando o direito ao esporte. No que se refere ao direito à liberdade, o artigo 16, inciso II, compreende aspectos relacionados a opinião e expressão. Precisamos valorizar a comunicação com a criança e, automaticamente, a escuta, pois é um direito que lhes cabe. A criança precisa falar e nós precisamos escutar!

Para percebermos com maior clareza a evolução da luta pelos direitos da criança, observemos algumas datas marcantes de documentos internacionais e

legislação nacional sobre os direitos da criança e do adolescente, por meio de dados fornecidos pelo portal da [8]Unicef e EBC[9].

Figura 14: Linha do tempo – Direito da Criança

Fonte: Elaborada pela autora com dados do Unicef e EBC. (2021)

Vemos que foram conquistas importantes, contudo, mesmo as crianças legalmente acobertadas, o discurso destoa da realidade. De acordo com o

[8] O UNICEF foi criado pela Organização das Nações Unidas em 1946 com o propósito de promover os direitos e o bem-estar de crianças e adolescentes em 190 países e territórios. No Brasil, está presente no Brasil desde 1950. (retirado do site https://www.unicef.org/brazil/sobre-o-unicef).

[9] Portal EBC, Empresa Brasil de Comunicação é uma plataforma na internet que integra conteúdos dos veículos (Agência Brasil, Radioagência Nacional, Rádios EBC, TV Brasil, TV Brasil Internacional) da Empresa Brasil de Comunicação e da sociedade em um único local.

Laboratório de Estudos da Criança (Lacri)/SP[10] (SCODELARIO et al., 2004, p. 12), três entre dez crianças no Brasil, de zero a 12 anos, sofrem algum tipo de violência todos os dias dentro da própria casa. Ou seja, tem direitos, mas ao mesmo tempo não tem. Para muitas delas, as leis constam apenas no papel. É claro que os avanços em relação à legitimidade da liberdade de expressão e demais direitos das crianças foi, e é, fundamental, no entanto, o contexto infantil em nossa sociedade revela a negação dos direitos da criança, pois são silenciadas, muitas vezes dentro dos seus próprios lares.

As crianças precisam brincar, precisam ser ouvidas, precisam de atenção. Se, nós adultos, não estivermos sensíveis as suas necessidades, elas morrerão aos poucos mergulhadas em dilemas e conflitos que as cercam. A sua alegria morrerá, a sua inocência se perderá, a curiosidade minguará, pois o que estará explícito para cada uma delas é um mundo sem cor.

O mundo das crianças deve ser colorido, um mundo de amor. É preciso que haja na base dessas relações o amor, e não simplesmente leis que obriguem a fazer o que precisa ser feito. Segundo Maturana (1998) o amor é a base do social, é preciso que haja aceitação do outo na convivência. Ele diz que...

> O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança[...] (MATURANA, 1998, p.25)

Sendo assim, a mudança deve vir de dentro para fora, os adultos precisam aprender, nesse convívio com as crianças, a amar e oferecer esse amor. É preciso ser revisto o olhar sobre à criança. Maturana (1998, p 67) diz que “[...] amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências.” É possível construir, nas ações do cotidiano, uma nova história. Separar tempo para contar e ouvir histórias, seja de um livro, seja a sua própria história, é um ato de amor livre de obrigações, mas cheio de intenções, ao perceber o outro, não apenas em um campo visual, mas em sua humanidade, carente de afeto, de escuta.

[10] O Laboratório de Estudos da Criança (Lacri), vem investigando sobre ocorrências de violência doméstica contra crianças e adolescentes no Brasil. O Laboratório é do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

O mundo necessita de atenção em todas as instâncias, as crianças fazem parte desse mundo e necessita, em suas especificidades, de ações prudentes, e concernentes à idade, que as levem a crescer em todos os âmbitos, seja nos aspectos cognitivo, socioafetivo ou psicomotor. As crianças não apenas aprendem, mas tem muito a nos ensinar. Precisamos estimular as suas potencialidades acreditando em sua capacidade, e que será aperfeiçoado nas relações sociais, no ensinar e aprender, no falar e escutar. Não subestimemos as crianças. Piletti e Rossato (2018, p.94) diz que ...

> Ao pensar na criança como um ser histórico-cultural, devemos considerar, na perspectiva de Vigotski, que ela é, desde muito pequena, capaz de estabelecer relações com o mundo que a cerca, de explorar os espaços e objetos que a rodeiam e de aprender de modo a desenvolver-se como ser humano. Assim, a criança não é um ser incapaz e totalmente dependente do adulto para realizar suas atividades, porém necessita da mediação dele [...]

Concordamos com os autores acima sobre a condição da criança em saber se relacionar com o mundo que a cerca, mas também da importância da mediação. Uma mediação assertiva contribui para a construção de novas práticas, novos jeitos de fazer e pensar, mas, para isso, precisamos de professores capacitados, sensíveis ao universo infantil, às suas vozes. É necessário perceber o potencial de cada sujeito considerando-o em sua totalidade.

Segundo Carolyn Edwards (2016), as crianças são protagonistas na sociedade, tendo o direito de serem ouvidas e de participarem, de fazerem parte do grupo e realizarem ações junto dos outros com base em suas próprias experiências e em seu próprio nível de consciência. Kuhlmann Júnior (2007, p.30) diz que

> “É preciso considerar a infância como uma condição da criança...conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras de história.”

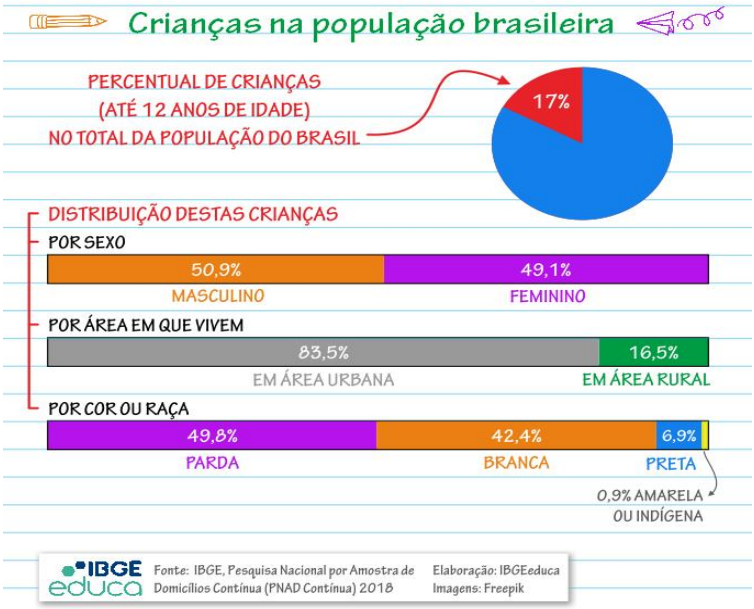
As crianças fazem história, criam história e escutam história, não porque alguém disse que isso deveria ser feito, mas porque faz parte do seu universo que isso aconteça. Elas fazem história vivendo a sua própria história; criam história pelo imaginário infantil mergulhado num mundo de faz-de-conta; e, por fim, escutam as histórias que lhes são contadas e enxergadas por elas.

As crianças nunca devem ser ensinadas de maneira abstrata, generalizada e desconectada da realidade em que vivem. Cada criança está intimamente ligada às

condições no tempo e no espaço, mas, independentemente da época em que estejam inseridas, todas necessitam da escuta, elas querem falar. E no Brasil, temos milhares de criança a serem ouvidas.

O IBGEeduca[11] mostra o perfil das crianças do Brasil e apresenta um percentual, de crianças até 12 anos. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018 contabilizou cerca de 35,5 milhões de crianças, de até 12 anos de idade, correspondendo a 17,1% da população estimada no ano, de cerca de 207 milhões.

Figura 15: Perfil das crianças do Brasil



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2018. Elaboração: IBGEeduca.

A figura acima mostra o tamanho da nossa responsabilidade, pois esses 35,5 milhões não representam apenas números, mas vidas. Ainda que sobressaltemos nesta dissertação crianças de Educação Infantil, é importante termos a visão do todo e enxergarmos que os sujeitos da primeira infância irão crescer e precisam ser visibilizados como sujeitos de direitos que requer investimentos e ações em nossos espaços públicos, mas em especial nas redes de ensino infantil, onde muitas crianças terminam passando a maior parte do seu tempo. Dessas crianças, 8,7

[11] Portal do IBGE voltado para a Educação.

milhões fazem parte de creches e pré-escolas, de acordo com os dados do censo escolar de 2018, divulgado pelo Inep[12].

Na primeira série de estudos publicada em 2007 pela revista The Lancet[13], sobre o desenvolvimento da primeira infância, constatou que mais de 200 milhões de crianças, menores de 5 anos, de países de baixa e média renda em todo o mundo, não estavam atingindo o seu potencial de desenvolvimento principalmente por causa da pobreza, deficiências nutricionais e oportunidades de aprendizagem inadequadas.

Em 2011, na segunda série de estudos, foi constatado uma lacuna no que se refere a implementação de intervenções para o desenvolvimento da primeira infância ressaltando a sua importância nos 3 primeiros anos de vida apontando que o fechamento dessa lacuna poderá acontecer se houver estímulo dos pais, apoio educacional e nutrição adequada para a saúde. Ou seja, há uma gama de necessidades a serem observadas. Precisamos fazer valer os seus direitos, isso as ajudarão a desenvolver de forma plena. Se a criança não está bem fisicamente e emocionalmente, haverá repercussão em sua aprendizagem e o seu potencial ficará comprometido.

Já a terceira série de estudos, lançado no Brasil em 2016[14] que reúne trabalhos de 45 autores de diversas áreas como neurociência, psicologia, pediatria, biologia, saúde global e economia, liderada por Linda Richter, da Universidade de Witwatersrand, África do Sul, traz questões fundamentais como, por exemplo a importância do cuidado integral e integrado que reduz os efeitos prejudiciais às estruturas e funções cerebrais contribuindo para que a criança cresça física, mental e socialmente. Esse cuidado supracitado inclui elementos essenciais como: nutrição, atenção à saúde, ambiente seguro e protetor, cuidado responsivo e oportunidades de aprendizagem. Garantir tudo isso é responsabilidade de todos, como cita a Constituição no artigo 227. O estudo diz que se as crianças são incapazes de

[12] Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC).
[13] The Lancet é uma revista científica reconhecida internacionalmente na área da saúde. As informações desse estudo estão disponíveis em https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(16)31774-3.pdf.
[14] Lançamento Série The Lancet 2016 disponível em: https://youtu.be/SoUOJo5l7Q4. Tempo de vídeo 1:17:50.

realizar seu potencial social e de desenvolvimento, isso não só prejudica seu futuro, mas também as sociedades em que vivem. Essa terceira série de estudos ainda aponta que, para otimizar o desenvolvimento infantil, conjuntos de intervenções multisetoriais devem acontecer como apoio e fortalecimento familiar (acesso a serviços de qualidade, desenvolvimento de habilidades e apoio às famílias); cuidado integral e integrado multigeracional (atenção à saúde física, mental e do bem-estar da mãe e do pai e apoio ao desenvolvimento de capacidades para o cuidado com a criança); aprendizagem inicial e proteção (apoio à criança por meio do fortalecimento das competências da família e dos cuidadores a fim de criar um ambiente de cuidado integral e integrado.

Valorizar a criança em suas potencialidades é (re)conhecer a sua importância e compreender que a falta de informação sobre seu desenvolvimento, desde a primeira infância, pode deixar lacunas difíceis de serem reparadas. Se não percebermos a criança como um sujeito ativo no processo de aprendizagem que constrói instrumentos de comunicação com o mundo adulto, que elabora teorias criativas, próprias da criança, jamais iremos conseguir captar o seu real valor, suas potencialidades e virtudes intrínsecas à infância. Precisamos nos debruçar mais sobre a primeira infância, pois a partir dessa compreensão iremos construir projetos políticos pedagógicos que acolham e façam sentido a toda comunidade escolar (crianças, pais, professores), consolidaremos e construiremos políticas públicas de qualidade e, com isso, veremos famílias fortalecidas. Estudos referentes à primeira infância têm crescido, isso é bom e imprescindível. O economista James Heckman[15] desenvolveu uma pesquisa[16], juntamente a outros profissionais como psicólogos, sociólogos, estatísticos e neurocientistas, mostrando a importância de investimento em crianças desfavorecidas nos primeiros anos de vida. O pesquisador diz que um dos maiores causadores de problemas sociais futuros é o não investimento nessa fase da vida. De acordo com o economista, programas de alta qualidade para

[15] Professor de economia de Henry Schultz, da Universidade de Chicago, especialista em economia do desenvolvimento humano. Os estudos sobre o impacto de programas sociais voltados à primeira infância renderam ao economista americano o Prêmio Nobel de Economia. Heckman comprovou que políticas públicas focadas nesse período do desenvolvimento humano têm potencial de promover verdadeiras revoluções sociais. (texto retirado dos sites: http://mds.gov.br/assuntos/crianca-feliz/crianca-feliz/a-primeira-infancia e https://heckmanequation.org/)

[16] A pesquisa pode ser encontrada na página do economista Heckman https://heckmanequation.org/resource/early-childhood-education-quality-and-access-pay-off/. Acesso em 03.mar.2021

crianças em situação de risco, voltados para a primeira infância, geram resultados de alta qualidade influenciando os resultados na esfera da economia, da saúde e do social. Um dos programas bem reconhecidos é o Perry Preschool Project (Projeto Perry de Educação Infantil). Participaram do programa um total de 123 crianças de camada social desfavorecida. As crianças foram divididas em dois grupos. Um deles era inserido no programa de alta qualidade para crianças, a partir de 3 ou 4 anos, e o outro era o grupo controle. O resultado foi que, ao avaliar essas pessoas na fase adulta, não perceberam avanços em relação ao QI, contudo perceberam o potencial desenvolvido em relação as habilidades sociais e emocionais, o que consideraram um excelente ganho, refletindo positivamente até a fase adulta da vida dos participantes. Heckman disse numa entrevista à BBC NEWS que os participantes do programa são pessoas bem-sucedidas e têm chances muito menores de ter cometido crimes.

De acordo com estudos do economista Heckman, quanto mais cedo se investe na criança, maior será a taxa de retorno econômico, além de que para garantir um futuro promissor, não só ao indivíduo, mas à toda sociedade, se faz necessário estimular não apenas o aspecto cognitivo, mas também habilidades não cognitivas, o que se espera hoje no mercado de trabalho. Ou seja, pessoas que saibam lidar com o outro, saibam resolver conflitos, esperar sua vez de falar, saiba se pronunciar oralmente sugerindo ideias, mas, também, aceitar a opinião do outro, entre outras coisas importantes para um bom convívio social.

Precisamos investir em nossas crianças, não, simplesmente, para evitar gastos futuros, mas para precavê-las de muitos males que rondam a nossa sociedade, e podem vir acometê-las pela falta de prevenção. E o que tudo isso tem a ver com o tema da nossa pesquisa? Tem tudo a ver, pois investir na infância é valorizar a criança, é escutar as suas necessidades. Programas que investem em crianças devem estar atentos às suas necessidades considerando a fase de desenvolvimento em que se encontra, mas também todos os critérios que venham influenciar o seu crescimento saudável.

No Brasil, foi instituído o Marco Legal da primeira infância pela lei federal 13.257/2016, a fim de garantir os direitos das crianças nessa fase da vida. Dentre outras coisas, o marco foi responsável pela criação do programa do governo federal criança feliz, maior programa de visitação domiciliar para primeira infância do

mundo, sendo destaque nacional e internacional por suas ações que visam alcançar as crianças de zero a seis anos com vistas ao seu desenvolvimento integral considerando a família e o contexto social. De acordo com o ministério da cidadania o programa atende 2.928 municípios brasileiros, sendo realizadas mais de 40 milhões de visitas, alcançando mais de 1,1 milhão de crianças e gestantes[17]. O Nordeste é a região com maior número de municípios participando, total de 1628 cidades.[18] Esse é um projeto que investe na criança, mas não esquece de seus cuidadores, vínculos afetivos que são essenciais para o seu crescimento.

O Núcleo Ciência pela Infância[19] confirma a importância de investimento na vida de crianças entre 0 e 6 anos de idade por ser uma fase em que as estruturas e circuitos cerebrais estão em desenvolvimento, além de ser um período em que adquirem "... capacidades fundamentais que permitirão o aprimoramento de habilidades futuras mais complexas." (COMITÊ CIENTÍFICO NÚCLEO PELA INFÂNCIA, 2014, p.3)

Os estudos estão avançando em relação as crianças e nós precisamos aproveitar esse conhecimento para delinear novas práticas que contribuam para o desenvolvimento da criança onde quer que ela esteja: em casa, na rua ou na escola. De acordo com os estudos, entendemos que investir na primeira infância vai muito além do aspecto cognitivo, mas adentra a questões nutricionais, ambientais, econômicas, sociais e emocionais. Contudo, independente da faixa etária, existe na criança uma necessidade básica a ser suprida: o desejo de ser ouvida. Por serem observadas em suas necessidades, programas e políticas públicas são construídas, por serem percebidas em suas particularidades a escuta deve ser constituída dentro e fora do âmbito familiar.

---

[17] Informações publicadas em 03/02/2021 no site do governo federal. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/02/idade-maxima-de-beneficiados-pelo-crianca-feliz-sera-ampliada. Acesso em: 11. Mar. 2021

[18] Informações publicadas em 04/06/2020 no site do governo federal. Disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/com-94-de-adesao-nordeste-e-regiao-com-mais-municipios-no-crianca-feliz. Acesso em: 11. Mar. 2021

[19] O Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância é composto por pesquisadores brasileiros de diferentes áreas. O objetivo principal do trabalho desse grupo é identificar temas-chave que possuem maior impacto sobre o desenvolvimento infantil e, assim, sintetizar, analisar e produzir conhecimento científico que contribua com a formulação, o fomento e a melhoria de programas e políticas a favor da criança. Texto integral e pesquisa disponível em https://ncpi.org.br/publicacoes/impactodesenvolvimento/

A escuta alcança qualquer criança independente da sua faixa etária, fazendo-a se abrir para o diálogo e para um mundo de informações e ideias a serem exploradas, mas para isso precisamos nos apropriar de uma pedagogia que proporcione essa visão. Precisamos pensar numa pedagogia da escuta, onde todos se ouçam, se percebam, concordem e discordem, construam e reconstruam uma visão de mundo. Mas que pedagogia seria essa?

2.2 Pela pedagogia da escuta: o reconstruir a escola e a criança

Falar sobre a Pedagogia da Escuta é nos remeter às práticas das escolas do norte da Itália, na cidade de Reggio Emilia, destaque no segmento educacional infantil. Loris Malaguzzi foi o idealizador de uma abordagem diferenciada, trazendo para o centro da práxis pedagógica não só a criança, mas, também, a família e os professores, considerados como parte fundamental no processo de construção educacional infantil.

Malaguzzi, professor que se destacou por suas ideias pedagógicas voltadas para a infância, foi o fundador do sistema público de educação infantil (EDWARDS, GANDINI E FORMAN, 2016, p.38) que, de modo ousado e inovador, deixou por meio dos seus estudos e intenções, um legado de respeito e amor às crianças, trazendo, para suas vidas, escolas de qualidade onde a imaginação é estimulada, a pesquisa fomentada, a autonomia construída, a liberdade de expressão respeitada, as vozes ouvidas e valorizadas.

Após a Segunda Guerra Mundial, Malaguzzi, junto aos pais das crianças, acometidas por um contexto de guerra, totalmente desfavorável ao ensino, decidiram erguer uma escola para crianças pequenas com uma proposta diferenciada daquela existente na época, e isso ganhou força diante da sociedade para que, mais a frente, outras escolas fossem sendo construídas, mesmo diante de algumas dificuldades levantadas, como algumas ideias monopolizadoras da igreja católica sobre a educação pré-escolar, que concentrava seus esforços, muito mais, nas [...] crianças necessitadas e em oferecer serviços de guarda e proteção [...] (MALAGUZZI, 2016, p. 55). Em meio as adversidades, o desejo de Malaguzzi (2016), e de todos os envolvidos no processo de (re)construção educacional infantil,

era de estimular a curiosidade das crianças e que elas fossem vistas como protagonistas.

Rinaldi (2016) diz que um objetivo que sempre caracterizou a experiência em Reggio Emilia foi a busca por significado. Ela diz que “[...] não podemos viver sem significado, porque isso deixaria nossas vidas sem identidade, esperança ou noção de futuro” (p.235). Edwards, Gandini e Forman (2016, p.24) deixa registrado o que diz a Reggio Children[20], sobre a Reggio Emilia, ao discorrer que...

> A experiencia de Reggio Emilia estimula o desenvolvimento intelectual infantil por meio do foco sistemático na representação simbólica. As crianças pequenas são encorajadas a explorar o seu ambiente e a se expressar por meio de múltiplos caminhos e de todas as suas “linguagens”, incluindo: expressiva, comunicativa, simbólica, ética, metafórica, lógica, imaginativa e relacional.

Isso nos mostra que, pelas diferentes linguagens, as crianças tem o direito e abertura para exteriorizar suas teorias, ou seja, suas concepções acerca das variadas temáticas abordadas, sendo valorizadas pelos professores acerca do modo de ser e forma de responder de cada um. Sendo assim, em vez de afligir-se em estimular à leitura de forma precoce, “[...] os professores dão apoio à competência na comunicação com os outros por meio da fala e de outros métodos para que todos possam contribuir para o grupo.” (EDWARDS, GANDINI, FORMAN, 2016, p. 25). A visão da pedagogia da escuta traz a reconstrução da escola e da criança dando voz e vez as suas linguagens. Isso nos remete à prática da contação de história abrindo portas para a participação de todos em seu livre pensar, agir e questionar.

Assim como a pedagogia da escuta traz um novo olhar e nova dimensão sobre a aprendizagem e relação humana, a leitor de literatura infantil também passou por mudanças. Ao se reportar a forma de contar história, Góes (1990, p. 15) alerta para uma postura adequada e nova de se contar, diferente do passado, pois antes o modo de ler era “...partindo da autoridade do adulto (pai, professor, educador) [...] O leitor do passado não podia ver pelo próprio olhar, pelos próprios

[20] Centro Internacional pela defesa e promoção dos Direitos e do Potencial de Todas as Crianças. É uma organização criada por Loris Malaguzzi e incorporada em 1994. A Reggio Children é sustentada por ações da prefeitura e de investigadores públicos privados da região da Emilia Romagna (incluindo pais e professores). Os objetivos são promover a pesquisa e o estudo da filosofia da Reggio Emilia por meio de seminários, conferencias e viagens de estudo; documentar, publicar e distribuir livros, vídeos e outras mídias sobre o assunto; e manter canais abertos de comunicação com outras instituições e educadores ao redor do mundo. (EDWARDS, GANDINI E FORMAN, 2016, p.370)

sentidos...", ao contrário, deveria aceitar o que era visto pelo olhar da autoridade escolar. A pedagogia da escuta prega exatamente o contrário, considerando a criança como protagonista, valorizando sua fala e cada questão por ela levantada.

Rinaldi (2016) diz que, em Reggio Emilia, as crianças são vistas "[...] como seres ativos, competentes e fortes, explorando e encontrando significado, e não como predeterminadas, frágeis, carentes e incapazes" (p. 235). Com isso, podemos inferir que a nossa visão sobre a infância irá determinar o tipo de atividade e a forma de conduzir a criança para os objetivos a serem alcançados, por isso a pedagogia da escuta tem tanto a nos oferecer.

A visão de ensino e aprendizagem que estava sendo proposta por Malaguzzi (2016, p.56) era de que a educação deveria vir precedida de "[...] conhecimento profissional, estratégias de cuidado e ambientes adequados [...]" ao nível de desenvolvimento de cada criança, indo além do mero assistencialismo. Ao valorizarmos a escuta na contação de história, também propomos que àquele que conta seja capacitado, que se utilize de estratégias adequadas de acordo com as faixas etárias a serem alcançadas, além de considerar o espaço a ser utilizado tendo em vista não apenas o conforto/desconforto, mas os riscos que as distrações ao redor podem trazer como, por exemplo, a dispersão das crianças nas atividades, um não aproveitamento do que se propõe em sua completude. Contar histórias considerando a proposta da pedagogia da escuta vai além do contar, é preciso sensibilidade para considerar as pessoas, o espaço e o contexto os quais estão inseridas. Malaguzzi não aborda questões especificas relacionadas à contação de história, de como deveria acontecer, mas a sua visão e prática desenvolvida na Educação Infantil nos revela um caminho a trilhar, ainda que nas entrelinhas. As histórias têm o poder de proteger e transformar, mas é preciso a sensibilidade da escuta, possibilitando, com isso, não apenas o ecoar da voz de quem conta, mas o reverberar da participação dos ouvintes, tornando assim todos especiais e valorizados naquele meio. O contar história numa perspectiva malaguzziana nos leva a considerar todos os sentidos e as múltiplas formas de expressão da criança.

Em sua entrevista à Gandini (2016), no livro As cem linguagens da criança, Malaguzzi diz que um dos seus objetivos é criar nas escolas um ambiente amável, onde crianças, famílias e professores se sentissem relaxados, incorporando maneiras de viver em conjunto, de modo cooperativo, fortalecendo as relações entre

crianças, famílias e professores, tornando a participação e a pesquisa mais ativa. Abrir espaço para que a família possa conversar sobre situações de conflitos que possam estar vivenciando, ou simplesmente entrem para sugerir, questionar ou contribuir com atividades propostas pela escola, fortalece os vínculos afetivos, podendo revigorar a evolução de aprendizagem da criança em seus vários aspectos do desenvolvimento. A visão proposta por Malaguzzi nos aproxima da perspectiva trazida para o presente estudo sobre a contação de história, tendo em vista que a proposta é de que a criança não apenas ouça o que está sendo dito, mas também possa se posicionar questionando, opinando ou trazendo soluções para as narrativas expostas.

Para a construção de um ambiente socialmente acolhedor, necessariamente, a escuta preciso estar imersa nesse processo. Afinal, como alguém se sente acolhido se não é ouvido? Contudo, reforçamos que o meio e as nossas ações poderão favorecer ou não o compartilhar de ideias. Rinaldi mostra a importância de a escola apresentar-se num contexto de "[...] múltipla escuta, envolvendo professores e crianças, individualmente e em grupo [...]" (RINALDI, 2016, p.238). Segundo a autora, as crianças são as maiores ouvintes do mundo, desde bebês, mas também mostram o desejo em querer falar e de serem ouvidas, elas são, de fato, seres naturalmente sociais, e como tais, devemos abrir espaço para suas variadas formas de comunicação. E ainda diz que...

> Escutar significa estar aberto às diferenças e reconhecer o valor no ponto de vista e da interpretação do outro. Logo, escutar torna-se não só uma estratégia pedagógica, mas também uma forma de escutar e ver os outros. Escutar é um verbo ativo que envolve dar significado e valor às perspectivas dos outros, uma forma de avaliação. Esse tipo de escuta é uma forma de receber os outros e suas diferenças e uma forma de receber diferentes teorias e perspectivas. (RINALDI, 2016, p.237)

Mas como essa escuta vista como tão primordial ação poderá comungar com o ato de contar história, conforme trazemos para esta pesquisa? Podemos partir do princípio que aquele que conta tem um público para ouvir, mas que, naturalmente e instintivamente, aqueles que ouvem, também, dizem algo em suas próprias ações/reações ao mergulhar na história, onde a imaginação passeia e se entrelaça em meio a narração. Ao pontuar o significado da escuta, Rinaldi (2016) nos faz entender o valor dessa ação para o ser humano, adulto ou criança, dentro e fora do

espaço escolar, ao ressaltar a estima pelo outro, respeitando as diferenças e valorizando as relações sociais.

Todos querem ser ouvidos, e isso deve acontecer no cotidiano escolar entre os autores (crianças, professores, famílias) que estão diretamente implicados no processo educacional e deve acontecer continuamente, seja dentro de sala de aula, no parquinho ou até mesmo numa contação de história. São muitas descobertas a serem feitas quando o espaço se abre para escutar o outro. A descoberta acontece tanto para àquele que ouve como para quem está falando.

Precisamos estar atentos ao que a criança fala, pois ela elabora não só com a boca, mas com todo seu corpo. São múltiplas as linguagens, e precisamos estar sensíveis a elas. Em seu poema, Malaguzzi nos fala sobre as cem linguagens da criança, e nos deixa, também, uma crítica/reflexão a ser considerada...

> A criança é feita de cem. [...] cem e sempre cem modos de escutar [...]. a criança tem cem linguagens (mais cem, cem e cem) mas roubam-lhe noventa e nove. A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo. Dizem à criança: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e não falar [...]. E assim dizem à criança que as cem não existem. A criança diz: de jeito nenhum. As cem existem. Malaguzzi (traduzido por Lella Gandini, 2016, p. 21)

Malaguzzi (2016, p.71) nos mostra as inúmeras linguagens que permeiam as crianças, porém deixa claro que as podamos de maneira controladora, dissociando a teoria da prática, negando o que elas podem fazer, porém sem sucesso, porque ainda que venhamos tolher suas competências, elas lá estarão. Sendo assim, o autor deixa claro qual deve ser o papel dos adultos afirmando que “[...]é ativar, especialmente, de maneira indireta, as competências de criação de significados nas crianças como a base de toda a aprendizagem e [...] unir em um diálogo frutífero, seus significados e suas interpretações com os das crianças”, devendo perceber os momentos e abordagens certas para isso.” (MALAGUZZI, 2016, p.71)

O momento da contação de história também faz parte do processo de ensino-aprendizagem, e, considerando a proposta desta dissertação que é compreender as contribuições de histórias contadas/produzidas na Educação Infantil, sob a ótica da pedagogia da escuta para a proteção e (trans)formação da criança, só haverá sucesso, se permitirmos o fluir da imaginação, que pensem por si, possibilitando, um diálogo frutífero, como propõe Malaguzzi (2016). O objetivo de promover a proteção por meio de histórias contadas não é impor crenças pessoais sobre o coletivo, mas

alcançar o coletivo com histórias reais instrumentalizando crianças a agirem na adversidade. Não é ver nas crianças a reprodução de comportamentos desejados pelos adultos, mas é levar informação que gere informação e proteção, por meio da literatura infantil, ampliando a força da criança em sua susceptibilidade natural da fase de desenvolvimento em que se encontra.

Mas como esse contexto de escuta pode ser criado? Segundo Rinaldi (2016) “um contexto de escuta é criado quando os indivíduos se sentem legitimados para representar suas teorias e oferecer sua interpretação de uma questão específica” (RINALDI, 2016, p.238). A escuta promove uma reação professor/aluno menos verticalizada, promovendo liberdade de expressão e ação por parte dos alunos, a partir da sensibilidade do professor. Assim também deve acontecer numa contação de história cujo objetivo proposto é levar informação para prevenção. Não cabe discurso determinista baseado numa visão adultocêntrica, mas abre espaço para uma boa mediação de proposta reflexiva e formativa, contribuindo para um debate que leve a escuta de muitas vozes/linguagens e construções de muitas ideias. A comunicação na infância deve circundar todas as atividades propostas com vistas a extrair da criança as suas dúvidas e fomentar ao máximo o seu potencial.

Por meio da escuta do professor e incentivo ao diálogo na educação infantil, as crianças vão construindo sua identidade, sua autoimagem, atinando para uma nova visão de mundo, compreendendo-o melhor para melhor nele viver. Tudo isso, a partir de suas experiências vistas e vivenciadas em casa, na escola e demais espaços que tenham acesso, elaborando, a partir daí, alguns princípios morais e éticos. A partir de sua forma singular de enxergar o mundo, ainda que de modo inacabado, suas percepções podem ser ressignificadas como consequência das experiências compartilhadas oralmente ao lado de seus pares. Guimarães (2012, p. 91) diz que “é necessário levar em conta o diálogo com a expressividade das crianças [...] soluções inusitadas para as questões que emergem no coletivo, permitindo-lhes prosseguir, testar suas hipóteses, experimentar formas novas de relação, sustentar o que constroem.” Na proposição de envolver as crianças no universo da história, àquele que conta deve proporcionar o fluir da imaginação, onde ideias são construídas, outras descontruídas, e novas formas de entender o mundo surgem favorecendo novas atitudes a serem vivenciadas. O papel da escola é fundamental para a promoção de novas habilidades, mas importante termos em

mente que cada criança reagirá diferente aos diferentes estímulos, às diferentes falas, portanto, é preciso que o professor escute enquanto fale, ou seja, esteja atento às reações das crianças para que, se preciso for, venha reestruturar sua fala para ser mais claro, abrindo, com isso, possibilidade de diálogo mais fluido, uma vez que todos se percebem, todos se escutam e podem interpretar a realidade do seu jeito.

A Base Nacional Comum Curricular se organiza em campos de experiências, e um deles está associado a escuta, fala, pensamento e imaginação. Nesse ponto, a base destaca que ...

> Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BNCC, 2017, p.42)

Também encontramos na BNCC que, um dos direitos de aprendizagem, refere-se ao direito de se expressar “como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.” (BNCC, 2017, p.40) Portanto, fica explícito a necessidade de o professor estabelecer essa escuta, como fator primordial à criança, mas precisa ter clareza sobre essa importância. Freire (1996) diz que escutar vai além da capacidade auditiva de cada uma de nós, mas é estar disponível e aberto à fala do outro e às diferenças que traz consigo. Mas para onde vai a escuta e diálogo que proporcionamos? Corremos o risco de usar o discurso e a tentativa de imanarmos na pedagogia da escuta, mas não sairmos do lugar. Precisamos reverter à voz da criança e a escuta do adulto em favor da criança. Caso contrário, tudo não passará de um faz de conta sem graça e sem propósito, ocupando o tempo da criança. Rinaldi (2016, p.236) cita vários argumentos sobre o que é a escuta, como ela deve ser, como é gerada, entre outras colocações importantes para nossa melhor compreensão, vejamos quais são:

> A escuta precisa ser sensível aos padrões que nos conectam aos outros; A escuta precisa ser aberta e sensível à necessidade de ouvir e ser ouvido e à necessidade de escutar com todos os nossos sentidos, não só com os ouvidos; [..] deve reconhecer as muitas linguagens, os muitos símbolos e códigos que as pessoas usam para se expressar e se comunicar; escutar a nós mesmos – “escuta interna” – nos encoraja a ouvir os outros, mas, por

> sua vez, é gerada quando os outros nos ouvem; [...] demanda tempo. Quando você realmente escuta, você entra no tempo do diálogo e da reflexão interna, um tempo interior que é composto do presente, mas também do passado e do futuro, e, portanto, está fora do tempo cronológico [...]; a escuta é gerada por curiosidade, desejo, dúvida e incerteza. Não se trata de insegurança, e sim da tranquilização que toda "verdade" só o é se tivermos consciência de seus limites e de sua possível falsificação; A escuta produz perguntas, não respostas; A escuta é emoção. É gerada por emoção, é influenciada pela emoção dos outros e estimula emoções; a escuta deve receber e ser aberta às diferenças, reconhecendo o valor das interpretações e dos pontos de vista dos outros; escutar é um verbo ativo que envolve dar uma interpretação, um sentido à mensagem, e valorizar aqueles que são escutados pelos outros; [...] Exige abertura à mudança. Exige que valorizemos o desconhecido [...]; remove o indivíduo do anonimato (e as crianças não suportam ser anônimas). A escuta nos legitima e nos dá visibilidade. Ela enriquece tanto aquele que escuta como aquele como produz a mensagem.; [...] é a base de qualquer relação. Por meio da ação e reflexão, a aprendizagem ganha forma na mente do sujeito e, por meio da representação e da troca, torna-se conhecimento e habilidade; A escuta ocorre dentro de um "contexto da escuta", em que se aprende a ouvir e a narrar, e cada indivíduo sente-se legitimado para representar e oferecer interpretações de suas teorias por meio de ação, emoção, expressão e representação, usando símbolos e imagens (as "cem linguagens"). A compreensão e consciência são geradas por meio do compartilhamento e do diálogo.

Rinaldi (2016, p. 235) diz que a base da pedagogia da escuta está "[...] na capacidade de escuta e expectativa recíproca, que permite a comunicação e o diálogo [...]". Portanto, precisamos apreender sobre essa escuta da qual falamos para que não seja uma simples falácia e nem mamulengos inertes usando uma suposta escuta, mas na prática, um amontoado de ações desconexas do mundo infantil, da proposta educacional que se almeja trabalhar. Kuhlmann (1998, p. 57) diz que...

> Se a criança vem ao mundo e se desenvolve em interação com a realidade social, cultural e natural, é possível pensar uma proposta educacional que lhe permita conhecer esse mundo, a partir do profundo respeito por ela. Ainda não é o momento de sistematizar o mundo para apresentá-lo à criança: trata-se de vivê-lo, proporcionar-lhe experiências ricas e diversificadas.

O autor tem razão, precisamos de uma proposta conectada com a realidade das crianças, isso é, também, respeitá-las. E apresentar o mundo às crianças não é tão simples, se considerarmos todo o contexto em que ela está inserida, especialmente se falamos em crianças de comunidades em que impera a violência e a falta de políticas públicas. Nos apropriarmos da pedagogia da escuta é uma oportunidade de retirar as vozes das crianças do anonimato e perceber como elas

estão interpretando a realidade, os seus pontos de vista e as suas contribuições para superar as realidades encontradas sobre a violência contra as crianças no Brasil.

Assim, vistos os desafios adjacentes às crianças do mundo atual, se faz necessário um novo olhar para a educação, imprescindível, também, professores preparados para formar alunos-cidadãos-pesquisadores que possam opinar, discordar, formular hipóteses, atribuindo significado ao que se vê e ao que se faz.

Entendemos que não basta termos crianças nas escolas, mas abraçarmos uma proposta pedagógica consonante com a realidade vivenciada e, que acima de tudo, se importe com elas. Ficou evidente no presente estudo que a perspectiva da pedagogia da escuta se enquadra nessa visão em que a criança é a protagonista no processo de ensino-aprendizagem, porém sem perder de vista o papel primordial que exercem o professor e a família. Aprender a reivindicar, a dizer não pode, a denunciar, entre tantas outras atitudes, devem fazer parte da vida das crianças, mas isso só será possível se elas perceberem que são levadas à sério, se tiver quem as escute.

A valorização dessa troca de experiências, a perspectiva dessa pedagogia das relações e da escuta vivenciada com tanto primor nas escolas da cidade de Reggio Emilia, precisam ser ainda mais disseminadas em nosso país, pois ficou claro, por meio dos autores, que a escuta exerce um papel primordial para a valorização da criança e estímulo das suas potencialidades. A ideia, obviamente, não é importar e copiar uma prática italiana, mas adaptá-la a nossa realidade educacional brasileira. Mas, será que estamos preparados para isso? Por onde começar?

Diante das reflexões presentes nesse estudo sobre a criança, a escola e a escuta, que venhamos mergulhar numa prática pedagógica sensível às reais necessidades das crianças, dentre elas, à escuta, e que tenhamos em mente que, escutar é mais do que emprestar os seus ouvidos a alguém, mas é olhar nos olhos e mergulhar na história que o outro tem para nos contar.

2.3 Experiências que revelam a ação da contação à pedagogia da escuta

Narrar sobre o que vivi junto às crianças, o que percebi em suas (re)ações, falas ou silêncio, vai além de palavras escritas, são memórias que trago de experiências de vida. Neste tópico, exponho minhas percepções sobre as crianças nos espaços de contação entrelaçada à minha formação, ação e reflexão permitida durante a caminhada, revelando, como diz Josso (2007, p.413) “formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto.” Nas experiências vividas, ensinamos e aprendemos com o outro, levamos um pouco do outro em nós e deixamos um pouco de nós naqueles que compartilham momentos conosco, seja por meio de palavras ou ações.

Citado no primeiro capítulo, 2003 é o prelúdio da minha carreira como professora e dou início a minha trajetória no universo da contação de história. Iniciei como professora de crianças de um ano e dois meses na cidade de Natal/RN, ainda sem perceber os benefícios dessa ação pedagógica, contar histórias era perceptível à atenção que as crianças despendiam, mas eu ainda não percebia os benefícios que as histórias poderiam trazer.

A presença da escuta na contação passou a acontecer em 2013, dez anos após os meus primeiros passos na Educação Infantil. Comecei a vivenciar experiências numa Unidade de Acolhimento de crianças da cidade de Mossoró, quando, a partir daí, o ato de contar histórias começou a ser reconduzido para uma forma de contar diferente daquilo que costumeiramente eu fazia. Para os momentos da contação uma nova ação passou a emergir: escutar. Agora a realidade seria perceber os ouvintes e possibilitar que suas vozes ecoassem, afinal de contas, eles tinham muito a dizer.

Passamos por alguns espaços contando histórias como **Unidade de Acolhimento de crianças, praças, associação, igrejas e escolas**. Em cada espaço um novo aprendizado. O maior deles é que as crianças têm muitas histórias, e elas querem falar, precisam ser ouvidas, cuidadas, protegidas. Víamos em cada história contada uma oportunidade de compartilhar novos conhecimentos, ajudá-las em suas angústias ou preveni-las de situações indesejadas. Abaixo, mostraremos algumas experiências de momentos da contação nos espaços referidos:

2.3.1 A unidade de acolhimento

As visitas à Unidade de Acolhimento Ser Criança[21] aconteceram por um período de quase seis anos, 2013 a outubro de 2018, quinzenalmente, por meio do projeto *Criança andando como Jesus*, da Igreja do Nazareno. A Unidade de Acolhimento é um espaço que recebe crianças que tiveram seus direitos violados, entre zero e 12 anos de idade. É composto por uma equipe de cuidadores, assistente social, psicóloga e merendeira.

O projeto era desenvolvido por uma equipe de voluntários que levava lanche e atividades pedagógicas diversas, dentre elas a contação de história. Durante a história, era perceptível que as crianças tinham algo a dizer sobre os personagens ou apontavam alguma relação com suas histórias de vida. Elas queriam falar! Durante a contação algumas crianças se expressavam de modos diversos: sorrindo, derramando lágrimas, demonstrando surpresa, tristeza, apreensão etc. Algumas crianças também gostavam de trazer seus relatos como, por exemplo, “um dia eu vou voltar pra casa” ou “eu vou ter uma nova família” etc. Algumas vezes também traziam em tom de denúncia seus amigos dizendo “ela fala palavrão”, “... não divide os brinquedos”, “não pode mentir, mas ele mente”. Para cada história, relatos diferentes aconteciam.

Figura 16: Contação de história com recursos diversos.

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

[21] Nome fictício

Figura 17: Registro feito pela criança do seu autorretrato.

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Por ser um espaço que visitávamos quinzenalmente por até duas horas, as crianças tinham a oportunidade de registrar na folha de ofício seus sentimentos e desejos, além de conversar com maior tranquilidade com os voluntários do projeto. As figuras 16 e 17 mostram, respectivamente, o momento da contação e [22]pós-contação. Nesse dia, falamos sobre guardar o coração das más atitudes, das ações do outro em relação a nós e de nós em relação ao outro. Para isso, foram utilizados recursos variados como orégano, detergente, água e um prato para exemplificar o que estava sendo falado.

O projeto levava histórias bíblicas, além de outras que trouxessem conteúdos que contribuíssem para a formação da ética e moral, contribuindo para a valorização de si e do outro, oportunizando, também, um melhor convívio social. Além de se expressarem oralmente, as crianças registravam por meio do desenho a proposta da atividade, após a contação, expondo suas preferências como podemos ver as figuras 18, 19 e 20.

[22] Momento que vem após a contação de história que pode acontecer por meio de reflexões, brincadeiras ou outras atividades como registro gráfico, seja desenho ou escrita textual.

Figura 18: Registro sobre “O que você quer ser quando crescer.”

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 19: Registro sobre “O que você quer ser quando crescer”

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 20: Registro sobre “O que você quer ser quando crescer.”

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

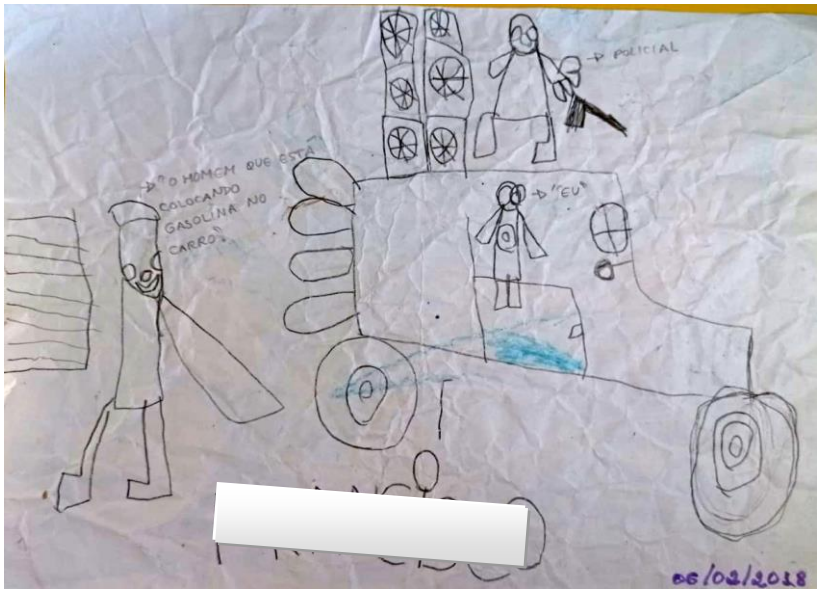
Essas imagens mostram momentos pós-contação acerca da temática desenvolvida “O que você quer ser quando crescer.” Na figura 18 a criança desenhou o símbolo do seu time preferido e disse que gostaria de ser um jogador de futebol.

Já nas figuras 19 e 20 os meninos “R” e “K” disseram, respectivamente, que queriam ser um bombeiro e um super-herói. Esses eram momentos que sempre buscávamos valorizar o gosto de cada criança, elogiar suas produções artísticas, respeitando sua individualidade e, ao mesmo tempo, estimulando a acreditar em si. Cada registro tinha um pouco de cada criança, em cada história contada uma oportunidade para sonhar, refletir sobre si, sobre o outro, sobre o mundo.

No decorrer do tempo, ficou claro que as crianças não gostavam apenas de escutar e registrar, gostavam de ser ouvidas após cada registro. Para as crianças que não sabiam ler e queriam colocar no papel os seus pensamentos, oferecíamos para ser os escribas. Na figura 21 mostra o desenho da criança e o registro escrito feito por mim, enquanto a criança expunha suas experiências. Ele desenhou uma situação vivenciada em um posto. Relatou que lá estavam: “o policial”; “eu”; “o homem que está colocando gasolina no carro”. Ao final disse que queria ser policial. O registro de cada criança deve ser levado em consideração e valorizado, e se

possível, aproveitar como ponto de partida para diálogo. Podemos conhecer alegrias, tristezas e inúmeras situações por meio do desenho.

Figura 21: Registro sobre “O que você quer ser quando crescer.”



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A dimensão da contação de história foi se alargando e solidificando à uma nova prática, a da escuta, à medida que eu percebia a importância de escutar o outro, considerando as vozes das crianças. Sendo assim, as crianças passaram de meras espectadoras para sujeitos ativos no ato da contação, expressando seus sentimentos no decorrer da contação e pós-contação. As experiências na Unidade de Acolhimento refletiram em todos os demais espaços por onde passei. A escuta passou a ser ação primordial no ato de contar.

2.3.2 Praças

A praça também é lugar de contar histórias, brincar e conviver com outras crianças. Por meio do Projeto *Criança na Praça*, organizado pela Igreja do Nazareno desde 2015, as crianças brincam e ouvem histórias de diferentes formas e recursos variados, como podemos ver na figura 22. Com o uso do paraquedas cooperativo as crianças conseguem participar ativamente da história. É sempre uma diversão, especialmente quando são as crianças que finalizam a contação. O projeto acontece

uma vez por mês com o apoio de voluntários da Igreja que organizam as brincadeiras, teatro e/ou contação de história.

Figura 22: Contação de história com o uso do paraquedas cooperativo na Praça Dix-Huit Rosado

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O projeto visitou três praças diferentes da cidade de Mossoró como podemos ver nas figuras 23, 24 e 25. Iniciou na Praça dos Patins (figura 23), um espaço visitado por adolescentes, jovens e crianças e suas famílias que andam de patins e aproveitam, nos trailers, para lanchar.

Figura 23: Contação de história na Praça dos patins.

Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

O espaço foi se tornando pequeno devido a quantidade de pessoas que passaram a frequentar o local, com isso passamos a frequentar a Praça dos Carrinhos (figura 24). Contudo, mesmo sendo um ambiente amplo, sentimos a necessidade de sair do local, pois o comércio de brinquedos locados aumentava, inviabilizando o livre brincar proposto pelo projeto.

Figura 24: Contação de história na Praça dos carrinhos.

Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Atualmente, o projeto é desenvolvido na praça do Teatro Dix-Huit Rosado (figura 22), por oferecer espaço suficiente às crianças e seus familiares.

Temos vivo em nossa memória o relato de uma mãe que, em 2016, apareceu com sua filha e nos relatou que estava muito feliz em ver um grupo com as crianças na praça, pois sua filha estava em casa muito triste (não relatou o motivo) e, naquele momento, ver a filha brincando e sorrindo era uma alegria enorme. Ao final da sua fala, agradeceu. Perceptível à necessidade não só da filha, mas da mãe em relatar sua angústia vivenciada e alegria ao se deparar com um projeto que dava possibilidade de as crianças interagirem entre si. Foram inúmeras vezes que ouvimos das crianças e dos pais o desejo que o projeto acontecesse todo final de semana. Precisamos fortalecer e promover mais atividades que possibilitem esse tipo de interação entre criança-criança e criança-adulto. A brincadeira é a linguagem universal das crianças e por ela suas vozes ecoam de diferentes formas. O brincar e

a história podem caminhar juntos para promover a interação e livre expressão das crianças.

2.3.3 Igrejas e associação

A contação de história também foi sendo inserida nas igrejas e diferentes espaços junto à Associação Semeando Juntos, uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, que tem como visão reduzir os indicadores de desigualdade social na cidade de Mossoró/RN através de práticas sociais transformadoras. Abaixo, na figura 25, temos a contação de história acontecendo numa Ação Social promovida pela Associação em parceria com a Igreja do Nazareno, dentro de uma escola pública da referida cidade. Vários serviços foram oferecidos, dentre eles uma sala de contação de história abordando sobre o abuso sexual infantil.

Figura 25: A interação por meio da contação

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A interação com as crianças é fundamental durante a história, seja por meio de um olhar, palavras ou gestos. Na figura 25 estou imitando o peixinho Glub, amigo da Tartanina, personagem principal da história, que teve seus direitos violados. A medida que apresentava os personagens da história, as crianças se envolviam fazendo movimentos e respondendo às perguntas, com o propósito de levá-las à

reflexão. No momento da contação a interação é fundamental, seja por meio de gestos ou falas a serem replicadas pelos ouvintes. O público infantil sempre demonstra alegria ao participar.

Em 2019, numa outra ação social, em parceria com a mesma Associação e Igreja, ao refletirmos sobre o abuso infantil, uma mãe relatou para que todos ouvissem “Isso é triste, já aconteceu comigo e com ele”, apontando para o filho. A necessidade do ser humano em falar o que se passa, o desejo em ser escutado é manifesto, seja por meio de uma fala como a supracitada, seja por meio de expressões corporais, ficando evidente quando a escuta é sensível. É possível perceber a alegria, temor ou tristeza por meio das inúmeras expressões à medida que a história vai cativando todos ao redor, adultos ou crianças. O poder da contação é visto no envolvimento que há entre contador e crianças, não importa o número de crianças envolvidas, sempre existe atenção do público infantil quando as histórias se encontram: a história que leva a criança a entrar no mundo da imaginação e àquela que a criança traz consigo. Com o exemplo da fala da mãe, mencionado anteriormente, fica notório que as temáticas trazidas nas contações tocam e podem ser impulsionadoras para que debates e orientações aconteçam.

A história também chega às comunidades carentes alcançando crianças como, por exemplo, do bairro Alto da Pelonha, em Mossoró/RN, lugar que recebe crianças semanalmente, a cada sexta-feira. A equipe responsável por essa ação, da Igreja do Nazareno, oferece histórias da bíblia, atividades pedagógicas e o lanchinho que não pode faltar. Para a maioria, o lanche é a única refeição da noite. Na figura 26, a história falava sobre o amor de Deus por todas as crianças, utilizamos a mágica como recurso visual. Ao final, todas receberam os chinelos (figura 27) oferecidos pelo projeto Palavra Viva[23]. Um chinelo colorido, em que cada cor representa uma parte de uma história contada às crianças.

[23] O Palavra Viva, coordenado por Andressa Montenegro desde 2018, é um projeto de cunho cristão e social que visa levar o amor de Deus por meio de história e música às crianças, além de roupas para meninos e chinelos aos necessitados.

Figura 26: Contação no bairro Alto da Pelonha

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 27: Entrega de chinelos às crianças carentes

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Além de histórias bíblicas com aplicação para a vida cotidiana, nas atividades realizadas junto à Associação e a Igreja, a contação também abrange temáticas que abordam assuntos emergentes como o abuso sexual infantil, como falamos

anteriormente. Com o apoio dos Projetos Dress a Girl Around the World[24] e Palavra Viva, apoiados pela Igreja, é desenvolvido um trabalho de prevenção com o uso da contação de história. Além de orientações, levamos vestidos, calcinhas, shorts, camisas e chinelos para as crianças. Para cada projeto há voluntários que se dedicam às ações desenvolvidas.

[24] O Dress a Girl Around the World é uma Organização Não Governamental (ONG), fundada em 2009 nos Estados Unidos por Rachel Eggun Cinader, com a missão de fazer vestidos para doar à meninas carentes, levando-lhes dignidade, proteção e esperança. No Brasil, foi fundado no final de 2016 e na cidade de Mossoró iniciou em dezembro de 2017, com o apoio da Igreja do Nazareno, sob a coordenação de Andressa de França Montenegro.

Figura 28: Contação junto à Associação contra o abuso infantil.

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 29: Contação junto ao Projeto Palavra Viva.

Fonte: Arquivo pessoal, 2019

As figuras 28 e 29, respectivamente, mostram momentos pós-contação com o apoio dos projetos Dress a Girl e Palavra Viva. Esse é, também, é um momento que requer atenção do contador, pois a criança pode querer se aproximar para receber um abraço, perguntar algo sobre a história, contar algo sobre si, pedir orientações etc. É preciso sensibilidade na escuta. As crianças querem falar, mas precisam de pessoas e ações que promovam a escuta.

2.3.4 A escola

Aos poucos fui adentrando aos espaços das escolas públicas tanto da educação infantil, quanto do ensino fundamental. As escolas solicitavam a contação de história para meu e-mail privado e/ou institucional informando a temática da história desejada para seu público. Os pedidos sempre estavam relacionados às datas comemorativas ou algum tema específico voltado para situações que acometiam as crianças em seu cotidiano.

Tive a oportunidade de levar a contação de história para escolas públicas em Mossoró e regiões circunvizinhas como Piquiri, Sussuarana e Serra do Mel. Chegamos nesses locais numa média de 40 minutos.

Figura 30: Contação de história e música na UEI Lindalva de Oliveira – Mossoró/RN

Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Figura 31: Contação de história na Escola Municipal Vila Serra do Mel

Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

As figuras 30 e 31 mostram registros pós-contação. Nas duas escolas levamos história e música para comemorar a semana da criança, movimentando e direcionando o grupo à participação. Após a contação, passei a perceber o quanto é fundamental o momento de interação com as crianças. Elas sempre se aproximam para dar um abraço, expressar algo sobre a história contada ou sobre sua própria história. Uma das crianças (menino) da Serra do Mel/RN relatou que havia gostado muito da história e tinha ficado com vontade de chorar. Ele preferiu não falar o motivo, mas mostrou identificar-se com a contação. Ao final, perguntou se podia me dá um abraço. Assim nos despedimos.

Figura 32: Contação de história com o boneco “Esticadinho ” na Unidade de Educação Infantil Maria Dolores – Mossoró/RN.

Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 33: A interação com o personagem.

Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 34: Crianças fazendo fila para abraçar o personagem da história, na pós-contação

Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Na Unidade de Educação Infantil Maria Dolores contamos a história do personagem [25]Esticadinho, o menino que sofria bullying. As crianças se identificaram com a história, ficando atentos do início ao fim como podemos perceber na figura 32. Após a contação, como muitas crianças queriam abraçar o personagem, decidimos fazer uma fila para que todos tivessem oportunidade de manusear o boneco. A maioria das crianças quiseram apenas abraçar, como na figura 34, outras queriam esticá-lo, mexer em suas sobrancelhas, como vemos na figura 33, outras falavam para esticadinho não fazer maldade. Esse momento, em observar as crianças, nos garante o nível de compreensão que tiveram em relação à história, possibilitando, inclusive, uma continuidade do assunto em sala de aula pelos professores, com possibilidade de projetos a serem realizados, conforme interesse das crianças e necessidade da temática.

Ainda que tenha passado por algumas experiências em espaços não-escolares e diferentes escolas, daremos destaque ao relato de experiência na Unidade de Educação Infantil Adalgiza Fernandes.

[25] Relataremos sobre a história do personagem Esticadinho no capítulo três.

Figura 35: Primeira visita à UEI Adalgiza Fernandes

Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

A escolha dessa unidade se deu por ela ter sido a primeira escola pública que entrei para contar história, conforme vemos na figura 35. História solicitada pela escola em virtude do período natalino. Também, escolhemos essa escola por ela ter inspirado, em 2019, a escrita de uma história autoral. Foi primeiramente escutando os gestores que conseguimos chegar às crianças, alertando-as para uma realidade vigente: o abuso sexual infantil.

Na mesma escola, mas agora em outro bairro, Nova Betânia, num espaço mais amplo e agradável às crianças, em 2018, durante a Campanha Maio Laranja[26], fui convidada para abordar a temática que a escola estava trabalhando com as crianças. Levei a história O segredo da Tartanina das autoras Silva, Soma e Watarai (2011) e, reforçando o assunto, cantamos uma canção relacionadas ao tema. A escola havia ensinado a música “O seu corpo é um tesourinho”, uma história cantada, um alerta do pai à filha, numa atitude de combate à prevenção a violência sexual infantil.

[26] É uma campanha de alerta e prevenção contra os Crimes de Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. O dia 18 de maio foi instituído pela Lei Federal n° 9.970/00 como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. A data é em homenagem a menina Araceli que em 18 de maio de 1973, com apenas 8 anos de idade, foi raptada, estuprada e morta por jovens de classe média alta, na cidade de Vitória (ES).

Na figura 36 podemos ver o quanto às crianças estavam atentas à contação. Além de a história trazer personagens bem conhecido das crianças (animais marinhos), o conteúdo também parecia chamar atenção.

Figura 36: A atenção das crianças ao ouvir a história O SEGREDO DA TARTARNINA

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Em 2019 fui convidada novamente pela mesma escola para falar sobre o abuso infantil com as crianças. Contudo, sem conhecer outra história e não ter em mãos outra literatura com a mesma temática que pudesse me basear para contar tive a ideia de criar uma história com personagens que representassem as crianças do nosso Brasil. A partir daí, nasce Verdinando e Amarelina. Personagens nas cores verde e amarelo, confeccionados na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, no Laboratório de Práticas Educativas/LAPE, meu ambiente de trabalho, com o apoio da estagiária Thaiane Emília Barbosa Fernandes, que na época fazia o 7º período de Pedagogia. No capítulo três será exposta a sinopse da referida história.

No primeiro momento elaborei a história e a deixei guardada na memória para depois contar na escola. O próximo passo foi desenhar os personagens numa folha de papel paraná, de modo que pudessem virar bonecos articuláveis, conforme pode ser visto na figura 37. Com o apoio de Thaiane, pintamos e cortamos as silhuetas dos bonecos para levarmos a UEI Adalgiza Fernandes (figura 38).

Figura 37: Boneco articulável

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 38: desenho e corte da silhueta dos bonecos

Fonte: Arquivo pessoal, 2019

Cada detalhe foi pensado nas crianças, com a intenção dos bonecos conseguirem ao máximo interagirem com elas por meio dos movimentos e expressões de braços, pernas e boca.

Finalmente, chegou o dia de levarmos a história de Verdinando e Amarelina às crianças. Contamos com o apoio do meu esposo, que tocou no teclado a música

O seu corpo é um tesourinho. Além de todo apoio da supervisora pedagógica, Marta Priscila, que fez o papel da Amarelina. Eu representei os personagens Verdinando e o Amigo da família. A estagiária do LAPE ficou responsável pelos registros.

Para acalmar as crianças, logo que elas foram chegando ao pátio para se organizarem, deu-se início à música no teclado. Deixamos o som baixo e a melodia bem suave, até mesmo porque sabíamos que alí estariam algumas crianças autistas que poderiam ficar incomodadas com o volume alto do som. Em seguida, eu me apresentei, cantamos uma breve canção de abertura da contação de história, sempre interagindo com as crianças.

Alguns relatos das crianças sobre a história não ficaram esquecidos na memória, e com ajuda de alguns vídeos curtos registrados nesse dia por uma professora, guardados em meus arquivos, ficou claro o desconhecimento do tema para as crianças. Essa realidade nos alerta e confirma o quanto esse tema ainda precisa ser debatido nas escolas de educação infantil, pois as ofertas dos predadores sexuais são atrativas para um público tão vulnerável aos seus ataques, pela inocência, mas, também, pouca informação que levam consigo.

Figura 39: Contação de história com os personagens Verdinando e Amarelina

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Iniciamos a história apresentando cada personagem (figura 39). Ao falarmos sobre as características de Amarelina e Verdinando, as crianças bateram muitas palmas demonstrando carinho pelos personagens. Contudo, ao narrar um pouco

sobre o “Amigo da família” [27], àquele que iria enganar as crianças da história, percebemos desconfiança e ao mesmo tempo muita atenção. As crianças demonstraram curiosidade querendo saber mais sobre esse personagem.

Para visualizar melhor algumas reações das crianças, observe as falas[28] nos quadros abaixo dos momentos vivenciados antes, durante e após a contação de história para a turma de Educação Infantil do turno matutino, com uma média de 100 crianças:

Quadro 11: Diálogo com as crianças no momento antes da contação.

Momento antes da contação
[Antes da contação, apresentamos os personagens da história (Amarelina, Verdinando, Amigo da família)] [No momento da apresentação, observe a conversa do personagem Amigo da família e das crianças:] Amigo da família: - *olá pessoal! Eu sou o amigo da família. Eu gosto de brincar com as crianças, de entregar pirulito às crianças. Quem gosta de pirulito?* Crianças: - *Eeeeu!* [falando bem alto, com muita animação e levantando uma das mãos] Amigo da família: - *Quem gosta de pipoca?* Crianças: - *Eeeeu!* [falando bem alto, com muita animação e levantando uma das mãos] Amigo da família: - *Quem gosta de ver um bom filme?* Crianças: - *Eeeeu!* [falando bem alto, com muita animação e levantando uma das mãos] Amigo da família: - *Quem quer ir na minha casa ver um bom filme?* Crianças: - *Eeeeu!* [falando bem alto, com muita animação e levantando uma

[27] O amigo de família era um dos personagens criados para a história contada em 2019. Um fantoche feito de meia. Não tinha nome. Ele era o que iria enganar as crianças. Porém, ao refletirmos melhor sobre esse personagem, fizemos uma modificação, tendo em vista que não são apenas homens que abusam de crianças, mas também mulheres, conforme notícia no site do governo federal. Disponível em https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes. Acesso em: 10 fev, 2020.

[28] Os relatos foram copiados a partir de registros feitos em vídeos (arquivo pessoal) e outros a partir da memória resgatada.

das mãos]

Amigo da família: - *Mas tem um segredo que ninguém pode contar. Se for assistir filme na minha casa tem que tirar a roupinha. Combinado?*

Nesse momento algumas crianças dizem: - combinado! [demonstrando achar estranho]

Outras dizem: - *Não!*

[Outras apenas olham umas para as outras, demonstrando estranhar o que acabara de ouvir.]

[Ao perceber que as crianças estavam inseguras na resposta, o personagem novamente pergunta:] Amigo da família: - *Combinado? Vocês vão tirar a roupinha?*

[E novamente as crianças ficaram divididas. Umas diziam *sim* e outras diziam *não*.]

[Então, foi perguntado de forma mais direta:] - *Quem acha que não deve tirar a roupinha levanta a mão?*

[Nesse momento, a maioria levantou o braço dizendo que achava que não deveria tirar a roupinha.]

[O personagem conclui sua fala inicial dizendo:] Amigo da família: - *só pode ir na minha casa se tirar a roupinha, sabe por que? Porque lá é muito quente e, então, vocês vão sentir calor. Eu também gosto de tirar foto das crianças bem à vontade para depois mostrar as famílias para que vejam como elas ficaram bonitas. Combinado? [*Nesse momento o personagem não espera a resposta e logo diz que irá falar com Verdinando, mas que elas não devem dizer nada a ninguém. As crianças ficam em silêncio, apenas observando.]

Fonte: produzido pela autora (2020)

Percebemos na apresentação dos personagens o carisma que as crianças tiveram com Amarelina e Verdinando, mas com o Amigo da família não foi bem assim. Percebemos que todas se animaram ao ouví-lo falar sobre o pirulito, a pipoca e o filme, mas ao falar sobre tirar a roupinha das crianças, alguns relatos e expressões ficaram evidentes, seja umas crianças olhando para outras, comunicando-se com o olhar como se estivesse achando a conversa estranha, outras silenciaram ou expuseram oralmente sua opinião.

A atenção das crianças à contação continuou após esse momento inicial. Veremos agora, no próximo quadro, alguns relatos do momento da contação da história.

Quadro 12: Momento da contação de história.

Momento da contação
[Um dos trechos da história que nos pareceu chamar bastante atenção das crianças foi quando o amigo da família se aproximou de Verdinando para conversar. Vejamos abaixo a conversa do amigo da família com Verdinando] Amigo da família: - *eu sou um amigo da sua família. Vamos lá em casa comer pirulito!* Verdinando: - *Oba! Oba! Eu quero comer pirulito! Oba! Oba! Eu quero comer pipoca!* Amigo da família: - A*h, sim! Claro! Você vai comer tudo isso. Nós vamos assistir a um filme!* Verdinando: - *Oba! Oba! Eu gosto de assistir filme!* Amigo da família: - *Mas você precisa tirar sua roupinha porque lá na minha casa é muito quente. Você entendeu?* [Nesta última fala em que o personagem diz que será preciso tirar a roupinha, um menino olha para o outro e tapa os ouvidos, em seguida o amigo ao lado faz o mesmo. Mas logo destapam os ouvidos ao perceber Verdinando questionar se é certo tirar a sua roupa.] [Quando a contadora, que sou eu, pergunta as crianças se realmente esse homem é amigo da família, algumas respondem que não.] [O amigo da família interagiu com as crianças da escola no final da contação perguntando primeiro a um menino se ele gostaria de ir à sua casa. Logo o menino disse que não, falando bem alto e mostrando-se decidido. Uma menina ao lado respondeu o mesmo, com o mesmo tom de voz. Outra menina disse que iria, mas que não tiraria a roupinha. Outro menino disse bem alto: eu vou! (levantando uma de suas mãos). Então, o personagem perguntou novamente: você vai para minha casa, garoto? O menino balançou a cabeça confirmando. E o personagem perguntou: - e você vai tirar a

roupinha? A criança mais uma vez confirmou balançando a cabeça. A próxima criança a ser questionada, uma menina, disse que não iria. O personagem disse: hum, que garota esperta. Essa menina é muito esperta.]
[No final da história, Verdinando diz que está ficando triste porque o amigo da família queria ver suas partes íntimas e pediu para sentar no colo dele. O personagem diz que acha que eles devem correr, sair dalí, mas antes vai perguntar aos amigos (as crianças da escola) o que eles acham que Amarelina e Verdinando devem fazer.]
A contadora perguntou:
- *Crianças, Verdinando quer saber se eles devem ficar na casa do amigo da família. Sim ou não?* [Nesse momento muitas crianças responderam que não. Não ouvimos nenhuma criança falando que deveria ficar.]
A contadora, fazendo o papel de Verdinando, questiona:
- *E agora? Eu conto pra quem esse segredo?* [Nesse momento, várias crianças diziam ao mesmo tempo sua opinião]
Algumas opiniões: - *pra todo mundo; - pra mamãe; - pro papai*
Em seguida Verdinando diz:
- *Amarelina, os nossos amigos falaram que não podemos está na casa dele porque é malvado.*
Nesse momento Verdinando grita dizendo:
- *Ele está vindo aí, crianças!*
Após essa fala, uma criança diz bem alto:
- *Ele não é malvado!*

Fonte: produzido pela autora (2020)

Percebemos, pelos relatos das crianças, o quanto precisamos avançar em informação e ação para prevenir as crianças de situações que possam vir acometê-las. Entendemos a importância da Campanha Maio Laranja, mas a temática precisa ser trabalhada durante o ano inteiro, pois o abuso infantil nem sempre acontece de maneira violenta. As crianças são persuadidas a tomar atitudes que não deveriam por ainda não ter discernimento acerca do assunto e da maldade da mente humana.

Após enfatizarmos as atitudes do suposto amigo da família como perigosa, por meio das falas de Verdinando e Amarelina, ainda não foi suficiente para que

todas as crianças entendessem que ninguém pode tocar no corpo de uma criança. A fala da última criança destacada no quadro acima, ao falar que o suposto amigo da família não é malvado, deixa claro que as ações nas escolas devem continuar a fim de que todas consigam perceber os riscos que as rodeiam, seja questões referentes ao abuso sexual, seja outras situações que a coloquem em risco.

No quadro seguinte mostro a aproximação de algumas crianças após a contação realizada.

Quadro 13: Diálogo com as crianças no momento pós-contação.

Momento pós-contação
Ao finalizar a história, algumas crianças se aproximaram de mim para dar um abraço. Outras vieram falar sobre o que gostava de fazer; outra falaram que minha roupa era bonita, que gostou do meu laço; mas teve um garotinho de mais ou menos 3 anos que disse: - *tia, o véio do saco apareceu na minha casa, mas coloquei ele pra correr e ele foi embora! [nesse momento o menino dizia isso com muita empolgação e fazendo expressão de bravo. Eu o parabenizei por ter sido tão corajoso. Ele ficou feliz com o elogio.]*

Fonte: produzido pela autora (2020)

Não nos cabe julgar as vozes das crianças, mas deixá-las falar livremente, fazendo suas interpretações. Na contação de história o real e o imaginário se fundem possibilitando diálogos criativos e profundos, inerentes ao mundo infantil.

Figura 40: Conversa no momento pós-contação

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O fluir da imaginação vai contar muito de si, do que está a sua volta, do seu nível de compreensão. O relato da criança após a contação (figura 40), ao citar o “véio do saco”, demonstra sua compreensão da história narrada e associação do personagem, “amigo da família”, com a realidade ao se reportar a uma situação vivenciada ou conhecida, demostrando está atento aos perigos.

Em uma outra oportunidade, a mesma história foi contada na Escola Municipal Professor Manoel Assis, na cidade de Mossoró/RN, com o apoio da aluna Thaiane Emília, na época estagiária do LAPE. Na ocasião, fomos entrevistadas pela AGECOM, Agência de Comunicação da UERN, publicando a matéria na revista comemorativa de 51 anos da Universidade (figuras 41 e 42), em 2019. Uma matéria que teve como título “A fantasia a serviço do ensino”. Percebemos que não apenas na Unidade de Educação Infantil Adalgiza Fernandes, mas no Ensino Fundamental 1, a história também foi compreendida e bem aceita pelas crianças maiores.

Figura 41: Capa da matéria

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 42: Reportagem falando sobre a contação de história e aprendizagem

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A contação de história pode falar sobre qualquer assunto, sem ferir conceitos e valores, se for bem exposta, e ainda levar ensinamentos que poderão perdurar, seja ao público infanto-juvenil ou adulto. Todos gostam de uma boa história.

Àquele que conta precisa está sensível aos que ouvem a história (percebendo suas expressões, falas, ações...), ao contexto que estes estão inseridos, a história que será contada, ao nível de compreensão e estabelecer conexão com os “ouvintes”, de tal maneira, que as palavras não fiquem soltas no ar, mas se entrelacem aos sujeitos de modo a gerar transformação, atribuindo sentido para si, e com isso, promovendo prevenção para combater situações de perigo que as crianças possam vir a sofrer. Todas essas questões contribuirão para que, ao término da história, as crianças continuem a refletir sobre o que foi dito e vivido junto aos personagens da narrativa. É preciso sensibilidade para o momento da contação e um entrelaçamento entre a criança, a escuta e o adulto para que a perspectiva da prevenção e transformação aconteça.

2.4 A criança, a escuta e o adulto – uma tríade inseparável

O choro é a primeira forma de comunicação dos bebês, um meio que utilizam para serem ouvidos e chamar atenção dos adultos às suas necessidades. Períodos se passam, outras formas de informar seus desconfortos ou desejos vão sendo

construídos, como a linguagem, ficando muito mais fácil dos cuidadores entenderem suas questões. A criança sempre tem algo a dizer, mas, importante lembrar, são muitas formas de falar. Cabe aos adultos ficarem atentos às múltiplas linguagens que poderão utilizar. Apesar da imaturidade do bebê e capacidade cognitiva que atribuímos ao adulto, Bowlby (1982, p.14) diz que “Os bebês são mais sensíveis e estão mais atentos ao significado de tons de voz, gestos e expressões faciais do que os adultos.” Caberá a desconstrução da percepção enrijecida do mundo adulto para descortinarmos o universo sensível das crianças, estas que um dia já fomos.

O escutar será essencial para que as linguagens expostas pelas crianças sejam acessadas pelos adultos, e essa prática pode ser definida como

> “[...] a sensibilidade de estar atento ao que é dito, ao que é expresso através de gestos e palavras, ações e emoções. O conceito encontra-se relacionado ao ouvir com atenção, o que infelizmente está um pouco distanciado da prática que é exercida na atualidade.” (CERQUEIRA, 2011, P.17)

Sendo assim, escutar vai além de perceber sons, mas requer atenção, sensibilidade para ouvir o dito e o não-dito. Nítido o pensamento de Cerqueira (2011), deixando evidente que a atenção é essencial e deve ser facultada na escuta, ainda que nos tempos atuais a vida agitada tente impedir. Também concordamos em lançar o olhar sobre o outro enquanto ser holístico, pois isso fará a diferença para melhor compreensão do ser humano em sua inteireza. Portanto, é olhar não apenas para a criança em um aspecto ou outro, mas de forma integral, sabendo que todos os aspectos, físicos, sociais, emocionais, entre outros, contribuirão para entender e melhor comunicar-se com ela. A visão de uma parte da criança nunca nos dirá quem ela é em sua totalidade.

Sem querer adentrar ao mundo da psicanálise, mas considerando a importância da escuta nessa área, já que ela se desenvolve e surge na escuta, Nasio, J.D (1995, p. 209), cita que um dos temas recorrentes na obra de Francoise Dolto, psicanalista e pediatra, é que “O ser humano busca, desde a vida fetal, a comunicação. A relação inter-humana humaniza”. Dolto (1988) era muito conhecida por sua sensibilidade em escutar as crianças no nível de compreensão delas, sem utilizar a lógica do adulto, mas utilizando-se da afetividade e linguagem simbólica. Não precisamos ser psicanalistas e estudar o inconsciente para uma melhor comunicação, mas, todos nós, adultos, podemos desenvolver um novo olhar sobre a criança ao percebê-las além das palavras que emitem e atentar para “escutar, olhar,

observar, sem deixar escapar o mínimo detalhe, os gestos, as expressões, a mímica, palavras, lapsos, erros e desenhos espontâneos" (DOLTO,1988, p.132). É possível contribuir sobremodo se interferirmos o mínimo possível no fazer espontâneo da criança, atentos a todas as formas de expressão, aderindo ao olhar humanizado, tendo em vista que os acontecimentos da primeira infância repercutem ao longo da vida.

As crianças são afetadas pelo nosso modo de agir no mundo, podendo contribuir ou não para o seu desenvolvimento. Antônio & Tavares (2018, p. 32) diz que "A convivência com as crianças também nos educa, também nos humaniza. Ela ajuda a nos libertar da insignificância, da indiferença, da crueldade. Desperta o desejo de respirarmos livremente." Nós adultos somos afetados por sua simplicidade, criatividade, linguagem, espontaneidade e amor que exalam das suas ações e tanto nos ensina, humanizando as relações.

Para a fomentação de relações humanizadas se faz necessário o contato com o outro, e a escuta está intrínseca. Mesmo com tantos recursos de comunicação como a televisão, celular, entre outras tecnologias, nada substitui a relação entre os seres humanos. Para Horowitz[29] (2012, p.1) "escutar é uma habilidade que corremos o risco de perder em um mundo de distração digital e sobrecarga de informações". Temos vivido um período que, mais do que nunca, as relações humanas se mostram essenciais e insubstituíveis. É preciso resgatar a essência das relações humanas por meio da valorização do outro, e a escuta está inclusa nessa essência.

A Sociedade Brasileira de Pediatria/SBP[30] incentiva as relações sociais e reforça a importância do controle do uso de telas na vida das crianças, sugerindo que àquelas menores de dois anos se abstenham de telas; de dois a cinco 5 anos, sugere usar até uma hora; entre seis e 10 anos, até duas horas; para as idades de 11 a 18 anos, no máximo 3 horas. Muitas outras orientações[31] acerca do mundo digital são apresentadas. Sabemos que, no tempo presente, seguir essas diretrizes é uma tarefa inexequível para aqueles que estão em fase escolar, mas ainda que

[29] Seth S. Horowitz é um neurocientista auditivo da Brown University e autor de "The Universal Sense: How Hearing Shapes the Mind".

[30] Texto na íntegra disponível em https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/

[31] Orientações apresentadas no manual de orientação #menostelas#maissaúde, desenvolvido pela Sociedade Brasileira de pediatria. Disponível em https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-__MenosTelas__MaisSaude.pdf

diante das aulas online obrigatórias vivenciadas pelas crianças e adolescentes, em virtude do novo coronavírus detectado no Brasil no início de 2020, precisamos ficar atentos ao tempo diante das telas e o seu acesso fora de sala de aula, pois além da possibilidade de afetar a saúde mental, outros riscos iminentes podem sobrevir às crianças devido ao acesso livre à internet sem orientação e acompanhamento, podendo gerar impacto comportamental e no estilo de vida até a fase adulta. O portal Internet Segura[32], preocupado em levar informação, separou dicas importantes, numa Edição Especial[33] Covid-19, para proteger crianças, adolescentes, pais, responsáveis, educadores, e o público em geral contra os perigos que podemos encontrar na internet. Imprescindível nos munirmos dessas informações para resguardar a todos e conservar as relações sociais que são essenciais no processo de desenvolvimento infantil.

Nesse tempo de pandemia, temos demonstrado sede pelo contato humano, todos têm sofrido com as restrições sociais, especialmente as crianças que foram obrigadas a ficar em casa, deixando a escola, seu segundo espaço de socialização, depois da família. A imposição do isolamento, trazido pela COVID-19, trouxe repercussões sentidas em todas as esferas -econômica, política, social - alcançando todas as idades, da criança ao idoso. Ao apresentar as repercussões da pandemia de Covid-19 no desenvolvimento infantil, o Comitê Científico Núcleo Ciência pela Infância/NCPI, apresenta dados de uma pesquisa[34] com 320 crianças e adolescentes de ambos os sexos, entre 3 e 18 anos de idade, realizada em Shaanxi, na China, mostrando algumas dificuldades funcionais e comportamentais percebidas nesse período. O relato dos pais mostrou as consequências do distanciamento social na vida dos filhos: 36% de dependência excessiva dos pais; 32% de desatenção; 29% de preocupação; 21% de problemas no sono; 18% de falta de apetite; 14% de pesadelos; e, 13% de desconforto e agitação. As consequências

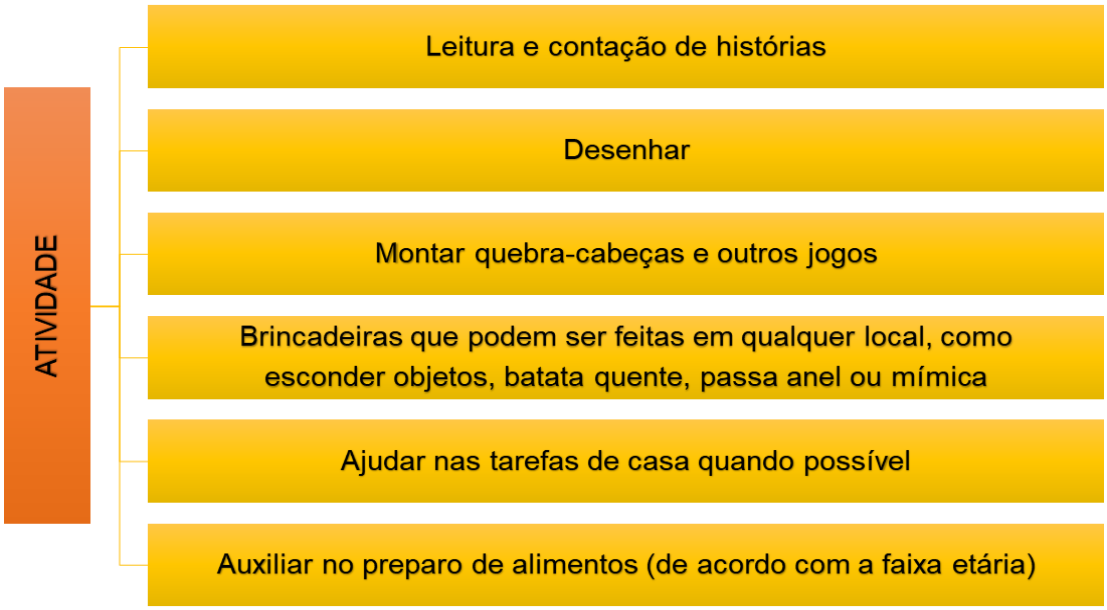
[32]Idealizado pelo CGI.br (O Comitê Gestor da Internet no Brasil), o portal Internet Segura reúne iniciativas de conscientização sobre segurança e uso responsável da Internet no Brasil, auxiliando os internautas a localizar as informações de interesse e incentivando o uso seguro da Internet. Texto na íntegra disponível em https://internetsegura.br/sobre/.

[33] Edição Especial Covid-19 disponível em https://internetsegura.br/coronavirus/.

[34] Pesquisa fornecida pelo Comitê Científico Núcleo Ciência pela Infância, retirada da seguinte fonte: Jiao et al, Behavioral and Emotional Disorders in Children during the COVID-19 Epidemic, 2020. Disponível em: https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Working-Paper-Repercussoes-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil-3.pdf.

são inúmeras e não temos noção sobre as implicações à longo prazo, esperamos conseguir contornar a situação com práticas que venham amenizar esse dissabor na vida das crianças. Para amenizar as situações de estresse causadas pela pandemia, o Comitê sugeriu algumas atividades às famílias, podendo colaborar para organização da rotina no lar, ajudando a estruturar melhor o seu dia, passando segurança à criança, além de estimular a interação com ela. Veja abaixo algumas atividades propostas:

Figura 43: Atividades propostas em período de pandemia



Fonte: Elaborado pela autora (2021) com base nas informações do Comitê Científico Núcleo Ciência pela Infância/NCPI.

Sabemos que muitas outras atividades podem ser desenvolvidas, mas a iniciativa do NCPI em divulgar algumas à sociedade, podendo gerar nas famílias bem-es,tar e organização no lar, é louvável. Destaco dentre elas a primeira atividade citada pelos pesquisadores, a contação de história, por fazer parte do estudo desta dissertação e pelo valor a ela atribuído. Confirmando essa importância, Ântonio & Tavares (2018, p. 30), diz que “Com as histórias, as crianças desenvolvem a capacidade de pensar outros mundos possíveis, o que significa aprender a elaborar a existência.”, atitudes substanciais nessa estação de isolamento que as crianças vivenciam. Os autores acima afirmam a importância de contar e recontar histórias desde a gestação considerando uma dimensão essencial da educação da infância e,

ainda diz que, ouvir e contar histórias é uma das experiências mais humanizadoras que existe. Sendo assim, foi uma escolha acertada pelo NCPI em indicar a leitura e contação de história para favorecer as crianças em período de distanciamento social. Essa é uma prática atemporal.

Contar histórias sejam elas criadas, clássicas ou a própria história, caracteriza uma prática relacional, pois “quem escuta uma história está em companhia do narrador” (Benjamin, 1994, p. 196). Ou seja, a história contada ampara o outro na companhia, no sentir e no falar. É necessário um acolhimento recíproco para que a atividade aconteça. Há uma relação de quem conta com quem ouve pela mediação do instrumento escolhido: a história contada/o livro. Há comunicação na ação do contador ao narrar à história, mas, também, da parte de quem escuta ao fazer fluir os seus pensamentos enquanto ouve a narração, um diálogo interior. Uma viagem acontece, mesmo sem sair de casa. Pela ótica da psicologia, Spinillo (1993, p.67) diz que a história “é um recurso que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para seu desenvolvimento e sua formação integral” (p.67). A responsabilidade do adulto não está em apenas ler a história, mas de passar a emoção fulgente saltada pelas palavras que saem de sua boca, além de escutar o que o outro tem a dizer em suas mais variadas ações. A história oportuniza a escuta.

Escutar as crianças em diferentes situações é parar, não simplesmente parar ouvir, mas sentir o que estão querendo dizer. Esse é um gesto de empatia, acolhimento e respeito. Papalia & Feldman (2013, P.212) define empatia como “a capacidade de se colocar no lugar da outra pessoa e sentir o que ela sente”, indo ao encontro do pensamento humanista de Rogers, C. (1977, p. 87), ao dizer que empatia é “a capacidade para entender as percepções e os sentimentos de outra pessoa”, apontando, com isso, respeito e valorização do sujeito em suas diferentes expressões.

Quando esse modo sensível de enxergar a criança é estabelecido, fica muito mais fácil para ela se expressar expondo suas alegrias, medos, inseguranças, dúvidas e situações cotidianas costumeiras ou preocupantes. Importante sabermos que “O padrão característico de reações emocionais de uma pessoa começa se desenvolver durante a primeira infância e constitui um elemento básico da personalidade” (PAPALIA & FELDMAN, 2013, p. 208). Gomes & Melchiori (2012,

p.22) comentam, na perspectiva da Teoria do Apego, que “sentir-se amado, seguro, e protegido é fundamental no processo de promoção de saúde mental.” e que o ambiente oferecido pelos adultos às crianças possui um impacto enorme na construção de sua personalidade. Mesmo Bowlby[35] (1907-1990), fundador da supracitada teoria, evidenciar a importância da figura materna para o desenvolvimento psicológico saudável da criança, queremos destacar a importância de todos os adultos que são referência em sua vida. Sendo assim, o modo sensível do cuidador/adulto se relacionar com a criança deve acontecer na mais tenra idade, passando-lhe segurança no agir e falar, pois isso fará a diferença mais à frente, os vínculos afetivos são fundamentais. E, fortalecendo essa compreensão, o Núcleo Ciência pela Infância (2016, p.7) diz que “é muito importante que os cuidadores sejam sensíveis e desenvolvam estratégias para comunicar-se efetivamente com a criança, reconhecendo-a como um ser atuante e ativo em suas interações”. Se as crianças são reprimidas ao expressar suas emoções[36], se não tem que as escute a quem irão recorrer nos momentos de angústia?

Para Barbier (2007, p.141), é preciso mais que ouvidos para se dispor a escutar, é necessário que, quem se dispõe a fazer isso, “realmente silencie sua alma. Silencie para perceber aquilo que não foi dito com palavras, mas que talvez tenha sido expresso em gestos, ou de outra forma”. Ainda que, na referida citação, o autor estivesse se referindo ao papel do pesquisador, podemos trazer a escuta sensível para o contexto familiar e escolar, nos colocando no papel de mediador/pesquisador, contribuindo para o fortalecimento das relações criança-criança e criança-adulto; autoconfiança e segurança das crianças ao se posicionarem diante de situações diversas/adversas, ajudando-lhes a desenvolver novas atitudes, compreender a realidade vigente e galgar novos passos. Reforçando o pensamento de Barbier sobre a escuta, Carvalho (2017, p.47) afirma que “Ouvir-ver-sentir é um exercício diário de escuta que requer sensibilidade, empatia,

[35] John Bowlby (1907 – 1990) foi um psiquiatra e psicanalista que acreditava que a saúde mental e os problemas de comportamento podiam ser atribuídos à primeira infância. A teoria do apego de John Bowlby sugere que as crianças vêm ao mundo biologicamente pré-programadas para formar vínculos com os demais, já que isso as ajudará a sobreviver. Ele destacava a importância do papel da mãe, ou de uma figura feminina que a representasse, como o vínculo mais significativo que o bebe formará ao longo da vida. Texto disponível em https://amenteemaravilhosa.com.br/teoria-do-apego-de-john-bowlby/

[36] Emoções são reações subjetivas a experiencias que estão associadas a mudanças fisiológicas e comportamentais. (PAPALIA & FELDMAN, 2013, P.212)

paciência, envolvimento, acolhimento e silenciamento dos pensamentos para sentir e compreender o que não foi dito.” O adulto precisa olhar a criança com olhar da criança, assim ficará muito mais fácil compreender e desenvolver os seus saberes, e orientá-la para a vida gerando autonomia em suas ações.

Em uma entrevista ao portal Aliança pela Infância[37], a antropóloga Adriana Friedman (2020) diz que o único caminho para que os saberes das crianças sejam respeitados é o da escuta. E essa escuta, acontecerá pelas inúmeras linguagens utilizadas pelas crianças, não apenas por palavras. Para isso acontecer, ela deixa claro que é preciso oferecer tempo e espaço, deixando as crianças livres para se expressar. Entendemos que o desafio não está em fazer a criança falar, mas em fazer o adulto parar para escutar.

Ao portal Lunetas, Adriana Friedman (2019) diz que escutar uma criança tem a ver com a postura e uma mudança de atitude de quem escuta. Ela deixa claro que cada criança precisa ser vista como única, com seus próprios repertórios, necessidades, interesses e diferentes potenciais. É preciso disposição para aceitar e descobrir as crianças em sua essência. Para ela conhecer cada criança em sua essência única e compreender seus canais expressivos mais potente é o caminho que traduz a importância de escutar crianças. Se colocar no lugar da criança será crucial para a valorização da sua fala, ou seja, a empatia não pode faltar na escuta. A antropóloga também diz que se os adultos “compreenderem a importância de um olhar, de uma palavra ou de um gesto verdadeiro para com as crianças com quem convivem, já abrirão as primeiras possibilidades para a escuta infantil.”, mostrando que a comunicação automatizada pela correria dos pais pode ser superada nos intervalos de tempo com atividades simples, fortalecendo os vínculos familiares. Contudo, deixa claro que escutar não é sinónimo de ser permissivo, respondendo positivamente às demandas que lhes chega, e, nesse momento, é também o tempo do adulto ser escutado, sem deixar de ser um momento rico de troca de ideias.

---

[37] A Aliança pela Infância é um movimento internacional por uma infância digna e saudável. Tem Adriana Friedman como cofundadora do Movimento.

Corroborando a ideia da autora supracitada, Freire (1996, p. 119) deixa claro que

> [...] escutar é obviamente algo que vai além da possibilidade auditiva de cada um [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura a fala do outro, ao gesto do outro, as diferenças do outro. Isso não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas autoanulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias.

De fato, oferecer a escuta não anula o posicionamento de quem a oferece, a escuta para servir de acolhimento e apoio ao outro jamais deve ser passiva, mas sensível, dinâmica e processual. A escuta pertence ao ag*ora*, não ao depois. *Ora* um fala, *ora* o outro pode dizer. A palavra *ora* vem do verbo ag*ora* e esta deve estar bem presente na ação da escutatória, termo usado por Rubem Alves (2003, p.57). O momento presente é o momento de acolher. Ao questionarmos qual a hora de escutar alguém, basta estarmos abertos para perceber, pois o “agora”, o tempo que se chama “hoje” vai dizer. Postergar os nossos sentidos em relação ao que o outro diz no momento, é perder de vista o outro dentro de um determinado contexto e tempo que não volta mais. Ao mergulharmos no mundo do outro, passemos a valorizar as entrelinhas, mas sem julgamentos e posicionamentos que desvalorize o que foi dito, seja em palavras ou ações.

Para Adriana Friedman (2019) devemos respeitar a criança se ela não quiser que adentremos em suas vidas. Para ela, escutar de forma sensível é pedir licença. Também diz que escutar não é estar sempre fazendo perguntas a criança, mas entender o que quer expressar, na maior parte de modo não verbal.

Friedman (2019) nos faz um alerta sobre não sermos taxativos, engessar a criança num padrão determinado ou classificá-la por aquilo que observamos e escutamos, pois nada é definitivo, uma vez que ela está em constante processo de desenvolvimento, transformação e apreensão de experiências. Ou seja, não devemos estar dispostos a escutar para conjecturar, classificar, conceituar, deliberar um relatório, inferir diagnóstico, mas para abraçar a criança. Caso contrário, estaremos sentenciando crianças de forma arbitrária. A criança não deseja quem as

julgue, mas quem as escute. Ainda que não venha lhes pronunciar uma palavra, muitas vezes precisarão apenas de atenção.

Alves, R. (2005, p.31) sugere aos professores, e nós acrescentaríamos demais adultos, pais e demais responsáveis:

> [...] que, ao lado da sua justa preocupação com o falar claro, tenham também uma justa preocupação com o escutar claro. Amamos não a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A escuta bonita é um bom colo para uma criança se assentar."

As crianças não necessitam apenas de alguém que lhe explique algo de modo claro ou um provedor que as alimente, dê casa, roupa e leve para escola precisa de alguém para lhes dá atenção, ofereça uma escuta dialógica e empática, pois isso promove o acolhimento, isso abraça a criança, porque isso é amor desvelado em ação. Sem dúvidas, a audição é um dos sentidos que melhor precisamos aguçar para melhor agir com crianças. Alves, R. (2005, p.26) diz que de todos os sentidos "...o mais importante para a aprendizagem do amor, do viver juntos e da cidadania é a audição".

Temos visto adultos falando vários dialetos, mas que ainda não aprendeu a falar a linguagem das crianças, não por faltar-lhe capacidade, mas porque, talvez, lhe falte empatia ou até mesmo interesse em mergulhar nesse novo mundo – o mundo das crianças - que apresenta uma cultura diferenciada. Uma cultura que está dentro de um espaço em que a economia se fortalece na troca cambial das relações, a saúde no investimento dos afetos e a educação no processo de ensino-aprendizagem latente em sua própria família. No mundo dos adultos, a escuta sensível precisa ser aflorada para que haja o encontro dos dois mundos: o da infância e o dos adultos. Alves (2005, p. 26) diz que "É do silêncio que nasce o ouvir. Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do outro se eu parar de tagarelar", e finaliza dizendo que àquele que fala muito não ouve. Geralmente os adultos falam muito e dão poucas oportunidades de as crianças falarem. Não podemos julgar os adultos que assim agem, pois são muitos motivos que os levam a isso, inclusive a perpetuação do que fizeram com eles. Bowlby (1982, p.14) diz que

> Os pais, especialmente a mãe, são, pois, pessoas muito caluniadas; receio que caluniadas sobretudo pelos profissionais, tanto médicos como profissionais de outras áreas afins. No entanto, seria absurdo pretender que

> os pais não cometam erros. Alguns erros nascem da ignorância, mas talvez mais numerosos sejam os que são fruto dos problemas emocionais inconscientes que têm origem em nossa própria infância.

De fato, sempre apontamos como causa principal do sofrimento das crianças os pais ou outros cuidadores como se agissem erroneamente de forma proposital. O erro pode ser fruto de ideias que achavam que fossem boas e não por maldade como, por exemplo: deixar bebês em frente às telas para que possam acalmá-los; bater na criança sempre que fizer birra; deixar a criança chorando sozinha para "aprender" a obedecer; chamar a criança de "baleia", como uma forma de carinho ou estimular a emagrecer, entre muitas outras ações corriqueiras. Esses relatos são situações reais vividas, presenciadas ou ouvidas. Não podemos dizer que os pais/responsáveis quiseram maltratar as crianças com essas atitudes, pelo contrário, a ideia era ajudá-las. Contudo, nem tudo que pensamos ser bom de fato é. Como diz Bowlby (1982) alguns erros nascem da ignorância ou ainda fruto de problemas emocionais inconscientes originários da própria infância. Talvez, os dilemas interiores dos adultos estejam tão latentes quanto o das crianças. Mas, e agora? Como fica a escuta, a criança e o adulto?

No percurso que envolve a criança, a escuta e o adulto há muitas arestas a serem aparadas, mas se houver o desejo do adulto em aprender, a caminhada será muito mais fácil e rica em aprendizados, para ambas as partes. O senso comum mostra a criança como imatura, desprovida de conhecimento e o adulto detentor do saber, mas o fato é que ambos precisam aprender a aprender. E nesse ir e vir, "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (Freire, 1997, p. 25). Ou seja, ninguém detém o saber, todo ensinam, todos aprendem. Nesse caminho seguido por adultos e crianças, os demais pilares da educação (aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser) irão sobressaltar se o individualismo e o egoísmo rescindir, pois não temos como oferecer uma escuta apropriada a infância se o adulto se sobrepõe.

Cada autor citado nesta pesquisa, com suas respectivas reflexões sobre a escuta, corrobora com a proposta de seguirmos adiante com a pedagogia da escuta em ação no ato da contação de história e, ainda, fortalece o entendimento que a escuta é direito da criança, favorecendo o seu desenvolvimento em diferentes aspectos.

Trilhar uma estrada que oportunize o diálogo, a escuta e a aprendizagem que gere informação, prevenção e transformação parece ser um bom caminho a percorrer com as crianças. Esse percurso sugerido será o da criação e contação de histórias voltadas para a realidade vivenciada pelas crianças; será também o caminho da educação onde a escola, a família e toda sociedade deve se comprometer com a necessidade da infância, numa perspectiva da pedagogia da escuta. Esse pode ser um atalho que alcance as crianças, ligando o mundo das crianças ao dos adultos, numa linguagem acessível que as ajudará a entender o campo minado da violência existente no mundo real, o qual todos estão inseridos – adultos e crianças.

CAPÍTULO 3

A ARTE DO FAZER, O DESEJO EM COLABORAR

Fonte: Arquivo pessoal (2018)

(Contação de história numa Unidade de Educação Infantil)

> As crianças estão sempre a nascer. Às vezes nascem de explosivas alegrias, de achados incríveis, de deslumbramentos únicos, mas o mais frequente, uma vez após outra, é nascerem de cada tristeza sofrida em silêncio, de cada desgosto padecido, de cada frustração imerecida. Há que ter muito cuidado com as crianças, nunca me cansarei de o dizer.
>
> José Saramago (1995)

3. A ARTE DO FAZER E O DESEJO EM COLABORAR

Neste último capítulo serão abordadas as histórias escritas por mim a partir da realidade observada e compreendida na vida das crianças, pelos espaços que passamos. Discorrerei sobre cada história elaborada, tecida no contexto infantil, que serão brevemente comentadas, esclarecendo como cada uma aflorou da ideia para o papel. Ainda neste capítulo, refletiremos sobre algumas estratégias que possam vir a contribuir para a promoção dos direitos da criança e proteção no exercício da contação de história e escuta. Finalmente, encerraremos a pesquisa expondo a realidade de violação dos direitos das crianças da cidade de Mossoró/RN, uma pesquisa realizada junto aos conselhos tutelares da cidade, e discutiremos sobre o papel da escola como colaboradora da Rede de Proteção à criança.

3.1 Do eu autora ao eu pesquisadora: histórias criadas no social para alertar e proteger os ouvintes

Retomando um pouco o capítulo um, a minha prática de contação de história ao público infantil iniciou em 2003, ao entrar numa creche-escola na cidade de Natal/RN. Contudo, as histórias passaram a ser contadas e criadas de modo a alcançar necessidades específicas das crianças a partir de 2013, ao iniciar um projeto de visitação às crianças numa Unidade de Acolhimento da cidade de Mossoró/RN. A partir daí, dez anos depois, minha visão sobre contação de história mudou. Essa realidade me fez perceber que, se queremos promover reflexão/transformação aos que nos ouvem, precisamos levar histórias que lhes toque e, para isso, é importante também conhecer o contexto local, a faixa etária do público e sua realidade, enfim, está sensível à comunidade que nos recepciona.

Com a pretensão de alcançar o público infantil, não apenas visitando pessoalmente os espaços, mas vislumbrando um alcance maior, foi que algumas histórias foram passadas para o papel, a partir do estímulo da minha orientadora profa. Dra. Giovana Carla, em 2019, com minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC. Foram cinco histórias escritas, todas abordando questões referentes aos direitos das crianças e inspiradas na realidade de espaços que visitei na cidade de Mossoró e zona rural. A pretensão é combater a

violência contra a criança; promover a proteção, agindo na prevenção; motivar novas atitudes; gerar esperança; contribuir para a resolução de situações-problemas do cotidiano infantil, além de fazê-las se sentir especiais e amadas. Os títulos das histórias são: *A história de Josefino; Amarelina e Verdinando em: Corre dessa "amiiiiga" da família; Lala, a menina que voltou a sorrir; O mundo animal e seus filhotinhos; Esticadinho: Sendo feliz como sou.* Com exceção desta última, as demais histórias foram publicadas pela editora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O desejo em finalizar o livro sobre o personagem *Esticadinho* permanece. Abaixo estão as sínteses dos livros com suas respectivas capas.

O primeiro livro a ser publicado foi *A história de Josefino,* vem alertar sobre o trabalho infantil. Josefino era um menino da roça que gostava muito de estudar, mas seu pai sempre o levava ao campo para trabalhar com serviços pesados. O garotinho reclamava, mostrava os machucados em suas mãos, mas de nada adiantava. Seu pai acreditava que meninos da roça não deveriam estudar. Até que, um dia, Josefino recebeu uma premiação em sua escola por ser o melhor aluno. Para a surpresa do menino, seu pai demonstrou muita alegria, percebendo que seu filho poderia ter um destino diferente do seu. Essa é uma história que mostra que lugar de criança é na escola. Essa foi uma história inspirada na realidade de crianças de uma escola da zona rural/RN a qual tive o privilégio de fazer uma contação de história para crianças da Educação Infantil ao Ensino Fundamental.

Figura 44: Capa do livro *A história de Josefino*

Fonte: Arquivo da autora (2020). Ilustração de Andressa Arruda

De acordo com a última pesquisa feita pelo IBGE[38], entre 2016 e 2019 houve uma redução do trabalho infantil para 4,6% referente a pessoas entre 5 e 17 anos. Contudo, isso ainda significa cerca de 1,8 milhão de crianças e adolescentes nessa situação. Quanto a faixa etária: 21,3% tinham de 5 a 13 anos; 25,0%, 14 e 15 anos e a maioria, 53,7%, tinham 16 e 17 anos de idade. A maioria era meninos (66,4%), de cor preta ou parda (66,1%). Em relação ao local de trabalho, o Governo Federal[39] apontou que: 27% estavam no setor de comércio e reparação, 24% na agricultura, 7% nos serviços domésticos e 41% em outras atividades econômicas. O trabalho infantil surrupia a alegria e o tempo da criança em ser criança como deveria, pode deixar marcas não apenas em seus corpos, mas, sobretudo, em seu coração. As únicas marcas que as crianças devem carregar consigo ao longo do seu desenvolvimento são marcas de afeto.

A segunda história escrita alerta sobre o abuso sexual infantil. Ela foi construída a partir da necessidade em levar uma contação de história a uma Unidade de Educação Infantil da cidade de Mossoró/RN, a pedido da coordenadora. Como o único livro que eu tinha, já havia sido contado no ano anterior nessa mesma escola, senti necessidade em elaborar uma história. Os personagens ganharam materialidade, feitos de papel paraná e tinta, no Laboratório de Práticas Educativas da Faculdade de Educação da UERN. O título é *Amarelina e Verdinando em: Corre dessa "amiiiiga" da família!.* Amarelina e Verdinando são personagens nas cores verde e amarelo, representando todas as crianças do Brasil. O enredo mostra as crianças brincando próximo a sua casa, até aparecer alguém que se apresenta como amiga da família fazendo-lhes um convite muito capcioso, uma proposta para enganar as crianças. O objetivo dessa escrita é falar sobre a temática em questão de forma leve e na linguagem da criança, mas, ao mesmo tempo, de modo claro a fim de prevenir e proteger às crianças contra essa violência que tem assolado a vida de muitas delas.

---

[38] Pesquisa publicada em 17 de dezembro de 2020. Disponível em https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/29738-trabalho-infantil-cai-em-2019-mas-1-8-milhao-de-criancas-estavam-nessa-situacao.html. Acesso em: 18 mai. 2021.

[39] Pesquisa publicada em 04/01/2021. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/01/trabalho-infantil-apresenta-queda-de-17-nos-ultimos-anos-no-brasil Acesso em: 18 mai. 2021.

Figura 45: Capa do livro Amarelina e Verdinando em:

Fonte: Arquivo da autora (2021). Ilustração de Andressa Arruda

Dados mais recentes do disque 100, disposto na cartilha *Abuso sexual contra Crianças e Adolescentes – Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional (BRASIL, 2021, p.11),* revelam que no primeiro semestre de 2020 houve 887 casos de abuso sexual, 6.734 estupros e 759 casos de exploração sexual. Já no segundo semestre, no que se refere ao abuso sexual, o número aumentou para 3.338 casos; estupro diminuiu para 1.985 casos e Exploração sexual aumentou para 918. Em 2021, o Disque 100 registrou mais de 6 mil denúncias[40] de violência sexual contra criança e adolescente, de 1º de janeiro até 12 de maio. As marcas do abuso podem não deixar marcas expostas no corpo da criança, mas em seu interior. É preciso alertar as crianças para os riscos, orientá-las para o autocuidado e despertar a sociedade para denunciar esse crime.

A terceira história, *Lala, a menina que voltou a sorrir!,* é inspirada na vida de crianças de uma unidade de acolhimento da cidade de Mossoró/RN que tiveram a oportunidade de conhecer o projeto CRIANÇA ANDANDO COMO JESUS, da Igreja do Nazareno. De modo ainda mais específico, a personagem foi idealizada a partir da história de uma menina que parecia ter perdido a esperança, mas percebeu o amor de Deus por ela. Aos 11 anos foi adotada por um jovem casal que decidiu

[40] Informação divulgada pelo site do Governo Federal em 17 mai. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/disque-100-tem-mais-de-6-mil-denuncias-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-em-2021.

amar essa criança, assim como, também, o casal foi adotado por ela que os aceitou como seus pais. Essa história retrata as marcas deixadas numa criança ao ser abandonada, mas, também, a alegria de se sentir amada ao entender que ela é especial e não está só. Finalmente, Lala é adotada, ela se enche de esperança e gratidão.

Figura 46: Capa do livro Lala, a menina que voltou a sorrir

Fonte: Arquivo da autora (2021). Ilustração de Andressa Arruda

De acordo com o painel de informações do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento/SNA[41], relatório estatístico nacional disponível no site do Conselho Nacional de Justiça[42], existe no Brasil 30.967 crianças acolhidas em unidades como abrigos, dentre elas, 5.154 estão aptas para serem adotadas. No RN há 191 crianças acolhidas (102 meninos e 89 meninas) em instituições. Crianças de até 3 anos (25); de 3 a 6 (20); de 6 a 9 (19); 9 a 12 (24); 12 a 15 (41); maior de 15 (61) e 53 disponíveis para adoção. De modo mais detalhado temos: Crianças de até 3 anos (5 disponíveis para adoção); de 3 a 6 (10); de 6 a 9 (6); 9 a 12 (9); 12 a 15 (7); maior de 15 (16). Por gênero são 54,7% de meninas (36 meninas e 17 meninos). É preciso

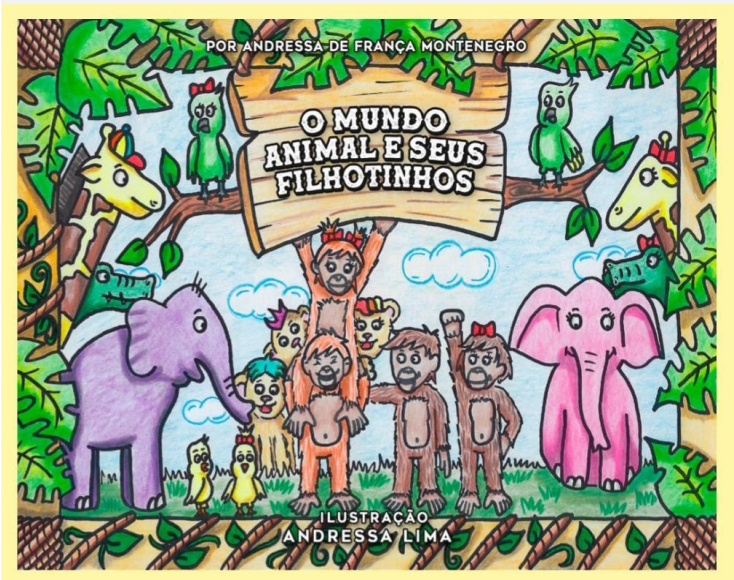
[41] O Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) foi criado em 2019 e nasceu da união do Cadastro Nacional de Adoção (CNA) e do Cadastro Nacional de Crianças Acolhidas (CNCA). Disponível em: https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=4f1d9435-00b1-4c8c-beb7-8ed9dba4e45a&opt=currsel&select=clearall.

[42] Relatórios Estatísticos Nacionais do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) disponível em: SNA/. Acesso em 10 mai.2021.

que a sociedade esteja envolvida e inteirada com a realidade de crianças em situação de abrigo e com a adoção. Aumentar campanhas sobre adoção, esclarecendo e sensibilizando a população para essa causa, é uma forma de promovermos o esvaziamento das unidades de acolhimento e fortalecer um lar, sobretudo é levar amor e gerar esperança no coração de uma criança.

A quarta história organizada foi *O mundo animal e seus filhotinhos.* Aqui, abordamos sobre a negligência parental. O enredo mostra os animais adultos voltados para os seus próprios problemas e interesses pessoais, deixando de lado os seus filhotes, os quais não conseguem entender o motivo dos pais não lhes darem atenção. Após uma reunião entre os filhotes, ficou decidido que, já que não conseguem mudar seus pais, eles mesmos desenvolverão novas ações em prol de um mundo melhor para si e os demais do zoológico, mostrando com isso a resiliência dos filhotinhos.

Figura 47: Capa do livro O mundo animal e seus filhotinhos



Fonte: Arquivo da autora (2021). Ilustração de Andressa Arruda

O art. 5, Lei 8069/90, do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão...”. De acordo com

o Centro de Desenvolvimento Infantil da Universidade de Harvard[43] crianças, que foram vítimas de negligência em períodos prolongados, apresentam deficiências cognitivas mais sérias, problemas de atenção, déficits de linguagem, dificuldades acadêmicas, comportamento retraído e problemas de interação com seus pares ao longo da vida, quando comparadas com crianças que foram vítimas de maus-tratos físicos. Com isso, a negligência mostra-se tão maléfica à saúde da criança quanto o abuso físico, podendo ser ainda pior.

A última história a ser mencionada, ainda a ser publicada, *Esticadinho: Sendo feliz como sou!,* fala de um menino que tinha o sonho de ir à escola, até que chega o seu primeiro dia de aula. Infelizmente, suas primeiras experiências foram frustrantes, pois diferente do que achava, Esticadinho não conseguiu fazer amizade, ele passou a ser alvo de bullying. Nesse processo, vários sentimentos foram experimentados como tristeza, frustração, vergonha, raiva, medo, aversão, vingança e arrependimento. Até o dia que ele experimenta a autoconfiança e autoaceitação ao entender que não precisa ser como os outros querem que ele seja, mas, independentemente das suas características físicas e seu modo de agir, ele pode ser feliz como ele é.

Figura 48: Capa do livro *Esticadinho: Sendo feliz como sou!*

Fonte: Arquivo da autora (2021). Ilustração de Andressa Arruda

[43] O Center on the Developing Child da Universidade de Harvard foi estabelecido em 2006 pelo diretor do Centro Jack P. Shonkoff, MD. A missão do Centro é impulsionar a inovação baseada na ciência que alcance resultados revolucionários para crianças que enfrentam adversidades. Disponível em: https://developingchild.harvard.edu/about/who-we-are/history-of-the-center/.

As histórias, ao serem escritas, foram inspiradas em realidades encontradas as quais pude perceber, em meio às crianças, suas necessidades/ carências/dilemas. Não foram simplesmente histórias escritas e contadas, mas tempos de escuta/observação. Aproximar a visão da pedagogia da escuta à contação de história é vislumbrar a ação do contar de forma dialógica, em que o centro da atividade não está no contador, mas, também, naqueles que ouvem a história. A ação de contar passa a ser vista dentro de um panorama de interação e construção, no qual a expressão do outro (fala, olhar ou expressão corporal) trará informações importantes para a construção de novos diálogos, novas histórias a serem contadas a caminho de novas reflexões. A expectativa é de ver crianças sendo transformadas pela resiliência construída, pela autodefesa e autocuidado gerados pela informação propagada. Ou seja, é contação de história e pedagogia da escuta gerando a estruturação de um novo repertório de conhecimento, ideias e soluções para as diferentes situações impostas pela vida, de modo a ser compartilhado, refletido e construído com a escuta e palavra de todos. As psicólogas Carlson & Arthur (1999, p. 216) diz que “o relato de histórias pode ajudar nos problemas interpessoais e promover saúde mental nas crianças com falta de autoestima, através da expressão de seus sentimentos”. Questões sociais cruciais de serem abordadas na infância podem ser inseridas na contação de história.

Enxergar a ação da contação como meio de informar, prevenir, proteger e combater à violação dos direitos das crianças, unindo isso à sensibilidade das ideias malaguzzianas, é dar voz àquelas que são capazes de ir além daquilo que lhes ensinam, que não se conforma com o dito, que não silenciam suas vozes, não desfaz da criatividade, curiosidade e visão pesquisadora deixando seu brilho ofuscar. Na perspectiva da pedagogia da escuta, a criança sabe e pode opinar, construir novas possibilidades, desconstruir/reconstruir ideias, são livres para fazer e falar, elas aprendem e são transformadas com o outro. A contação de história, ao mesmo tempo informa e protege, ajudando-as a alcançar um nível de compreensão e reflexão sobre o assunto proposto, conduzindo-as a liberdade de expressão e fortalecimento de vínculos afetivos com seus pares, tão importantes em seu processo de desenvolvimento. Peseschkian (1993, p.56) afirma que as histórias são “entretenimentos que fazem mais do que somente entreter; são orientações que cada pessoa pode aceitar de acordo com suas necessidades”.

Considerando a importância da escuta e contação de história para alertar e proteger as crianças, é preciso pensar em estratégias que colaborem para que as vozes das crianças sejam valorizadas, sua participação garantida e, com isso, seus direitos fomentados.

3.2 Estratégias que contribuam para a promoção dos direitos da criança e proteção no exercício da contação de história e escuta

Um bom livro infantil, baseado na realidade da comunidade, associado à contação de história, baseada em princípios da pedagogia da escuta, pode ajudar as crianças a entender/resolver seus dilemas, expor suas dúvidas, compreender seus sentimentos, opinar sobre a temática, aliviar suas dores emocionais e, ainda, preveni-las dos riscos latentes ao seu redor.

Pesquisa recente desenvolvida por Brockington et al., 2021[44], demonstrou que a contação de história pode influenciar positivamente tanto variáveis psicológicas quanto fisiológicas em crianças internadas em UTIs. Para isso, foram quantificados alguns hormônios (ocitocina e cortisol), aplicado escala de escores de dor e realizado associações psicolinguísticas, antes e depois da narrativa da história. Concomitante foi realizado uma intervenção em um grupo controle com aplicação de enigmas que também envolviam interação social. Após uma intervenção entre 25 a 30 minutos contando histórias no grupo de estudo, foi verificado um aumento do hormônio ocitocina (substância associada a afetividade) e emoções positivas, como também a redução dos índices de cortisol (substância associada ao estresse) e diminuição da sensação de dor. Apesar do grupo controle ter tido uma redução do cortisol, o nível de redução foi duas vezes maior no grupo de crianças participantes da atividade de contação. De acordo com o estudo, o que fez a diferença foi a narrativa da contação de história, causando um impacto sobre a regulação das funções fisiológicas e psicológicas de modo positivo.

A pesquisa supracitada fortalece a importância da contação de história e os impactos positivos a curto prazo em crianças internadas. Contudo, também acreditamos em seus impactos a longo prazo, quando o objetivo é levar informação

[44] Pesquisa Publicada na Revista Científica da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos (PNAS). Disponível em https://www.pnas.org/content/118/22/e2018409118.

que gere proteção e transformação nas crianças, unindo a prática de contar à escuta. Ainda que não possamos mensurar em números, acreditamos que as histórias escritas de modo lúdico, além de transportar a criança para outros mundos possíveis, pode também as colocar num lugar de segurança e promover a resiliência, se o livro tem a proposta de abordar temáticas que promovam e fortaleçam os direitos das crianças, ajudando-as a se livrar dos perigos que as cercam.

As histórias têm suas múltiplas formas de contribuição, e como forma de colaborar para a promoção dos direitos da criança no exercício da contação de história e escuta, sugerimos que seja levado em consideração a existência do antes, durante e pós-contação de história em qualquer espaço que o contador venha adentrar. A proposta é planejar a contação de história prevendo essas três etapas a serem vivenciadas, associado à escuta, tendo em vista que a ideia não é simplesmente contar, mas interagir com o público que irá ouvir a história. Abaixo destacaremos as três etapas com as sugestões de estratégias e registros fotográficos exemplificando cada momento da contação. Para melhor visualização e compreensão do que está sendo dito, as fotos escolhidas referem-se a uma única prática de contação de história desenvolvida numa Unidade de Educação Infantil, Maria Das Dores Almeida Barreto, no ano de 2016. Segue as etapas:

a) Antes da contação:

Primeiramente, a estratégia a ser considerada no período que antecede a história é que, para dias anteriores à contação, o contador deve procurar ter noção da quantidade de crianças no espaço, caso deseje entregar alguma lembrancinha referente a história ou fazer alguma dinâmica em grupo específica para o momento; ter noção da faixa etária que irá ouvir a história a fim de adequar a linguagem, além de recursos, caso utilize; saber se tem crianças com deficiência para buscar atender as necessidades, incluindo-as no processo; conhecer os principais dilemas que afetam esse público ou a comunidade local, pois isso pode contribuir para a decisão da escolha da história; pedir sugestão de temática a ser abordada na história aos responsáveis pela instituição que convida e, caso não haja proposta de contação, escolher baseada na realidade da comunidade local, como dito anteriormente, ou baseada em algum assunto de relevância social. Para o dia da contação, deve

chegar com antecedência ao local onde a história será contada para evitar o máximo de imprevistos e ter tempo para planejar como as crianças ficarão dispostas no espaço, tendo em vista que um ambiente acolhedor favorecerá a concentração das crianças; se for usar recursos, deixar os materiais à mão; se possível, cumprimentar as crianças individualmente, ainda que não consiga falar com todas, perguntar o nome, se está tudo bem, perguntar se imagina o que irá acontecer naquele momento, entre outras coisas; se apresentar ao público informando o nome e de onde é; cantar uma música ou usar outra estratégia para chamar atenção das crianças, preparando-as para a hora da história, isso aproxima as crianças do contador.

Na figura 49, aproveito o momento anterior à contação de história para me aproximar das crianças conversando com o grupo e ensinando uma canção. Essa prática aconteceu no mês de outubro. As crianças chegaram curiosas ao espaço para saber o que eu estava fazendo alí, então expliquei que iria contar uma história e apresentei o personagem gerando expectativa até iniciar a contação.

Figura 48: Uma conversa antes da história

Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

b) Durante a contação:

O momento seguinte a ser planejado é o que acontecerá durante à contação. A história pode acontecer sem a utilização de materiais didático-pedagógicos, utilizando apenas a oralidade e expressão corporal; mas, também com o uso de recursos didático-pedagógicos como: livros; fantasias; fantoches; imagens; instrumentos musicais, entre outras coisas. Entretanto, importante tomar cuidado com os exageros para que os materiais não tirem o foco da história.

Vale ressaltar que a contação de história pode acontecer sem pausa ou, em momentos oportunos, com pausas para reflexão acerca de situações/atitudes das personagens a serem destacadas. A história também pode ser contada sem pausa, deixando as reflexões após a contação. Isso fortalece a interação entre o grupo (criança-criança e criança-contador de história), estimula o debate e o compartilhamento de ideias sobre a temática, contribuindo para disseminação de questões referentes aos direitos das crianças.

Durante a história o contador também pode combinar com o público em repetir falas dos personagens ao seu comando como, por exemplo, um trecho da fala do vagalume ao falar com Lala, personagem da história “Lala, a menina que voltou a sorrir”. Exemplificando, poderia ser assim: quando o contador estender os braços para frente, todos deverão repetir juntos a seguinte frase: “*Larga disso Lala triste, volte logo a sorrir. Veja, tenha esperança, esse não será seu fim”*. Esse trecho se repete várias vezes na história, com a participação das crianças, o momento ficará mais interativo e ajudará a fixar a mensagem a ser passada.

Figura 49: Interação da criança e personagem durante a história.

Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Para iniciar a contação convidei a menina “A”, que está ao meu lado na figura 50, para se aproximar do personagem Esticadinho e interagir com ele. Todas as crianças ao redor demonstraram muita curiosidade para saber o que iria acontecer nesse momento. Quando o personagem esticou, algumas crianças se assustaram, outras riram, mas continuaram atentas, demonstrando interesse em saber o final da história. A menina “A” se assustou[45] ao ver o personagem esticando rapidamente e preferiu voltar para o seu lugar, sentando junto aos colegas. É preciso cuidado para que o momento que deveria ser de descontração não se torne num caos de crianças chorando. Portanto, é preciso ponderação em toda ação a ser realizada e considerar a idade do público para que não venha assustá-lo, causando uma reação contrária a desejada pelo contador.

c) Pós-contação:

Finalmente, o momento pós-contação é àquele em que o contador poderá construir junto ao público inúmeras reflexões acerca da temática abordada na história, sempre apontando e questionando as situações ocorridas com os personagens e não com os ouvintes, para não constranger o público. Após esse momento de interação, o contador poderá ficar alguns minutos disponível no espaço, ficando acessível àqueles que queiram se aproximar. Esse tempo oportuniza as crianças de se aproximarem do contador, possibilitando-as tirar dúvidas acerca da história ou, até mesmo, dialogar sobre a temática de modo mais pessoal, colocando situações específicas do seu cotidiano se assim desejarem.

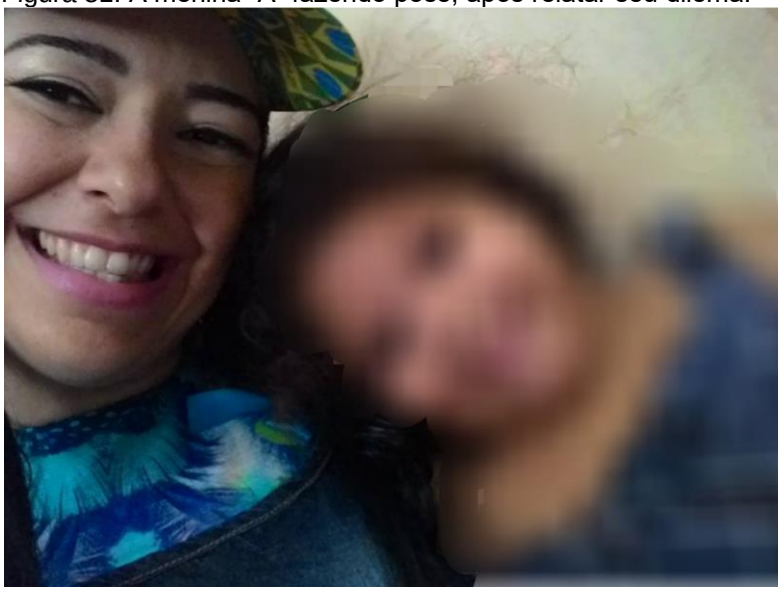
Essa última etapa requer sensibilidade na escuta, pois tanto as crianças podem se aproximar como também o inverso pode acontecer. Um exemplo disso aconteceu nessa mesma escola e situação supracitada. Após apresentar o personagem Esticadinho e contar a sua história (um menino que sofria bullying), refletimos sobre a temática, me despedi das crianças, mas não fui embora, fiquei sentada numa cadeira segurando o boneco, no mesmo espaço usado para a contação.

[45] Esse momento da história está registrado em vídeo.

Figura 50: Interação das crianças com o personagem Esticadinho.

Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Figura 51: A menina “A” fazendo pose, após relatar seu dilema.



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Algumas crianças se aproximaram para me dá um abraço, outras abraçavam o personagem e tentavam fazê-lo esticar (figura 51). Até que a menina “A”, aparentando ter em média 5 anos de idade, se aproxima (figura 52), mas não fala

nada, fica apenas olhando para mim e para o personagem, aparentando querer dizer algo. Então, perguntei seu nome, se ela havia gostado da história, se ela tinha alguma dúvida. Até que disse: - *eu não gosto quando meu pai me chama de baleia.*

Nesse momento falei: - *Você pode dizer ao seu pai que não gosta quando ele te chama assim. Certamente ele acha que isso é uma forma carinhosa de te chamar. Não fique triste, você é linda! Que tal falar com ele para não te chamar mais desse jeito? Ao invés de baleia, que tal sereia?!* Então, ela sorriu demonstrando gostar da ideia e me deu um abração. (figura 52).

Essa experiência deixou claro que houve compreensão acerca da história e identificação com o personagem, ao relatar que não gostava da forma como seu pai lhe chamava, assim como Esticadinho que era apelidado por seus amigos e se entristecia com isso. Após compartilhar sua situação, “A” parecia estar aliviada ao falar sobre sua história e refletir junto à contadora sobre uma possível resolução para o seu problema.

Se em apenas um encontro de contação de história as crianças estão dispostas a ouvir e a falar sobre seus dilemas, como exposto acima, muito mais podem fazer os educadores e as famílias que estão todos os dias com as crianças. Os ganhos são infindos para a saúde da criança, em todos os aspectos, quando a educação e o afeto se encontram, quando o tempo dedicado a escuta passa a existir. É preciso fomentar uma interação saudável entre adultos e crianças e não interações pautadas em relações de poder. O adulto não deve ocupar o tempo falando alto para mostrar quem manda, mas precisa falar mais baixo, e embaixo, na altura da criança, olhando em seus olhos, mostrar que ela está segura e que ele está disposto a ouvir. Assim ela se sentirá segura para falar. Friedman (2020, p. 67) diz que ...

> Afetos positivos na interação das crianças entre si e com os adultos geram sentimentos de segurança e prazer, fatores imprescindíveis para sua saúde mental. Eventos adversos ou traumáticos, físicos ou psíquicos, podem elevar os níveis individuais de cortisol, hormônio que afeta o metabolismo, o sistema imunológico e o cérebro.

Uma outra estratégia que pode ser adotada de modo contínuo em escolas, casas de acolhimento e demais instituições é a utilização da **Ouvidoria da Criança.** A proposta é deixar exposto, em salas de aula, personagens com Orelhas proeminentes, feitas de cartolina ou outro material, contendo abertura na orelha para

receber desenhos ou escritas das crianças que expressem suas alegrias ou dilemas. Os registros não precisam vir com o nome da criança, a não ser que ela queira se identificar. Eles serão utilizados como indicadores de temáticas para novas contações de histórias, pesquisas, projetos pedagógicos, reunião de pais, capacitação de professores, convocação de poderes públicos para palestras. A proposta da Ouvidoria é servir como um canal de denúncia e declaração, de coisas ruins e boas. A análise do material deverá ser feita pelos responsáveis da Ouvidoria, podendo ser o próprio professor da turma ou outro profissional, que fará um levantamento das temáticas a serem debatidas. Esse material dará suporte aos educadores para estimularem debates e projetos que estimulem a conscientização social para assuntos que promovam o direito da criança, em meio as crianças e seus responsáveis, em momentos distintos ou em que todos estejam juntos como, por exemplo, em recitais, teatro, dança, exposição de documentações pedagógicas, entre outras coisas, de modo a alcançar todos os atores da sociedade. Caso a escola prefira fazer uma única Ouvidoria da Criança, sem ser por sala de aula, é interessante que seja em um espaço que as crianças costumem transitar para facilitar o acesso. Contudo, a sugestão é que se fala por sala de aula, pois poderá, inclusive, facilitar a identificação de alguma denúncia específica que necessita ser melhor observada, podendo ser necessária, inclusive, a intervenção do Conselho Tutelar.

Importante dizer que a Ouvidoria pode ser usada como extensão da contação de história. Ou seja, na pós-contação a criança pode compartilhar seus pensamentos, opinar sobre o assunto e tirar suas dúvidas em público, mas também pode deixar suas impressões sobre a história contada ou até compartilhar sobre a sua própria história. Isso não apenas no dia da contação, mas podendo ser feito em qualquer dia da semana. Os educadores exercerão um papel primordial estimulando o uso da Ouvidoria, mas, também, se colocando à disposição para escutar as crianças.

Importante à compreensão de que, mesmo diante de todo planejamento e estratégias pensadas para a contação de história e escuta, assim como a construção da Ouvidoria da Criança, é preciso ir além se o objetivo for contribuir para a promoção dos direitos da criança. Conhecer as estratégias de contação de história, mas não conhecer os direitos da criança podem distanciar a teoria da

prática, àquilo que falamos daquilo que queremos fazer. É preciso conhecer as leis que amparam as crianças, assim como, também, conhecer a realidade local para começarmos a planejar políticas públicas e fazer a diferença nas instituições, nas comunidades. Saber que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar o direito das crianças e adolescentes relacionados à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, colocando-os a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, conforme descrito na constituição de 1988, no art. 227, não simplesmente nos obriga a fazer parte da vida das crianças, mas nos legitima dando todo direito de agir em prol das crianças.

A realidade que acomete as crianças da cidade de Mossoró/RN não é diferente do resto do país. As crianças são marcadas pela violação dos seus direitos e precisamos nos apropriar não apenas dos fatos, mas dos nossos papeis enquanto Rede de Proteção, a fim de planejar ações que venham contribuir para a vida de crianças e suas famílias. Para isso, se faz necessário nos aproximarmos dos demais atores que representam o Sistema de Garantia de Direitos (SGD)[46]. Adiante, mostraremos alguns dados que retratam a realidade da violação no âmbito nacional e local.

3.3 Panorama sobre a violência contra a criança e adolescentes na cidade de Mossoró/RN

Antes de evidenciarmos o panorama sobre a violência na cidade de Mossoró, importante percebermos a realidade no Brasil. Segundo Odalia (2004) a violência não é algo inerente aos tempos modernos, mas passou a existir a partir do momento em que o homem passou a se organizar em grupos. Apesar de ser um problema, os casos continuam recorrentes. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria

[46] Concebido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o SGD representa a articulação e a integração de várias instâncias do poder público na aplicação de mecanismos de promoção, defesa e controle para a efetivação dos direitos humanos da criança e do adolescente, nos níveis federal, estadual, distrital e municipal. Texto completo disponível em: https://www.childhood.org.br/sistema-de-garantia-de-direitos-um-aliado-na-protecao-da-infancia#:~:text=Concebido%20pelo%20Estatuto%20da%20Crian%C3%A7a,federal%2C%20estadual%2C%20distrital%20e%20municipal

(SBP), são notificados todos os dias uma média de 243 agressões de diferentes tipos (física, psicológica e tortura) contra crianças e adolescentes, entre o nascimento e 19 anos de idade. Segundo dados[47] levantados pela SBP, uma média de 103.149 crianças e adolescentes com idades de até 19 anos morreram no Brasil na última década (entre 2010 e 2020), vítimas de agressão. Dessa totalidade, cerca de 2 mil vítimas tinham menos de 4 anos. Pesquisas ainda revelam que 1 criança a cada 15 minutos sofre maus tratos no país, de acordo com dados disponíveis do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde, divulgado no site observatório3setor[48].

Conforme a cartilha publicada pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, foram registradas em 2020, pelo Disque 100, 95,2 mil denúncias de violência contra crianças e adolescentes. Dentre elas foram computados 368.333 casos de violação relacionados à violência física, violência psicológica, abuso sexual físico, estupro e exploração sexual. São dados alarmantes que, infelizmente, ainda não mostram a realidade devido as subnotificações.

O Panorama revelado sobre a violência contra crianças e adolescentes na cidade de Mossoró/RN, dará destaque para a análise descritiva dos dados de pesquisa, realizada junto aos conselhos tutelares da 33º e 34º Zona, nos dando uma visão geral sobre a violência que tem atingido as crianças, no período de 2015 a 2020, considerando a frequência total e a categorização das notificações por zona, sexo, faixa etária, distribuição geográfica, caracterização da violação e os maiores violadores.

No primeiro momento iremos apresentar a distribuição geral dos casos de violação, no período de 2015-2020, Mossoró-RN (gráfico 1). Em seguida a distribuição geral dos casos de violação, por zona, no período de 2015-2020, Mossoró-RN (gráfico 2); distribuição Geográfica dos casos de Violação, no período de 2015-2020, Mossoró-RN (gráfico 3) e, por último, distribuição dos casos de

[47] Dados levantados pela Sociedade Brasileira de Pediatria disponível em: https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/mais-de-100-mil-criancas-e-adolescentes-morreram-vitimas-de-agressoes-na-ultima-decada/.

[48] O Observatório do Terceiro Setor é uma agência brasileira de conteúdo multimídia, desde 2012, com foco nas temáticas sociais e nos direitos humanos. Conteúdo disponível em: https://observatorio3setor.org.br/noticias/a-cada-15-minutos-uma-crianca-sofre-maus-tratos-no-brasil/

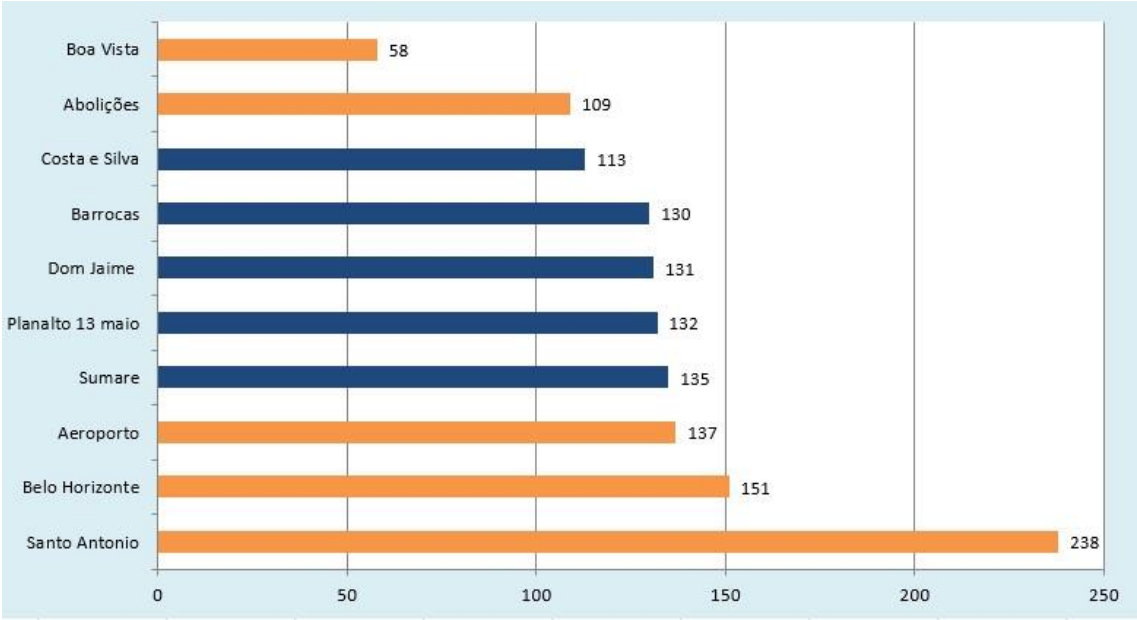
violação, por faixa etária, no período de 2015-2020, Mossoró-RN (gráfico 4). Seguem abaixo o panorama em questão:

Gráfico 1 – Distribuição geral dos casos de violação, no período de 2015-2020, Mossoró-RN

Fonte: Elaborado pela autora com dados disponibilizados pelo Conselho Tutelar da 33º e 34º zona da cidade de Mossoró/RN (2021).

O fenômeno da violência contra a criança e o adolescente vem ocupando lugar de destaque nas estatísticas de muitos municípios brasileiros. A partir de informações colhidas no Conselho Tutelar, no período compreendido entre 2015-2020, no município de Mossoró-RN, foi possível perceber aproximadamente uma frequência de 260 notificações/ano e uma tendência de aumento de aproximadamente 10% de casos notificados para o ano de 2020 (gráfico 1), ano em que se deu início a pandemia relativo ao novo coronavírus Covid-19.

Gráfico 2 – Distribuição Geográfica dos casos de Violação, no período de 2015-2020, Mossoró-RN



Fonte: Elaborado pela autora com dados disponibilizados pelo Conselho Tutelar da 33º e 34º zona da cidade de Mossoró/RN (2021).

Os dados também foram analisados considerando a distribuição geográfica por bairros das distintas zonas de localização dentro do município de Mossoró-RN. Foi possível observar que, apesar de uma menor incidência de casos de violação pertencerem a 33º Zona, chama atenção uma maior quantidade de casos em bairros específicos dessa região, a saber: Santo Antônio, Belo Horizonte e Aeroporto, como as áreas de maior concentração em todo o município (gráfico 2). Enquanto na 34º Zona, observa-se uma maior dispersão na distribuição das notificações entre os bairros que compõe essa região. Na 34º Zona destacou-se os bairros Barrocas, Dom Jaime, Planalto e Sumaré como áreas de maior concentração de incidências, entretanto com valores muito próximos entre si.

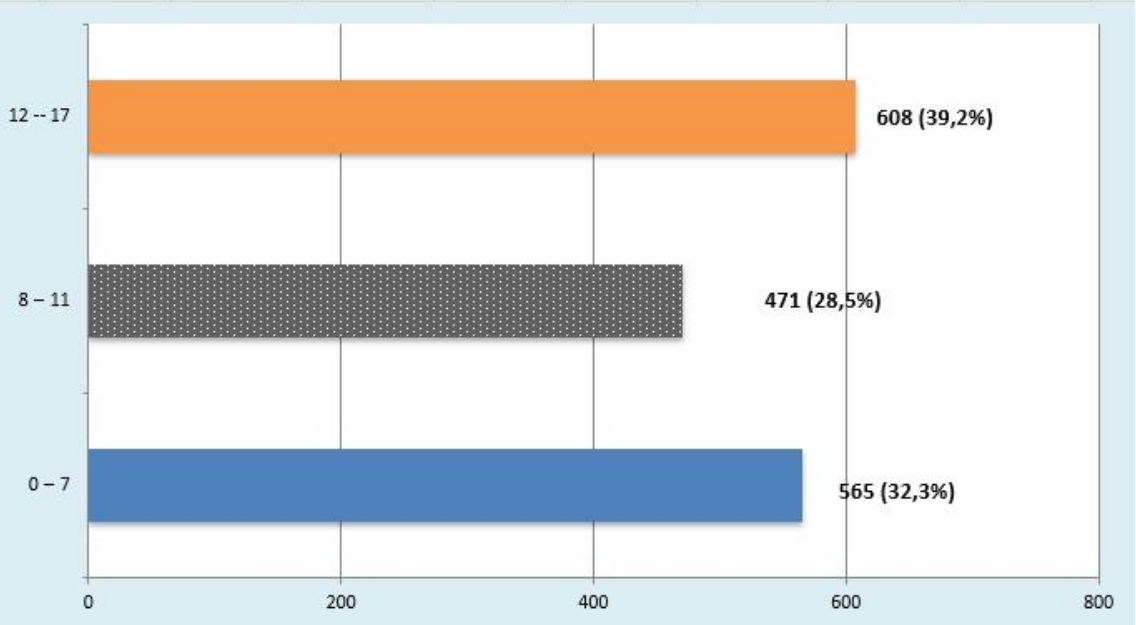
Gráfico 3 – Distribuição geral dos casos de violação, por zona, no período de 2015-2020, Mossoró-RN

Fonte: Elaborado pela autora com dados disponibilizados pelo Conselho Tutelar da 33º e 34º zona da cidade de Mossoró/RN (2021).

Quando os dados são observados a partir da distribuição por zonas, verificamos uma maior concentração das demandas localizadas a partir da 34º Zona de Mossoró, com uma média de 188 notificações/ano comparado a uma frequência de 108 notificações/ano registrado na 33º Zona. Torna-se importante considerar que a 34º Zona se caracteriza por reunir os bairros de maior densidade populacional e de maiores assimetrias sociodemográficas do município, mesmo diante das diferenças, ambas as regiões seguem a mesma linha de tendência (gráfico 3).

Entre os registros de casos de violação por gênero, durante todo o período de análise, os indivíduos do sexo masculino (52,8%) apresentaram um discreto crescimento, porém muito semelhante em relação aos indivíduos do sexo feminino (47,8%) mas que não se traduz em significância, mesmo estratificando-se pelas duas Zonas do município.

Gráfico 4 – Distribuição dos casos de violação, por faixa etária, no período de 2015-2020, Mossoró-RN



Fonte: Elaborado pela autora com dados disponibilizados pelo Conselho Tutelar da 33º e 34º zona da cidade de Mossoró/RN (2021).

Os dados da presente casuística revelam que os indivíduos que sofrem maiores violações se concentram na faixa etária de 12-17 anos (39,2%), seguido das crianças de 0-7 anos de idade (32,3%) (gráfico 4). Essa variável apresenta a mesma tendência quando observamos os grupos separados por zona de abrangência, com um aumento um pouco maior, na 33º zona, para o grupo correspondente a crianças de 0-7 anos.

Quanto à caracterização das violações destaca-se em maior porcentagem a negligência representando 30,1% dos casos (n=618). Em seguida vem à evasão escolar 12,3% (n=246), conflito familiar 9,7% (n=194), abuso sexual/suposto 8,7% (n=173) e agressão verbal/psicológica 5,1% (n=101). No que se refere ao abandono e trabalho infantil, que também foram temas dos livros escritos, o percentual foram respectivamente 3,4% (n= 68) e 0,75% (n= 15). No que se refere a negligência, a maior violação encontrada na cidade de Mossoró/RN, Faleiros e Faleiros (2007, p.35) diz que...

> As consequências e sequelas físicas, psicológicas e sociais da negligência sofrida na infância e na adolescência são extremamente graves, pois se configuram como ausência ou vazio de afeto, de reconhecimento, de valorização, de socialização, de direitos (filiação, convivência familiar, nacionalidade, cidadania) e de pleno desenvolvimento.

Infelizmente quem mais deveria proteger e fazer valer os direitos das crianças são aqueles que mais têm se destacado como agente de violação. De acordo com os relatórios da 33º e 34º zona, dos 1521 registros de denúncia que apontavam os violadores, o maior percentual foi para a mãe (46,4%), em seguida a conduta (22%) e a família extensa (16,2%) como os principais agentes violadores, considerando todas as áreas do município de Mossoró-RN.

O papel da família será primordial para o avanço do desenvolvimento das crianças, e a escuta nesse processo será primordial, pois não temos como pensar em famílias saudáveis e crianças felizes sem a troca de diálogo e escuta. Acosta, Faller e Losacco (2014, p. 76) compreende que a família

> [...] é a célula do organismo social que fundamenta uma sociedade. Locus nascendi das histórias pessoais, é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes; lugar de pertencimento, de questionamentos; instituição responsável pela socialização, pela introjeção de valores e pela formação de identidade; espaço privado que se relaciona com o espaço público.

As famílias, educadores e todos os adultos que cercam as crianças precisam se preparar para a escuta e atenção necessária em todos os sentidos, caso contrário, poderemos estar produzindo no interior da criança uma espécie de “bomba relógio” da negligência, sabendo que em algum momento ela poderá explodir. Portanto, é preciso cortar o fio certo, o quanto antes, para que não seja acionada uma situação difícil de reverter os danos.

Numa entrevista ao portal A12, a psicóloga Heloisa Fleury diz que tem sido uma tendencia a falta de diálogo nas famílias. Essa falta de tempo para conversar e desenvolver atividades compartilhadas gera obstáculos para os filhos desenvolver habilidades interpessoais e fortalecer a confiança. Além disso, algumas ações como interromper os filhos quando eles tentam explicar algo, menosprezar os seus sentimentos, dar sermões, entre outras atitudes, podem suscitar ressentimento, desconfiança e uma posição de defesa no filho, afastando-os dos pais. A Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU/Unicef, 1990) determina, no artigo 27, que “é da responsabilidade parental e de outros cuidadores assegurar, de acordo com as suas competências e capacidades financeiras, as condições de vida necessárias para o desenvolvimento da criança”. Sendo assim, a família não pode se eximir de suas responsabilidades, é preciso garantir todos os cuidados possíveis para garantir o seu progresso.

Os dados fornecidos pelo Conselho Tutelar sobre a violação de direito contra crianças e adolescentes, encontrados na cidade de Mossoró/RN, nos traz informações essenciais para o fortalecimento e/ou construção de políticas públicas que venham beneficiar as famílias, apresentando os bairros mais afetados pela violência; distribuição geral, geográfica e por zona dos casos de violação, assim como também, a distribuição dos casos de violação por faixa etária; a caracterização dos tipos de violência que mais acometem as crianças, além de revelar os maiores agentes de violação. Os dados nos levam a acreditar na necessidade do fortalecimento do vínculo afetivo familiar, tendo em vista que os maiores violadores são as mães. Também entendemos ser imprescindível apoio psicológico à criança/adolescente e àqueles adultos que convivem juntos, além da necessidade de outros serviços que venham contribuir para o desenvolvimento pleno da criança e o seu bem-estar. A ação e planejamento de atividades intersetoriais poderá contribuir para o rompimento do ciclo de violência geracional.

Diante do cenário exposto, é preciso fazer algo. Apenas identificar dados alarmantes e cruzar os braços não muda a história, não transforma as dores vivenciadas pelas crianças. É preciso denunciar, mas, também, envolver toda sociedade junto à Rede de Proteção sensibilizando a todos para o cenário de violência que tem marcado a infância. Além disso, divulgar informações às comunidades e capacitar profissionais com vistas à prevenção será primordial para que não venha ser preciso lamentar pelo presente e perder a esperança de um futuro melhor. Para isso, nada melhor do que a escola para encabeçar a luta em prol dos direitos da criança, considerando ser um espaço de fluxo intenso de adultos e crianças, o que facilita o acesso às famílias para escuta, diálogo e ações de combate à violência.

3.4 A escola como colaboradora da rede de proteção à criança

Falar em escola como colaboradora da Rede de Proteção à infância é referir-se à escola de qualidade e profissionais capacitados para além dos conteúdos, mas em atender às diversas demandas de impacto social que lhes chegam, por meio das crianças e suas famílias.

Estamos inseridos num contexto sociopolítico e cultural em que percebemos se esvair, às nossas vistas, a educação das crianças. Há um quadro de negligência, e demais violações de direitos, que as atinge covardemente, direta ou indiretamente, por meio do Estado, da sociedade ou dos seus próprios familiares. Ainda não sabemos o final da história, mas o que experienciamos são as muitas vozes falando e poucos ouvidos dispostos a escutar. Os gestores clamam por melhores estruturas, os professores por salários mais dignos, as famílias pelos direitos dos seus filhos, e o governo dizendo o que vai fazer. Mas, e as crianças? Quem está parando para escutar os seus anseios? E os seus dilemas, quem irá resolver?

Será que a correria vivenciada pelo professor em sala de aula, que troca de escolas de um turno para o outro; o cansaço; as demandas familiares e individuais de cada aluno que lhes chega; a insatisfação com a remuneração; problemas pessoais, entre outras questões, os fazem perceber e exercer seu papel como ator da Rede de Proteção? Será que essas questões podem influenciar negativamente o processo de escuta na relação pedagógica para melhor compreender a criança, perceber suas potencialidades e escutar seus questionamentos de modo que haja uma reciprocidade baseada na interlocução? Numa visão holística, há sim interferência, pois tudo está inter-relacionado, seja aspectos, físicos, políticos, psicológicos, sociais, entre outros, perfazem à realidade encontrada. Mesmo diante de um cenário exaustivo aos profissionais da educação, se faz necessário refletir sobre o papel da escola e do educador do século XXI, que vai além do ensino de conteúdos. Mais do que cognição é preciso o estímulo das relações humanas, imprescindível para a vida, para lidar com o mundo extraescolar.

Sabemos que são muitas as demandas vivenciadas na rotina escolar. Mas, o certo é que, continuar como está não muda o panorama. Se o Projeto Político Pedagógico não tem favorecido aos professores, famílias e as crianças, será preciso uma reformulação baseada nas necessidades atuais e locais onde todos tenham voz e vez. É preciso avançar para levar educação de qualidade e, ao mesmo tempo, proteção por meio da informação e ações educativas que sensibilizem a comunidade escolar quanto às questões que tem acometido as crianças. Negligenciar as ações educativas e protetivas vai além de um ato de irresponsabilidade e covardia, mas sim, nos tornamos contraventores do direito infantil ao decidir fechar os olhos para

uma realidade vigente. As crianças estão tendo os seus direitos violados, e elas querem falar, mas, muitas vezes, não sabem como e nem para quem contar.

Construir espaços de diálogos e escuta é também o papel das instituições escolares de crianças pequenas. Conforme Kramer (2015, p. 2)

> Cabe à educação infantil exercer seu papel de diálogo, o respeito e o desenvolvimento humano. Ouvir o outro, a criança ou adulto, identificar o que diz e responder de forma adequada são, nesta perspectiva, fatores básicos para a educação de qualidade e um desafio a ser assumido.

Não podemos mais continuar com as mesmas práticas do passado, de uma pedagogia tradicional, com a mesma visão sobre a criança, e a mesma postura de professor centralizador. Ao invés de fortalecer os vínculos afetivos, termina afastando o diálogo entre professor, família e aluno. Estamos cercados de novos desafios, e, para isso, precisamos assumir o nosso papel de educadores, sobrepujando os limites de uma educação conteudista e verticalizada, quando só o professor fala, mas, sim, conectados às necessidades dessa nova infância, das crianças dos dias atuais, sujeitos de direitos e não objetos de proteção e direito dos adultos.

As redes de Educação Infantil, colaboradoras no processo da construção da identidade da criança, precisam desvelar a importância do seu papel valorizando não só a centralidade da criança no processo de construção, mas, também, dos demais atores envolvidos, como os professores e a família, pois são componentes constituintes imprescindíveis para a proteção e formação da criança em sua plenitude, o que coaduna com a visão da Pedagogia da Escuta em que a concepção interacionista se revela. Todos precisam ser ouvidos e incluídos nesse processo.

Araújo (2007, p. 56) nos traz a reflexão de que “[...] a educação não pode mais ficar limitada aos muros escolares, mas deve estender ao bairro e à comunidade aos quais atende, incluindo as relações com as famílias dos estudantes e as demais pessoas que convivem no entorno.”, deixando claro, no entanto, que essa visão não significa que a escola abrirá mão de seu papel educacional, enquanto instituição, mas alargará os espaços para ter contato com todo entorno, contribuindo para a construção de um ambiente ético e politizado, com vistas à promoção da cidadania e ao comprometimento com famílias e crianças enquanto Rede de Proteção. De acordo com o artigo 53 do Estatuto da Criança e do

Adolescente “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania...”. É preciso conhecer o Estatuto para fazer valer o direito das crianças.

Promover a cidadania é trabalhar também com os direitos das crianças como parte integrante da sociedade. Isso pode e deve ser feito a partir da Educação Infantil com atividades diversas, como, por exemplo, a contação de histórias que, numa linguagem adequada e lúdica, trará verdades a serem conhecidas e melhor compreendidas com informações que gerem autoproteção. Já no Ensino Fundamental, com o advento da lei 11.525 de 2007, tornou-se obrigatório conteúdos, à luz do ECA, que tratem sobre os direitos das crianças e adolescentes. As escolas precisam estar atentas, não apenas para cumprir a lei, mas, acima de tudo, para que seus direitos sejam conhecidos por todos. Para isso, é preciso a sensibilidade e o comprometimento de educadores em abordar temáticas que venham alertar as crianças sobre os riscos que as rodeiam, ajudando-as refletir sobre o assunto e as possibilidades de ações para se protegerem.

A construção da formação da criança na escola deve ser repensada e revista na prática cotidiana, pois, se não buscarmos reflexões a respeito, poderemos incorrer no distanciamento entre a teoria e prática, um engessamento nas ações educacionais, podendo vir a refletir diretamente sobre as atitudes das crianças, dentro e fora da instituição escolar, na qualidade do diálogo, na visão de mundo e sobre si.

Morin (2010, p.47) cita Durkheim ao falar sobre o objetivo da educação, nos fazendo refletir que não é simplesmente levar informação, mas gerar conhecimento que leve à transformação, ou seja, “[...] trata-se de transformar as informações em conhecimento, de transformar o conhecimento em sapiência [...].” Os professores precisam ter isso em mente para que o processo educativo não seja um ato meramente mecânico e destoante da realidade da criança.

Precisamos nos questionar: o que queremos em relação aos alunos que chegam às salas de aula? Como educadores é necessário percebermos que é preciso mais do que um espaço escolar, pois não estamos em busca simplesmente de uma estrutura física; mais do que profissionais com bons currículos, pois não estamos em busca apenas de trabalhadores; mais do que um Projeto Político Pedagógico arquivado, pois almejamos que a escrita saia do papel; mais do que

uma Base Nacional Comum Curricular, pois devemos ir além das normas; mais do que pais que simplesmente levem e peguem seus filhos nas escolas, pois eles precisam de seus responsáveis imbuídos no processo de aprendizagem, pois isso fortalece os laços afetivos e autoestima das crianças. Cada uma dessas questões contribui para a efetivação dos direitos das crianças, pois é saindo da inércia que a prática se configura.

Não temos como pensar numa escola como colaboradora de uma Rede de Proteção sem pensarmos na qualidade de sua prática. Precisamos de visão e prática coerente com a realidade que rodeia as crianças e que, acima de tudo, haja respeito na comunicação dessas relações que envolvem tantos atores sociais, em especial o professor/mediador no processo de ensino e aprendizagem. É preciso cuidado para que a cultura da violência verbal, marcada pela rispidez das palavras, além da frieza no olhar, falta de escuta e empatia pela dor do outro não ganhe guarida nos espaços escolares, pois isso seria negligenciar aquilo que o outro quer dizer. Seria um desperdício de tempo falar sobre os direitos das crianças violando esses direitos.

A relevância do professor na formação do aluno é inquestionável, a sua qualificação profissional também. Precisamos pensar que temos em nossos cuidados uma criança em formação e que a formação dessa criança dependerá de como as vemos e atribuímos sentido ao que ela faz e fala. É nesse caminho interacionista e dialógico que, a criança e o adulto juntos, constrói e descontrói teorias, fortalece ou repensa seus posicionamentos. Desse modo, o professor não pode pensar em desenvolver sua prática de qualquer jeito, ou do modo como ele acha “que funciona” (NIND, CURTIN E HALL, 2019, p. 29), pois o aluno não vai aprender de forma passiva, mas elaborando seus próprios conceitos. Piletti e Rossato (2018, p. 42) reforça esse pensamento ao dizer que “o professor deve, pois, criar situações de ensino de modo a propiciar aprendizagens que realmente tenham sentido para os alunos.” Para isso, é fundamental que haja um despertamento para uma proposta pedagógica que esteja disposta, não só a ensinar, mas a escutar e dar abertura para o novo. Freire (1996, p. 86) ressalta que:

> “o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não

> apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professores e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*".

É no despertar da curiosidade que nascem as descobertas, que se fazem novas experiencias, que a interação ocorre. Refletindo sobre os segmentos da educação, acerca da postura adotada pelos profissionais da educação, Demo fala sobre o engessamento do processo educativo, mas faz um destaque positivo a Educação Infantil dizendo que ela se mostra mais sábia por desenvolver atividades que instigam o aluno a produzir e, não simplesmente, a assistir aula. Ao falar das atividades com crianças pequenas Campos (2008, p. 127) diz que...

> Tudo acontece de maneira integrada e a organização do tempo e do espaço deve permitir que o cotidiano ofereça oportunidades de desenvolvimento, de socialização e de interação às crianças, de acordo com suas possibilidades e necessidades.

Como educadores, devemos sempre nos questionar se o que fazemos está proporcionando o desenvolvimento, a interação, a participação e curiosidade dos alunos. Freire (1996, p.85) diz que "como professor devo saber que sem curiosidade que me move, me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino". Esse pensamento fortalece a escola enquanto Rede de Proteção, pois é preciso a formação de crianças pensantes, que socializem ideias e experiências a partir da realidade que as cerca, a fim de que novas aprendizagens aconteçam. Morin (2010, p.65) diz que o objetivo da educação é preparar para a vida. Ele diz que "a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão." Essa verdade deve iniciar na Educação Infantil, quando as crianças começam a elaborar, de modo mais sistemático, suas primeiras experiências.

A escola como colaboradora da Rede de Proteção valoriza as relações humanas, é um lugar feliz para as crianças e para todos que dela participam, sejam professores, funcionários ou familiares. É um espaço que tenha como desejo transformar a realidade das crianças por meio de práticas que lhes possibilitem construir ideias, refazer práticas, colaborar com as ações pedagógicas, refletir e questionar informações que lhes chegam por meio de uma conversa mais formal em sala de aula ou por meio de uma contação de história, como falamos anteriormente.

Para muitas crianças e famílias, a escola é assim, um lugar que gera proteção e alegria.

Nesse período da pandemia, infelizmente, muitas crianças perderam seu lugar de aprendizagem, alegria e segurança. Algumas ficaram em casa por mais de um ano sem poder brincar na escola, se comunicar com amigos, interagir com professores e realizar as atividades pedagógicas que tanto lhes favoreciam. Era esse espaço onde as crianças aprendiam, mas, também, conseguia falar e ser escutada. Luciana Temer, presidente do Instituto Liberta[49], demonstra preocupação com a violência que aumenta nessa pandemia, pois as crianças não estão tendo acesso à escola para pedir socorro, conforme relata na entrevista à CNN Brasil. A esse mesmo jornal, o advogado Ariel de Castro Alves diz que o número de subnotificações aumentou já que muitas denúncias vinham da escola. Sem dúvidas, o papel da escola (educadores, gestores e demais funcionários) é primordial frente ao combate à violação dos direitos da criança.

Importante entendermos que no combate à violência contra a criança a escola não está sozinha, apesar de ser essencial no processo, tendo em vista receber diariamente crianças e familiares em seus espaços, ela precisará contar com as diferentes instâncias públicas governamentais e sociedade civil previstas pelo Sistema de Garantia de Direitos (SGD) de modo a "promover, defender e controlar a efetivação dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais, coletivos e difusos, em sua integralidade, em favor de todas as crianças e adolescentes", conforme previsto no art. 2°, da Resolução 113/2006, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA).

Um dos grandes parceiros da escola é o conselho tutelar que deve sempre estar ciente sobre as situações de violação de direitos. O artigo 56 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz que os dirigentes de escolas devem comunicar casos de maus-tratos envolvendo seus alunos; reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares e, por último, elevados níveis de repetência. A conselheira tutelar Umberiana Maniçoba, que atua há 18 anos nessa função, ao participar de uma entrevista conosco disse que...

[49] O Instituto Liberta atua no Brasil, desde 2016, contra a exploração sexual de crianças e adolescentes.

> O conselho tutelar, ele é um parceiro da escola pública municipal, principalmente estadual no que diz respeito a garantia dos direitos da criança e do adolescente, durante todo decorrer do ano, à medida que vamos sendo solicitados, ministramos palestras, orientações, tiramos dúvidas e atendemos os casos encaminhados pela escola até o conselho tutelar. Nesse período de pandemia, essas palestras e campanha de divulgação dos direitos da criança e do adolescente tem sido ministrada de forma remota, através de videoconferência e através dos meios de comunicação.

De acordo com Umberiana, o Conselho Tutelar não parou nenhum dia de atender às demandas no período de pandemia. Os atendimentos aconteceram de forma remota (via telefones, e-mail e WhatsApp), e, em maio de 2021, retornaram para o presencial obedecendo aos protocolos de segurança. De modo resumido, o Conselho tutelar tem o papel de atender crianças e adolescentes, além de atender e aconselhar pais ou responsáveis e promover a execução de suas decisões como, por exemplo, solicitar serviços públicos. As atribuições do Conselho Tutelar estão previstas no artigo 136 do ECA (1990).

A conselheira tutelar Umberiana fala sobre a importância do papel da escola e do professor integrantes da Rede de Proteção. Ela diz que...

> A escola e o professor têm um papel fundamental na garantia dos direitos da criança e do adolescente, principalmente nesse período de pandemia. As crianças desenvolvem uma afinidade muito grande com a figura do professor, que é um adulto de referência, em quem elas confiam. E aí elas acabam manifestando nesse ambiente escolar a violência que elas sofrem em casa.

O relato espontâneo da criança pode acontecer a qualquer momento e os professores precisam ser capacitados para essa escuta a fim de evitar a revitimização da criança, violando seus direitos. Entendemos que os educadores não foram preparados para a escuta nas Universidades, especialmente quando o assunto é voltado para a violência contra crianças ou adolescentes. São casos delicados e que é preciso sensibilidade para escutar, acolher os sentimentos, mas ao mesmo tempo, firmeza para agir em favor da criança.

Segundo Friedman (2019), estudo sobre a escuta ainda é algo muito novo, inclusive na área da educação. Ela diz que a ideia de escutar as crianças ainda não faz parte dos currículos, ainda está imbuído no ensino tradicional a ideia de ensinar e promover o desenvolvimento da criança. Esse é um assunto que tem entrado ainda de forma tímida nas formações de professores.

Apesar da pouca informação que temos sobre abordagens de escuta na área educacional, precisamos desenvolver essa sensibilidade estudando, mas, também, sentindo o que o aluno quer dizer, seja por meio da linguagem oral, seja corporal, é preciso bastante atenção para escutar as muitas vozes, em suas diversas formas de expressar.

No combate a violência, a escuta é fundamental, e ela deverá levar o adulto a uma ação posterior. Na escola, muitos profissionais ainda se sentem inseguros sobre como agir diante de uma desconfiança de maus tratos ou do relato espontâneo de uma criança. A conselheira Umberiana diz que...

> A escola e o professor podem ser mais atuantes no combate à violência contra criança e adolescente fazendo trabalhos de conscientização junto às famílias e às próprias crianças. E, também, encaminhando as denúncias de violação de direito, com parceria com o conselho tutelar, comunicando os casos para que se tome as medidas cabíveis. A denúncia pode ser até mesmo de forma anônima.

Os professores precisam ser capacitados para andar em conformidade com às políticas públicas, fortalecê-las no processo educacional e até implementar novas políticas, no que tange à violação de direitos e proteção da criança. Isso vai gerar mais segurança aos profissionais da educação e aproximar de outros setores do serviço público que poderão auxiliá-los no processo de abordagem da criança e denúncia como exemplo: secretaria de educação, assistência social, órgãos da saúde, ministério público, além do conselho tutelar, citado anteriormente.

Com o propósito de delinear ações e melhor visualizar a prática no âmbito educacional infantil, na expectativa da escola se fortalecer junto aos poderes públicos como colaboradora da rede de proteção à criança, pontuaremos algumas estratégias que poderão ser desenvolvidas na escola e pela escola junto à família, sociedade e Estado:

a) Capacitar de forma periódica os educadores e demais profissionais da escola para sensibilização e conhecimento da temática sobre a violação dos direitos da criança, além de promover reflexão de possíveis ações a serem desenvolvidas, de modo a articular teoria e prática;

b) Propor reuniões semestrais com as famílias e pessoal do Sistema de Garantia de Direitos a fim de esclarecer serviços que estão à disposição da comunidade, como também, abordar direitos e deveres;
c) Articular ações de conscientização e combate à violência contra a criança para a comunidade, dentro e fora da escola;
d) Desenvolver atividades culturais com temáticas sociais relevantes à comunidade;
e) Planejar palestras, congressos, entre outras atividades, que abordem a temática da violência contra criança para professores e demais pessoas da Rede de Proteção;
f) Oferecer oficinas aos educadores que abordem a contação de história e a importância da escuta como meio de acolher, alertar e proteger a criança;
g) Fazer levantamento, junto aos demais órgãos da Rede de Proteção, dos problemas latentes enfrentados no entorno escolar e àqueles sofridos pelas famílias das crianças da escola, com objetivo de promover ações e palestras que venham beneficiar e mitigar o sofrimento de todos. Podendo, também, se basear na pesquisa descritiva apresentada pela autora desta dissertação referente aos dados fornecidos pelo conselho tutelar quanto a violação dos direitos da criança;
h) Construir um protocolo de ação para os educadores/escolas e demais instituições infantis, orientando possíveis abordagens e outras ações, diante de possíveis denúncias feitas pela própria criança (relato espontâneo) ou suspeita de violência contra a criança;
i) Propor a construção da Ouvidoria da Criança em cada sala de aula, de preferência, ou uma por escola, deixando em local de fácil acesso para uso das crianças;
j) Planejar roda de conversa para pais com temáticas voltadas para a primeira infância e promoção da saúde mental de crianças e adultos;
k) Adquirir livros de literatura infantil que abordem temáticas sobre o direito das crianças, inserindo no currículo escolar. Podendo utilizar os livros escritos e expostos nesta pesquisa;

l) Construir grupos focais, promovendo a intersetorialidade, para estudo e cronograma de visita às escolas junto ao conselho tutelar e demais órgãos públicos para planejamento, mapeamento, fiscalização, avaliação e retroalimentação;

m) Fortalecer e implementar políticas públicas por meio de planos de ação.

Com algumas ações, a escola estará agindo como articuladora de políticas públicas que favorecerá toda a comunidade escolar. A mais importante estratégia é a conscientização do papel de cada um para escutar a criança e denunciar os casos suspeitos e comprovados de violação. Os poderes públicos devem trabalhar juntos em prol da criança, e a escola será espaço para disseminar informação e, ao mesmo tempo, proteção junto aos demais órgãos que integram a Rede de Proteção.

Entendemos que, para construção de políticas públicas é necessário investimento financeiro, mas investir em crianças no exercício diário da profissão educador requer o que denominamos de EPAA: Estudo; Planejamento; Atenção e Amor. Se há estudo, haverá conhecimento das fases do desenvolvimento infantil, possibilitando um melhor planejamento, respeitando a faixa etária da criança; se há planejamento, não haverá perda de tempo com ações desnecessárias, pois os recursos didáticos estarão à mão e ideias a serem construídas junto aos alunos estarão bem estruturadas; se há atenção aos alunos, eles sentirão e retribuirão com a mesma atitude. E, finalmente, o amor, ingrediente que não pode faltar, o principal de todos, pois se nos falta, todas as demais ações serão comprometidas, pois é ele que nos liga uns aos outros e nos move a fazer o que é preciso. Que no processo de mobilização em prol da proteção da criança não falte EPAA e que, não apenas a escola, mas todos tenhamos o sentimento de pertença da Rede de Proteção à criança atuando como colaboradores ativos nesse processo.

4. A PRÁTICA MUDOU, A VISÃO AMPLIOU E AS EXPECTATIVAS CONTINUAM

Trazer à memória minha trajetória de vida, desde a entrada na educação infantil até os demais espaços visitados como turmas do Ensino Fundamental, unidade de acolhimento infantil, comunidade rural, praças e igrejas, fez-me contemplar não apenas informações datadas de períodos experienciados, mas revelam a minha formação e transformação de atitude e visão sobre a contação de história, a pedagogia da escuta e a violência que vem entrelaçando a vida das crianças. Foi a partir desses lugares de vivência, experienciando a contação de história, que foi sendo formada uma identidade, uma nova visão. A autoformação foi ocorrendo, assim, também, como a autovalorização enquanto educadora/contadora de história e valorização do outro que deixou de ser visto apenas como sujeito que está presente para ouvir uma história, mas, ao contrário, para interferir nela, elaborando estratégias, trazendo sugestões, opinando sobre os personagens e, sobretudo, trazendo relatos sobre si. Com isso, ao rememorar o passado, fui percebendo que a realidade das crianças em diferentes espaços foram me reconstruindo como profissional e pessoa, a sensibilidade foi sendo aflorada para uma nova intenção ao contar história, agora não mais só para contar algo, mas para ouvir o que o outro tem a dizer, a sua história, as suas experiências, os seus dilemas, as suas dúvidas, além de levar informação de maneira intencional com vistas a gerar autocuidado e proteção, além de acolher os sentimentos por meio da escuta.

Um novo mundo da contação foi encontrado ao me deparar com diferentes realidades, foi descortinado um universo que ainda não havia me atentado. Era necessário conhecer o mundo das crianças que não tinham apenas ouvidos para oferecer, mas todo o seu corpo para falar, expressando suas ideias, dúvidas, sugestões e dilemas. Ainda que a Pedagogia da Escuta não traga consigo uma proposta específica em ouvir as dores das crianças, ela foi gerada a partir de um caos social, pós-segunda guerra, onde a escola precisou ser reconstruída, com as vozes e escuta de todos, ou seja, é uma pedagogia sensível ao outro. Na perspectiva Reggiana, Rinaldi (2016, p.235) diz que a escuta tem por objetivo a busca por significado naquilo que fazem, encontram e vivenciam. E isso é

fundamental para a vida. Que nada aconteça por acontecer, que haja descobertas, que curiosidades sejam geradas e respostas encontradas e com isso um novo ciclo de questionamentos e debates venham suceder. Essa foi à perspectiva que passamos a desfrutar no ato de contar história, informar contando dentro de um contexto em que o significado é favorecer a vida.

Ainda que Rinaldi (2016) nos apresente as crianças como, de fato são, seres ativos, competentes e fortes, e não como frágeis, carentes e incapazes, elas são ainda pessoas em desenvolvimento conforme artigo 6º do ECA[50] e artigo 3º da Lei da Escuta[51], necessitando de atenção especial. As crianças precisam ser preparadas para a vida, como nos inspira fazer a pedagogia da escuta, não apenas no campo da cognição, o raciocino lógico a ser instigado precisa ir além de problemas matemáticos, mas questões relacionadas às situações da vida cotidiana, dentro ou fora da escola. Em meio às inquietações em proteger e preparar as crianças para a vida foram surgindo questões como: O que fazer diante de situações que lhes deixam tristes ou podem lhes gerar riscos? Será que as crianças percebem quando seus direitos estão sendo violados? Será que estão contando para alguém os dilemas que vivenciam? Esses e tantos outros questionamentos foram surgindo e, com isso, veio a ideia de associar assuntos delicados de serem tratados nos espaços educativos à contação de história. Com as experiências vivenciadas fui percebendo que no ato de contar história há uma aprendizagem que é coletiva, e essa visão foi abrindo portas para a relação dialógica e escuta, pois as vozes das crianças passaram a ser percebidas como primordiais no processo de construção de novos saberes proporcionados pela contação de história.

[50] Art. 6º diz que “Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento.”

[51] Lei da Escuta Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017 estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). O Art. 3 º diz que “Na aplicação e interpretação desta Lei, serão considerados os fins sociais a que ela se destina e, especialmente, as condições peculiares da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento, às quais o Estado, a família e a sociedade devem assegurar a fruição dos direitos fundamentais com absoluta prioridade.” Disponível em https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf

Após estudos sobre os autores que abordam sobre leitura de histórias infantis e o ato de contar, fica compreendido que a linguagem na história e no ato de contar pode tornar o assunto mais leve, ao mesmo tempo compreensível, podendo gerar o autocuidado na criança, ajudando-a a despertar para questões ainda não conhecidas e, consequentemente, a se proteger dos perigos que as cercam. Também ficou apreendido que, ao contar uma história, é preciso levar em consideração a faixa etária, respeitando seu nível de maturidade cognitivo e emocional. A forma como o contador de história irá se colocar em relação a linguagem fará toda a diferença para que a informação seja compreendida com tranquilidade, ao invés de gerar angústia e incompreensão, como nos alerta Coelho (2008). Nesse processo de contar, aprendemos também que é preciso escutar. Isso faz toda diferença para perceber o que a criança tem a nos dizer, seja sobre os personagens da história, seja sobre sua própria vida.

A pedagogia da escuta nos revelou a sensibilidade em perceber o quanto a criança tem a falar e a ensinar por meio das suas múltiplas linguagens. Se cada escola e/ou instituição infantil e demais setores da rede de proteção estiverem sensíveis as vozes das crianças, muitas dúvidas serão sanadas, possíveis temas desconhecidos serão trazidos à tona para conhecimento de todos e proteção das crianças.

De acordo com a constituição de 1988 fica claro que a responsabilidade de oferecer cuidado e proteção à criança é de todos (família, sociedade e Estado), por isso precisamos nos unir de maneira integrada e integral, como atores de uma mesma rede de proteção para garantir os direitos das crianças e evitar as suas violações. Ao longo do estudo ficou perceptível o avanço em relação aos direitos das crianças concretizando-se em leis, contudo dados sobre a violência continuam alarmantes, o que mostra a necessidade, antes de tudo, da valorização da criança em nossa sociedade, abrindo os olhos para enxergar a violência e denunciar a covardia acometida às crianças e destapando os ouvidos para escuta das vozes silenciadas, muitas vezes dentro do próprio lar. Os dados levantados por meio do conselho tutelar evidência que há ainda que se investir, fortalecer e até planejar políticas públicas de qualidade para efetivação dos direitos dispostos em lei.

Pesquisar sobre a contação de história, tendo em vista a importância da pedagogia da escuta, na perspectiva da prevenção e combate à violência contra

crianças nos impulsiona a ir além. Pensar estratégias como possibilidades pedagógicas no ato de contar histórias na perspectiva da pedagogia da escuta; refletir possibilidades sobre como as escolas podem atuar de maneira mais veemente enquanto integrante da rede de proteção a criança; refletir sobre a Ouvidoria da Criança e seu uso em escolas; escrever livros baseada na escuta da realidade preeminente com propósito de levar informação e proteção gerando autocuidado às crianças são pequenos passos dados durante essa pesquisa que visa ampliar suas ações. Entendemos que as ideias aqui propostas, por meio do entrelaçar de histórias e experiências de vida, são apenas um ponto de partida para tantas ações que vislumbramos nascer no chão dos espaços educativos que abraçam as crianças do nosso Brasil.

REFERÊNCIAS

A CADA 15 minutos, uma criança sofre maus-tratos no Brasil.**Observatório do terceiro setor,** 2021**.** Disponível em: https://observatorio3setor.org.br/noticias/a-cada-15-minutos-uma-crianca-sofre-maus-tratos-no-brasil/. Acesso em: 26 mai. 2021.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ACOSTA, Ana Rojas; FALLER Maria Amalia; LOSACCO, Silvia. **Família:** Redes, Laços e Políticas Públicas**.** 6. ed. PUC São Paulo: Cortez, 2014.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBOZ, Vivian. **O olhar docente sobre escuta, autoria e protagonismo das crianças em uma escola municipal de educação infantil na cidade de São Paulo**: conquistas e desafios. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19206. Acesso em: 15 out. 2019.

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidas e mais.** Campinas: Verus Editora, 2005.

ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. 8.ed. Campinas: Papirus, 2003.

ANTÔNIO, Severino; TAVARES, Katia; "Poética da Infância", p. 27 -34. In: **Quem está na escuta?** Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças. São Paulo: Blucher, 2018.

ANTUNES, Celso; ALVES, Rubem. **O aluno, o professor, a escola:** uma conversa sobre educação. Campinas/SP: Papirus 7 mares, 2011.

ARANTES, Valéria A. (org); ARAÚJO, Ulisses Ferreira; PUIG, Josep Maria. **Educação e valores:** Pontos e Contrapontos. São Paulo: Summus, 2007.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Série Pesquisa em Educação, v. 3, Brasília, Líber Livro Editora, 2007.

BEMJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 1994.

BENJAMIN, W. (1984). **Reflexões**: a Criança, o Brinquedo, a Educação. São Paulo: Summus.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituiçao.htm. Acesso em: 10 fev. 2020

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF,1990. www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 10 fev. 2020

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 26 dez. 2019.

BRASIL. **Resolução n.º 113**, de 19 de abril de 2006, dispõe sobre os parâmetros para a institucionalização e fortalecimento do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, Brasília: SEDH/CONANDA, 2006.

BRENMAN, I.; PONDÉ, L. **Quem tem medo do lobo mau?:** O impacto do politicamente correto na formação das crianças. Campinas, SP: Papirus 7 mares, 2019.

BROCKINGTON, G., GOMES MOREIRA, A. P., BUSO, M. S., Gomes da Silva, S., ALTSZYLER, E., FISCHER, R., & MOLL, J. (2021). Contar histórias aumenta a ocitocina e as emoções positivas e diminui o cortisol e a dor nas crianças hospitalizadas. Procedimentos da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos da América, 118(22), e2018409118. https://doi.org/10.1073/pnas.2018409118. Disponível em: https://www.pnas.org/content/118/22/e2018409118. Acesso em: 13 jul. 2021.

CAMPOS, Maria Malta. Educar crianças pequenas: Em busca de um novo perfil de professor. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 121-131, jan./dez. 2008. Disponível em: http//www.esforce.org.br. Acesso em: 08 out.2019.

CARLSON, R; ARTHUR, N. Play Therapy and the Therapeutic use of Store. **Canadian Journal of Counseling**, v.33, 1999. Disponível em: https://eric.ed.gov/?id=EJ603020. Acesso em: 10 fev. 2020.

CARROLL, Lewis. **Alicia en el país de las maravillas**. 2. ed. España: Optima Editorial, 2001.

CARVALHO, M. **Escuta sensível:** protagonismo na educação. Sorocaba, SP, 2017. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa e Pós –graduação em Educação. Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2017: Disponível em:

http://educacao.uniso.br/producao-discente/teses/Teses_2017/margly-genofre.pdf. Acesso em: Acesso em: 08 out.2019.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **(Con)Texto em escuta sensível.** Brasília: Thesaurus, 2011.

CHICARO, M.; PLUCIENNIK, G.; LAZZARI, C (org.). **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil**: parentalidade em foco. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2015.

COELHO, B. **Contar histórias: Uma arte sem idade**. 10.ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Relatórios Estatísticos Nacionais.** Brasília: CNJ, 2021. Disponível em: https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=4f1d9435-00b1-4c8c-beb7-8ed9dba4e45a&opt=currsel&select=clearall. Acesso em 10 mai.2021.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução a Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Makron books, 2001.

DEMO, Pedro. **Pesquisa:** princípio científico e educativo. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DOHME, Vânia D' Ângelo. **Técnicas de Contar histórias 1:** um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

DOLTO, Françoise. **Psicanálise e pediatria**. Traduzido por A. Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara. 1988.

EDWARDS, Carolyn. Professor e aprendiz**:** parceiro e guia. O papel do professor. *In*: EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 45-85.

EDWARS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016.

FALEIROS, Vicente de Paula. FALEIROS, Eva Teresinha. **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "Estado da Arte"**. Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, agosto/2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf. Acesso em: 02 dez. 2019.

FLEURY, Heloisa. Diálogo e respeito são chaves para uma boa relação familiar. **Redação A12**, 2017. Disponível em:

https://www.a12.com/redacaoa12/brasil/dialogo-e-respeito-sao-chaves-para-uma-boa-relacao-familiar. Acesso em: 30 mar. 2021.

FONTANA, Roseli e CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FRANCO, Luiza. Investir em educação para a primeira infância é melhor 'estratégia anticrime', diz Nobel de Economia. **BBC News Brasil**, 2019. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/geral-48302274. Acesso em:17 abr.2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

FREITAS, D.; MEIRELLES, A.; TULIO, M. Pandemia provoca subnotificação de casos de abuso, dizem especialistas. **CNN Brasil**, 2020. Disponível em:https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/09/12/pandemia-provoca-subnotificacao-de-casos-de-abuso-dizem-especialistas. Acesso em: 26 mai. 2021.

FRIEDMAN, Adriana. Como apurar a escuta com as crianças por Adriana Friedman. **Aliança pela Infância**, 2020. Disponível em: http://aliancapelainfancia.org.br/como-apurar-a-escuta-com-as-criancas-por-adriana-friedmann/. Acesso em 30 mar. 2021.

FRIEDMAN, Adriana. Como apurar a escuta com as crianças. **Aliança pela Infância**, 2020. Disponível em: http://aliancapelainfancia.org.br/como-apurar-a-escuta-com-as-criancas-por-adriana-friedmann/. Acesso em 30 mar. 2021.

FRIEDMAN, Adriana. Muito além do ouvido: o que é efetivamente escutar uma criança?. **Lunetas**, 2019. Disponível em: https://lunetas.com.br/escuta-infantil/. Acesso em 31 mar.2021.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz da criança:** escutas antropológicas e poéticas das infâncias**.** São Paulo: Panda Books, 2020.

FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e Culturas Infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

GANDINI, Lella. História, ideias e princípios básicos: uma entrevista com Loris Malaguzzi. *In*: EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 45-85.

GOMES, Adriana de Albuquerque; GOMES, Lígia Ebner Melchiori. **A teoria do apego no contexto da produção científica contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GOTTMAN, J.; DE CLAIRE, J. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

GOVERNO FEDERAL (Brasil). **Crianças e adolescentes são vítimas em mais de 76 mil denúncias recebidas pelo Disque 100.** Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/maio/criancas-e-adolescentes-sao-vitimas-em-mais-de-76-mil-denuncias-recebidas-pelo-disque-100. Acesso em: 30 jun. 2020.

GOVERNO FEDERAL (Brasil). **Disque 100 tem mais de 6 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes em 2021.** Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/disque-100-tem-mais-de-6-mil-denuncias-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-em-2021. Acesso em: 25 mai. 2021.

GOVERNO FEDERAL (Brasil). **Trabalho infantil apresenta queda de 17% nos últimos anos no Brasil.** Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2021/01/trabalho-infantil-apresenta-queda-de-17-nos-ultimos-anos-no-brasil. Acesso em: Acesso em 18 mai. 2021.

GUIMARÃES, Daniela. Educação Infantil: espaços e experiências. *In*: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HARVARD UNIVERSITY. Center on the developing Child. **8 coisas para lembrar sobre o desenvolvimento infantil.** Disponível em: https://developingchild.harvard.edu/resources/8-things-remember-child-development/. Acesso em: 18 mai. 2021.

HOROWITZ, Seth S. The Science and Art of Listening. **The New York Times. 09** nov. 2012. Disponível em: https://www.nytimes.com/2012/11/11/opinion/sunday/why-listening-is-so-much-more-than-hearing.html?src=me&ref=general. Acesso em:07 abril 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Perfil das crianças do Brasil. **IBGEeduca**, 2018. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20786-perfil-das-criancas-brasileiras.html. Acesso em: 23 dez.2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2021**. Trabalho infantil cai em 2019, mas 1,8 milhão de crianças estavam nessa situação**.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019**.** Disponível em: https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/29738-trabalho-infantil-cai-em-2019-mas-1-8-milhao-de-criancas-estavam-nessa-situacao.html. Acesso em: 18 mai. 2021.

JAMES J. Heckman Biographical**. Nobelprize.org**, 2021. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/2000/heckman-bio.html. Acesso em: 22 mar. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, ano XXX, p. 413-438, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. 2 ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

JUBÉ, Úrsula Raquel Ramos. **Estudo das vivências infantis por meio da contação de história**. 2014. 65 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/9675/1/61200870.pdf. Acesso em 25 out. 2019.

KRAMER, S (coord.). **Proposições para a Educação Básica e para a Educação Infantil, em particular**. Relatório Final – Edital Universal. Grupo INFOC. Rio de Janeiro, 2015.

KUHLMANN, M. Jr. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LANÇAMENTO Série The Lancet. . [S.l.: s.n.], 2016. 1 vídeo (ca. 2h58min). Publicado pela UNICEF Brasil. Disponível em: https://youtu.be/SoUOJo5l7Q4. Acesso em: 23 mar.2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. Jan-Abr., 2002, p. 20-28, 2002.

LO, Selina *et al*. A good start in life will ensure a sustainable future for all. **The Lancet**, v. 389, Issue 10064, p. 8 – 9, out. 2016. Disponível em: https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(16)31774-3.pdf. Acesso em: 23 mar.2021

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e princípios básicos: uma entrevista com Loris Malaguzzi. *In*: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança**: a experiencia de Reggio Emilia em transformação: Penso, 2016. p.45-85.

MARTINI, Daniela *et al*. **Educar é a busca do sentido**: aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa de 0-6 anos. São Paulo: Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2020.

MARTINS, J. *et al*. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enfermagem USP**, v. 24, n. 1, p. 139-47, abr. 1990.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MEKARI, Danilo. Uma Cidade Educadora é aquela que escuta suas crianças**. Portal Aprendiz**, São Paulo, 29 ago. 2016. Disponível em https://portal.aprendiz.uol.com.br/2016/08/29/uma-cidade-educadora-e-aquela-que-escuta-suas-criancas/. Acesso em: 31 mar. 2021.

MELO, Karine. Denúncias de violações contra crianças e adolescentes aumentam 14%. **Agência Brasil**. Brasília, maio 2020.Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/denuncias-de-violacoes-contra-criancas-e-adolescentes-aumentam-14. Acesso em: 09 jun.2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NASIO, J. -D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NIND, Melanie; CURTIN, Alicia; HALL, Kathy. **Métodos de pesquisa para a pedagogia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (NCPI). **Importância dos vínculos familiares na primeira infância.** São Paulo: Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, 2016. Disponível em: http://www.ee.usp.br/pesq/apostilas/WP-Vinculos%20Familiares.pdf. Acesso em 03 mar 2021.

NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem.** São Paulo: Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, 2014. Disponível em: https://ncpi.org.br/publicacoes/impactodesenvolvimento/. Acesso em 03 mar 2021.

NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil**. São Paulo: Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, 2020. Disponível em: https://ncpi.org.br/publicacoes/wp-pandemia/. Acesso em 02 abril 2021.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Eduardo Gasperoni de. **O pensar bem na educação infantil**. 2016. 137 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo. Disponível em: http://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/1403/2/Eduardo%20Gasperoni%20de%20Oliveira.pdf. Acesso em 25 out. 2019.

OLIVEIRA, Renata Cristina Dias. **"Agora eu...":** um estudo de caso sobre as vozes das crianças como foco da pedagogia da infância. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.48.2011.tde-15072011-115933. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-15072011-115933/publico/RENATA_CRISTINA_DIAS_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin (col.). **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PARDECK, J. Bibliotherapy with Abused Children. **Families in society - The Journal of Contemporary Human Services**, 4th. ed., v. 71. p. 229-235, 1990. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/104438949007100405. Acesso em: 15 fev. 2020.

PEDUZZI, Pedro. SBP**:** violência mata mais de 103 mil crianças e adolescentes no Brasil**. Agência Brasil.** Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/sbp-violencia-mata-mais-de-103-mil-criancas-e-adolescentes-no-brasil. Publicado em 14/04/2021 – Brasília. Acesso em: 19 mai. 2021.

PERES, Andréia; BAUER, Marcelo. **Da ciência à prática:** os programas de apoio ao desenvolvimento infantil na América Latina. São Paulo: Cross Content, 2018.

PERROW, Susan. **Histórias curativas para comportamentos desafiadores**. Tradução de Joana Maura Falavina. 2.ed. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013.

PESESCHKIAN, N. **O Mercador e o Papagaio**: histórias orientais como ferramentas em psicoterapia. Campinas: Papirus, 1993.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange M. **Psicologia da aprendizagem**: da teoria do condicionamento ao construtivismo. São Paulo: Contexto, 2018.

REICH, B.; ADCOCK, C. **Valores Atitudes e Mudanças de Comportamento. Tradução:** Eduardo D'Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

RINALDI, Carlini. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. *In*: EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 235-247.

ROGERS, Carl. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SALOMÃO, Silvia Cristina. **A gente tem que falar para crescer**: possibilidades e desafios do trabalho pedagógico mediante a escuta das narrativas infantis. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas - PUC, 2008. Disponível em: http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/610. Acesso: 15 de out. 2019.

SAMPAIO, Mariana. **Leitura e contação de histórias na educação infantil**: um estudo sob a perspectiva da teoria histórico-cultural. – Marília, 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2016. Disponível em https://repositorio.unesp.br/handle/11449/147089. Acesso em 14 out. 2019.

SCODELARIO, A. S. *et al*. **O fim da omissão**: a implantação de pólos de prevenção à violência doméstica. São Paulo :Fundação Abrinq,2004.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. ***Mais de 100 mil crianças e adolescentes morreram vítimas de agressões na última década,*** *2021. Disponível em: https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/mais-de-100-mil-criancas-e-adolescentes-morreram-vitimas-de-agressoes-na-ultima-decada/. Acesso em: 25 mai. 2021.*

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. ***Quase 250 casos de tortura, violência física ou psicológica contra crianças e adolescentes são notificados todos os dias no Brasil,*** *2021. Disponível em: https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/quase-250-casos-de-tortura-violencia-fisica-ou-psicologica-contra-criancas-e-adolescentes-sao-notificados-todos-os-dias-no-brasil/. Acesso em: 18 mai. 2021.*

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. ***SBP atualiza recomendações sobre saúde de crianças e adolescentes na era digital****, 2020. https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/. Acesso em 01 abril. 2021.*

SODRÉ, Leticia. **Contação de histórias e dialogia na educação infantil**: uma experiência educativa. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11042018-124147/pt-br.php. Acesso em 14 out. 2019.

SOMA, Sheila Maria Prado. **Contação de histórias como estratégia para a prevenção do abuso sexual infantil**. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6053. Acesso em 08 jan. 2020.

SPINILLO, Alina Galvão. Era uma vez... e foram felizes para sempre: esquema narrativo e variações experimentais. **Temas psicol.** Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 67-

77, abr. 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2020.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

Walker SP, et al. Child development: risk factors for adverse outcomes in developing countries. **The Lancet**, v. 369, n. 9556, p.145-157, jan. 2007. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(07)60076-2/fulltext#secd6391431e818. Acesso em: 23 mar. 2021

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11. ed. Revisada, atual e ampla – São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE - Roteiro da entrevista para membro do Conselho Tutelar
(Entrevista realizada por meio de rede social)

Nome completo: _____

1. Você já tem quantos anos de experiência como conselheira tutelar?

2. Qual o papel do conselho tutelar?

3. Com a chegada da pandemia, mudou alguma coisa no trabalho dos conselheiros tutelares?

4. Você percebe que houve alguma mudança nesse período da pandemia em relação ao número de notificações?

5. Qual a importância da escola/ professor como rede de proteção?

6. De que forma a escola/professor poderia ser mais atuante no combate à violação dos direitos da criança?

7. O conselho tutelar desempenha algum papel junto às escolas? De que forma? Com que frequência? Você considera importante essa parceria? Já houve capacitação junto aos professores/reuniões com pais para o combate a violação dos direitos da criança?

Mossoró, _____de maio de 2021